



CAROL CAPPIA

REAPRENDENDO A
amar

Uma nova chance para a vida.



Reaprendendo a amar

Uma nova chance para a vida

Carol Cappia

Agradecimentos

Palavras as vezes não são adequadas para expressar sentimentos, mas nesse caso são necessárias. Quando a gente começa um livro, começa a narrar meio que uma vida que tem um começo, meio e fim. Nesse percurso várias pessoas estão com você, te apoiando, te incentivando, te guiando. Tenho muita sorte, pois tenho seres maravilhosos que me ajudam e estão sempre comigo e para eles que deixo aqui meu eterno agradecimento.

Minha família. Eva, minha mãe, meu maior orgulho. Meu filhos, Felipe e João, minha vida, e meus irmãos, meus carmas, Lucas e Gabriel.

Eva, minha mãe postiça. Obrigada por ser essa pessoa especial na minha vida, em todos os momentos e sentidos.

Cris, minha cúmplice de loucuras, muito obrigada pelo apoio nas nossos devaneios e conversas.

Larinha, minha porquinha, obrigada por me cobrar, apoiar e me ajudar a terminar essa história.

Gaby, minha mais louca amiga, obrigada por estar sempre comigo, nos bons e maus momentos.

Paula, minha maninha, obrigada por não me deixar desistir e sempre me dizer que sou capaz.

As meninas do café: Thati, Gih, Kelly, Danda, Marcia, Julia, Agatha, Mari, Gaby, Karen, Tania, Lily, Marcela.

Meu mais sincero agradecimento também: Dri, Dany Sousa, Dani Melo, Fernanda, Claudinha, Jheniffer, Gaby Marinho, Socorro, Fran, Cleide, Tia Lu, Paula Santos, Aline, Lary, Isa, Chefa, Lea, Si, Sil, Tai, Jaque, Maluh, Fabi, Raquel Primo, Lu Reis, Milena, Paula Azara, Paty, Josi, Claudia Cesariano, Adriana Souza, Van, Lidi, Aila, Deise, Susy, Deisi Riewe e a você leitora que está lendo esta história.

Com amor, Carol Cappia

Sinopse

Após perder a mulher e a filha em um trágico acidente, Rule Jackson não vê mais sentido na vida. Nem sua profissão de bombeiro, que ele tanta ama, consegue curar a dor e o vazio em seu peito. Mesmo 10 anos depois do acidente, ele ainda revive aquela fatídica noite.

Rule se torna um homem frio, depressivo e rude. Tudo o que ele jamais foi. Ele se entrega ao álcool todas as noites, com a intenção de esquecer sua vida, suas dores, seus amores.

Mas o destino se encarrega de colocar em sua vida um novo sentido, o que pode ser um recomeço. Será Rule capaz de apagar as marcas do passado, enterrar seus traumas e ser feliz novamente?



PRÓLOGO

— Papai, papai. A da aranha...

— Da aranha? Você que manda.

Olho para minha princesa pelo retrovisor do carro e ela balança as mãozinhas animada. Ao meu lado Camila estampa um lindo sorriso no rosto enquanto observa a paisagem. Estamos indo para a casa dos pais dela, em Atlanta.

— Vamos lá meu amor — a chamo para que me ajude com a canção.

— Vamos — responde com um sorriso. — Pronta princesa? — pergunta para Joly que pula em sua cadeirinha no banco traseiro do carro.

Então com um coro nós três começamos a cantar, ou melhor, berrar:

— *A dona aranha subiu pela parede, veio à chuva forte e a derrubou...*

Em determinado momento acabo errando a letra e Joly começa a rir.

— Papai, você errou — diz em meio a risadas.

— Me perdoe princesa. Que tal tentarmos outra?

— Eba... Vamos cantar a do sapo.

E lá vamos nós para mais uma canção.

Passamos quase metade da viagem brincando e cantando, as duas estão muito animadas. Devido ao meu trabalho quase nunca conseguimos sair

ou viajar, mas dessa vez dei um jeitinho para fazer a alegria dos amores da minha vida.

Estou exausto depois de dois plantões seguidos. Tivemos um incêndio em uma escola e foram quase dois dias para conseguir contê-lo totalmente. Camila queria esperar até amanhã para que eu pudesse descansar um pouco mais, mas como são apenas quatro horas de viagem não achei necessário, ledo engano. Agora depois de mais de duas horas dirigindo já posso sentir o cansaço me dominando. Lembro-me que logo em frente tem uma parada. Vou pedir que Camila dirija o restante do caminho para que eu possa descansar, melhor não arriscar.

Olho para minhas duas vidas e elas dormem serenamente, parecem até dois anjos. Camila abre os olhos e sorri ao me ver olhando para ela.

— Te amo, Rule.

— Também te amo, meu amor.

Volto meus olhos para a estrada e tudo acontece muito rápido. Um animal passa correndo na frente do carro, tento desviar, mas o veículo que estava logo atrás acaba batendo e meu carro começa a girar até bater em algo. Sinto o impacto e logo tudo se torna escuro.

— Como você se sente? — uma voz me pergunta, mas não consigo distinguir.

Abro vagarosamente meus olhos, mas a luz me incomoda e logo os fecho novamente.

— Senhor Jackson, consegue me ouvir? — novamente a mesma voz.

— Sim — sussurro.

— Ótimo. Vou apagar as luzes e o senhor pode abrir os olhos. São

muitos meses sem a claridade.

Muitos meses? Do que ele está falando? Onde estão Camila e Joly? O que aconteceu? Flashs começam a me bombardear. O animal na estrada, o carro rodando. Uma dor imensa. Meu Deus, minha filha e minha mulher?

— Minha filha e minha mulher... Onde elas estão? — pergunto exaltado.

— Senhor Jackson, preciso que se acalme.

— Eu quero saber delas. O que aconteceu? — tento gritar, mas minha voz sai baixa. Minha garganta está seca e dói pelo esforço.

— Senhor Jackson! Não irei passar nenhuma informação enquanto o senhor estiver alterado.

Respiro fundo e tento me controlar. Abro meus olhos novamente e agora com o quarto a meia luz consigo enxergar.

— Como vou me acalmar sem saber notícias delas? — pergunto para o médico que me olha com uma prancheta na mão.

Ele me encara com pena. Ouço sua respiração pesada e tenho cada vez mais certeza de que algo está errado.

— Só me responda algumas perguntas, OK?

Aceno com a cabeça e ele começa.

— Qual o seu nome?

— Jackson, Rule Jackson.

— Idade?

— 25 anos.

— Endereço?

— Rua Sweety, 23, Charlotte, Carolina do Norte. Para que tudo isso?

— Qual a sua profissão?

— Bombeiro. Não estou entendendo, o que está acontecendo? Onde estou? Cadê minha mulher e minha filha? — pergunto desesperado, falando rápido demais.

— Senhor Jackson, uma última pergunta e irei lhe contar o que houve. O que o senhor se lembra da noite de 25 de maio de 2005?

Puxo em minha memória e os flashes da viagem voltam com força novamente.

— Eu sai para viajar com a minha família. Estávamos indo para Atlanta, para a casa dos pais da Camila. Elas dormiam e um animal... Meu Deus, o nosso carro... A gente... O que houve com elas? Pelo amor de Deus me fala o que aconteceu com a minha mulher e a minha filha?

Sinto lágrimas inundarem meu rosto e o desespero por medo do que possa ter acontecido.

— Sinto muito senhor Jackson, mas sua mulher e sua filha faleceram nesse acidente. O senhor sobreviveu por um milagre, mas passou 06 meses em coma.



10 ANOS DEPOIS...

— Você não acha que pôr hoje está bom, Jackson? — Lucy, a dona do bar em que passo minhas noites, diz para mim quando peço minha sexta rodada de shop.

— Não me lembro de pedir para me avisar quando devo parar de beber — respondo grosseiramente.

— Porque você não pediu, e mesmo que o tivesse feito, do jeito que está bêbado não se lembraria.

— Ah Lucy, não enche. Hoje tive um dia de cão e não preciso de alguém me enchendo a paciência para completar a grande merda que foi o meu dia.

— Todos os dias são ruins para você, Jackson — um bêbado grita da mesa ao lado.

Levanto meu dedo para ele, que apenas cai na gargalhada.

— Não venha se lamentar para mim, Rule, levanta logo essa sua bunda daí e vai para casa tomar um banho e descansar.

— Está me expulsando de novo?

Há 10 anos frequento o bar de Lucy e todas as noites temos basicamente a mesma discussão. Por mais bizarro que seja eu gosto, é uma das coisas que ainda me mantêm são. Ela, e claro...

— Vamos Rule, te dou uma carona pra casa. — Meu velho amigo, Scoth Summer.

Olho de Lucy para Scoth.

— Vocês combinaram? — pergunto.

— Rule Jackson, não me faça perder a paciência — a voz de Lucy sobe uma oitava, suas mãos vão para a cintura e ela me lança aquele olhar gelado. — Vá com o Scoth. AGORA!

— Ok, ok — respondo, levantando minhas mãos em rendição.

Saio do bar com Scoth em meu encalço.

— Nancy não te espera para o jantar? — pergunto me referindo a mulher de Scoth.

— Não, essa noite eu disse que tinha assuntos a resolver e não teria hora para voltar para casa.

— E seus “*assuntos*” seria escoltar um bêbado de volta para casa? — Paro abruptamente e o encaro, seu rosto está tenso e sei que algo não está certo. — O que houve Scoth? Por que está com essa cara de que comeu e não gostou?

— Há quanto anos nos conhecemos, Rule? — ele me pergunta sem encarar meus olhos.

Voltamos a andar em direção ao estacionamento. Hoje faz um dia frio em Charlotte, as ruas estão vazias e o único barulho que se escuta é do vento.

— 15 anos ou mais, não sei precisar. Mas o que isso tem a ver?

— Holt quer sua cabeça. Eu tentei negociar, fazê-lo mudar de ideia,

mas ele está irredutível. Você será afastado da corporação, por tempo indeterminado, na segunda-feira de manhã.

Holt é o chefe do departamento de bombeiros de Charlotte, há quase um ano ele tenta me afastar e parece que finalmente conseguiu. Chuto uma lata de lixo que está bem a nossa frente e um enorme barulho corta o silêncio.

— Maldito, filho de uma puta. Qual a acusação?

— Alcoolismo.

— Eu não sou a porra de um alcoólatra.

Scoth respira fundo e destranca o carro. Nós dois entramos e ele continua em silêncio.

— Qual é Scotth, vai dizer que você concorda com essa merda toda?

— Rule, eu não posso nem imaginar o que é perder uma mulher e uma filha, mas você precisa superar isso. Já se passaram 10 anos e...

— Não começa com essa merda para o meu lado de novo. Como você mesmo disse, não pode nem imaginar. Pode deixar que vou pra casa sozinho.

Tento sair do carro, mas Scotth segura firme em meu braço.

— Eu vou te levar pra casa e você vai me ouvir. Isso não é um pedido, é uma ordem — fala de maneira calma, mas que não deixa espaço para discussões.

Respiro fundo e ele dá partida no carro. Durante alguns minutos o silêncio predomina.

— Droga, Rule. Não me faça te tratar como um bêbado imbecil, você é mais que um companheiro de trabalho para mim, é o filho que eu nunca tive.

Quando eu tinha apenas 07 anos, meu sonho era ser um super herói, daqueles que usam capas e salvam as pessoas. Mas então meu pai me explicou, que esse tipo de super herói não existia, mas que eu poderia ainda assim ajudar muitas pessoas. Eu não entendi e fiquei muito chateado, então

em um belo dia ele me levou a uma base dos bombeiros. Eles me explicaram o que faziam e como diariamente salvavam pessoas de várias situações perigosas. Desse dia em diante eu decidi que me tornaria um bombeiro e salvaria muitas vidas.

Quando entrei para a academia Scoth foi meu instrutor, foi ele que me ensinou tudo o que sei. Meus pais haviam falecido há pouco tempo e Scoth de alguma forma conseguiu preencher um pouco do vazio deixado por aquela perda.

— Eu tentei Scoth, eu juro que tentei, mas nada faz mais sentido. Desde aquele maldito acidente minha vida perdeu totalmente o sentido. Você não sabe o que é voltar pra casa e não ter ninguém te esperando. Não ter alguém *pra* perguntar como foi o seu dia, você não sabe a dor que é saber que nunca mais vou ver o sorriso da Joly, aquele mesmo que ela dava quando eu chegava cansado. Eu daria qualquer coisa pra tê-las de volta na minha vida.

— Eu sei que não é fácil Rule, mas você acha que a Camila e a Joly teriam orgulho do homem que você se tornou? — pergunta.

— Não porra, claro que elas não teriam. Camila iria pôr a mão na cintura e me olhar feio. Ela me faria pedir desculpa para cada pessoa que fui grosso nos últimos dez anos e depois me faria comprar chocolates e entregar a eles.

Camila Mattos, uma brasileira que veio tentar a vida em Charlotte. Nos conhecemos quando ela colocou, acidentalmente, fogo no apartamento em que morava. Foi amor à primeira vista, ela era divertida, mandona e linda. Lembrar dela me dói tanto que lágrimas começam a rolar por meu rosto.

— Então mude isso Rule, dê orgulho para sua mulher e sua filha esteja elas, onde estiverem. Você é um grande homem e sei que vai conseguir, mas para isso você precisa se dar uma chance.

— Eu já tentei. E você sabe muito bem no que deu.

Há 05 anos conheci Hilary, uma jovem que achei que poderia me fazer

voltar à vida, mas ela queria mais do que eu poderia oferecer e tudo deu errado. Então percebi que jamais poderia ser feliz novamente.

— Não Rule, você fingiu tentar. Mas nós dois sabemos que no fundo você só fez aquilo para que todos parassem de dizer que você não estava tentando dar a volta por cima. Rule, acho que esse tempo vai ser bom pra você repensar em algumas coisas, vá viajar, espairar um pouco. Isso vai te fazer bem.

— Eu não preciso disso Scoth. Eu estou bem.

— Porra Rule, para de ser cabeça dura. Você não está bem, precisa de tratamento.

— Eu já disse que não sou um alcoólatra, eu paro de beber a hora que eu quiser. A questão é que eu não quero, a bebida é a única coisa que me faz esquecer da dor que sinto.

— Então está na hora de você querer parar, está na hora de aprender a conviver com a dor ou arrumar outra forma de aplaca-la, ou você vai perder a única coisa que ainda tem de você mesmo.

Scoth estaciona o carro em frente à minha casa e permanecemos em silêncio. Quando ele percebe que não vou falar nada, acrescenta:

— Nancy pensou que você poderia passar uns dias com a gente em Mississippi. Eu estou precisando de umas férias e acho que faria bem a nós dois. O que acha?

Por mais que eu odeie admitir, Scoth tem razão, mas meu orgulho e idiotice são maior que tudo nesse momento e ao invés de agradecer o homem que é como um pai para mim eu apenas faço o que faço com todos a minha volta. Eu o afasto.

— Muito obrigado, mas não preciso de vocês dois cuidando de mim como se eu fosse um bebê. Eu estou bem do jeito que estou e se for *pra* me encontrar para dar sermões, me faz um favor e não desperdiça seu tempo e nem o meu.

Scoth me olha com pena e mágoa, acena com a cabeça, então desço do carro sem falar mais nada. Ele dá partida e arranca com o carro noite a fora.

Sinto vontade de socar a minha própria cara, mas ao invés disso entro para casa e vou me afogar na bebida.

Acordo horas depois deitado no tapete da sala com uma garrafa vazia de vodka ao meu lado. Não sei que horas são e minha cabeça parece que vai explodir. Sento-me e olho para o relógio do celular.

1h40min da manhã.

Um sentimento de inquietude toma conta de mim. Lembro-me que estava sonhando com o dia do acidente, Joly chamava meu nome e pedia por socorro, porém eu não conseguia fazer nada. Era como se visse tudo de fora, mas sem poder interferir.

Tomo um banho e tento voltar a dormir, mas o sentimento de ansiedade não me deixa, decido dar uma volta. Pego meu carro e saio sem rumo. De repente me vejo nos arredores da cidade, as estradas estão vazias e decido ir até um pouco à frente antes de fazer o retorno e voltar para casa. Então vejo algo que me chama atenção, um carro vem desgovernado e bate em uma árvore. O impacto é muito forte e a frente do carro parece destroçada, piso no acelerador e corro para me aproximar do local. Pego meu celular, que por sorte está no banco do carona, e ligo para a primeira pessoa que vem à mente.

— Scotth, aqui é o Rule, acidente na C45 altura do km 22. Manda uma viatura pra cá o mais rápido possível.

Ouçó sua voz perguntando o que estou fazendo aqui a essa hora, mas não respondo, pois já estou correndo para tentar ajudar quem quer que esteja naquele carro.



Como imaginava, a frente do carro está acabada. Vou para o banco do motorista e tem uma mulher com o rosto e pescoço cobertos de sangue. As janelas estão fechadas, então não consigo ver se ela está viva. Dou a volta e vejo que o banco do carona está vazio. Olho pela janela traseira e fico paralisado ao ver uma menininha presa à cadeirinha. Tento abrir a porta, mas como imaginei está travada.

Sinto um forte cheiro de óleo e percebo que o carro está vazando. Preciso dar um jeito de tira-las de lá o mais rápido possível.

— Mamãe! — Ouço um choro fraquinho.

Meu coração para nesse momento. É como se estivesse de certa forma revivendo meu pesadelo de horas antes, mas com a diferença de que posso fazer algo.

Olho para os lados e tudo está vazio, nenhum carro passa, e não ouço o barulho das viaturas vindo em nosso socorro. Volto para o lado do carona e com o cotovelo consigo quebrar a janela e abrir o carro. Assim que abro a porta o choro da garotinha se torna mais forte.

— Mamãe, mamãe...

— Ei, ei... Calma, vai ficar tudo bem — digo tentando acalmá-la.

Vejo que a mulher está apenas desacordada e uma onda de alívio percorre meu corpo.

A garotinha me olha assustada, seus olhos arregalados de medo.

— Quem é você? — pergunta chorosa.

Olho para sua cadeirinha e me aproximo para retirar o cinto de segurança. Ela me observa fazer tudo isso e seu corpo se retrai quando me aproximo.

— Eu sou Rule, e você?

— Eu quero a minha mãe.

— Eu sei princesa, mas sua mãe está um pouquinho dodói agora e não pode ficar com você, mas vai ficar tudo bem.

Ela ainda me olha espantada, porém balança a cabeça concordando enquanto lágrimas inundam seu rosto.

— Qual o seu nome? — pergunto para ela.

— Melissa.

— Que nome lindo, Melissa. Agora vem comigo, eu vou tirar vocês daqui.

A puxo pelos braços e ela se aninha em meu peito, sua cabecinha encostada no meu ombro. Seu pequeno corpo treme em meus braços e nesse momento eu faria qualquer coisa para fazê-la ficar bem.

No momento em que começo a me afastar do veículo ouço as sirenes e logo em seguida Scoth desce do seu carro e corre em minha direção.

— Rule, você está bem? — pergunta desesperado.

Ele me mede de cima a baixo como que para conferir se estou inteiro.

— Estou bem, mas tem uma mulher no carro e senti cheiro de óleo. Precisamos ser rápidos.

— Hans, Rule sentiu cheiro de óleo. Precisamos agir rápido e retirar a vítima do veículo — Scoth grita para sua equipe.

Vários homens começam a se mobilizar para resgatar a mulher. A

pequena em meus braços levanta a cabeça e me encara. Seus olhos são azuis e estão confusos quando ela me pergunta.

— Minha mamãe. Onde ela *tá*?

— Ela vai ficar bem querida. Logo eu te levo até ela, tudo bem!

Ela assente com a cabeça e volta a deitar em meu ombro. Scoth me observa sem falar nada, como se soubesse de algo que eu não sei.

— O que houve, Rule? — questiona.

— Sai para dar uma volta...

— A essa hora da manhã?

Ignoro sua pergunta e apenas continuo:

— Então vi esse carro, ele estava desgovernado e bateu na árvore. Assim que vi te liguei e corri para ver o que podia fazer para ajudá-las. A mulher estava desacordada e a menina chorava, então a tirei do carro e o resto você já sabe.

— Ainda não entendi o que raios você...

— Scoth, preciso de você aqui — um dos homens da equipe grita.

— Essa história ainda não acabou — ele fala antes de sair apressado para ajudar os outros.

— Melissa — chamo.

— Oi.

Afasto seu pequeno corpo do meu para verificar se ela não está com algum ferimento. A coloco no chão, e ela logo me olha sem entender.

— Vai me *levar* para a minha mãe? — pergunta esperançosa.

— Ainda não princesa, mas preciso ver se você está bem. Está sentindo dor em algum lugar?

Ela leva a mão até a cabecinha e vejo que está com um ferimento, um

pouco de sangue suja seus cabelos.

— Está sentindo alguma coisa diferente?

— Não.

— Perfeito. Quantos aninhos você tem?

Ela estende a minúscula mãozinha com quatro dedinhos levantados para mim.

— Tenho *quato* anos.

— Mel, qual o nome da sua mamãe?

— Loli — fala de forma meio incorreta.

— Perfeito princesa, vem aqui comigo.

Pego Melissa novamente em meus braços e Scoth acena me chamando.

— A mulher já está na ambulância. Será que você pode ir no meu carro junto comigo e com a menina?

— Claro. Ela precisa ser atendida, há um corte na cabeça.

— Vamos rápido então. Acha melhor que ela vá na ambulância?

Olho para Melissa tão frágil em meus braços.

— Não. Ela ficará bem comigo.

Nós três seguimos a ambulância com o carro de Scoth. Assim que chegamos no hospital uma enfermeira vêm para levar Melissa para ser examinada.

— *Eu não quero ir com ela, quero a minha mãe* — fala quando uma enfermeira tenta pega-la dos meus braços.

— Mel, logo você verá sua mãe, mas antes você precisa ir com ela para ver se está tudo bem com você. Temos que cuidar do seu dodói — digo para ela.

— *Mais eu não quero* — Melissa fala e me lança um olhar de súplica que não consigo ignorar.

— Se eu for com você? Você vai?

Ela balança a cabecinha que sim e então olho para a enfermeira que me lança um sorriso de compreensão.

— Me acompanhem, por favor.

Ela nos leva até um consultório onde uma mulher de mais ou menos uns 60 anos nos espera. Ela olha para Mel em meus braços e pergunta:

— Você é da família?

— Não. Eu sou o bombeiro que as encontrou no local do acidente.

— Entendo. A sente aqui, por favor — pede e aponta para uma maca.

Ela examina Mel que não solta minha mão em momento nenhum.

— Ela fez um pequeno corte na cabeça, nada profundo. Irei pedir um raio-x, fazer um curativo e deixá-la em observação pelas próximas 24 horas.

Quando a médica sai um momento da sala, Mel me olha e diz bem baixinho.

— Tio Rule, não me deixa sozinha, *por favor...*

Engulo em seco pelas suas palavras. Ainda não consegui ter notícias sobre a mãe da Mel e percebo que sou a única pessoa que de alguma forma bizarra ela confia.

— Eu não vou deixar princesa, nunca — digo as palavras que não imaginei serem a mais pura verdade.

A médica retorna e nos entrega uma guia para o raio-x.

— Assim que estiver pronto retorne aqui com ela — informa.

Faço como ela pediu e minutos depois retornamos com o exame em mãos. Ela analisa e constata que realmente não há com o que se preocupar.

— Uma enfermeira irá leva-los para o quarto. Mais tarde passo para ver como ela está.

— Muito obrigado, doutora.

— Não há de que.

Uma enfermeira nos leva para o quarto em que Mel passará o resto da noite e me ajuda a dar um banho na pequena. Depois ela traz algo para Mel comer e logo ela pega no sono agarrada a minha mão.

Observo seu rosto sereno enquanto dorme e não posso deixar de pensar em Joly, ela era apenas um ano mais velha que Mel quando tudo aconteceu.

Quando vejo que ela caiu em um sono profundo, vou atrás de notícias sobre sua mãe.

Quando estou indo para a recepção encontro com Scoth.

— Como ela está? — pergunta.

— Bem melhor, foi examinada e agora está dormindo. E a mãe?

— Não está muito bem. Os médicos a colocaram em coma induzido.

— Você acha que ela se salva?

— Sim, mas isso pode levar tempo.

— Já entraram em contato com a família?

— Isso que eu queria falar com você. No carro só achamos duas mochilas com roupas e alguns alimentos. Mas nada de documentos, nem uma pista de quem elas são. Não temos nem um nome.

— O carro que ela estava?

— Está no nome de um tal de Roger Thompson. Pedi para o pessoal entrar em contato, mas não conseguiram achar nada.

— Está muito estranha essa história.

Scoth passa as mãos pelos cabelos, já brancos devido à idade.

— A menininha falou alguma coisa?

— Ela disse que se chama Melissa, tem quatro anos e o nome da mãe é Lori.

— Não ajuda muito, mas já é alguma coisa.

— Relaxa Scotth, vai ficar tudo bem.

— Você tem razão. Agora me explica o que você estava fazendo na rua?

— Eu tive alguns pesadelos e precisei sair para espairecer um pouco, só isso.

Scoth acena com a cabeça e me observa alguns segundos antes de falar:

— Vá pra casa, pode deixar que eu assumo daqui.

— Não. Eu vou ficar com a Mel, ela está assustada e por algum motivo parece confiar em mim.

— Rule... — Scotth parece pesar suas próximas palavras.

— O que foi Scotth?

Ele me observa, balança a cabeça e parece desistir do que realmente ia falar.

— Nada... Você quer um café?

— Seria ótimo.

— Vou pegar um para nós e levo até o quarto, tudo bem?

Assinto com a cabeça e Scotth sai.

Volto para o quarto e Mel continua dormindo como um anjo. Sento-me na poltrona ao lado da sua cama e acabo cochilando. Sou acordado por Scotth.

— Desculpa, não queria te acordar — ele fala ao entrar no quarto.

— Não tem problema.

Ele me entrega um grande copo de café e bebemos os dois em silêncio.

— Você tem certeza que não quer ir pra casa? — pergunta.

— Absoluta. Ela está assustada, Scoth, e não quero deixa-la sozinha.

— Foi um verdadeiro milagre você estar por perto. Elas não teriam sobrevivido se não fosse você. O carro iria explodir e...

— Prefiro não pensar nisso. Ver a Mel daquele jeito... Deus, foi como se estivesse vendo Joly, como se eu pudesse salvá-la.

Olho para meu amigo e ele me lança um olhar de compreensão.

— Bom, então vou te deixar aqui. Preciso saber como andam as investigações.

Scoth se levanta, vem até mim e me dá um abraço antes de ir para a porta.

— Scoth — o chamo antes de sair. — Obrigado, por tudo.

Ele apenas assente com um sorriso e me deixa sozinho.



— Mamãe... Mamãe...

Acordo assustado com os gritos da Mel. Levanto rapidamente da poltrona e vou até sua cama. Ela chama a mãe desesperadamente, seus olhos estão fechados e ela se debate, provavelmente está sonhando.

— Shiii... Vai ficar tudo bem.

A puxo para meus braços e ela começa a se acalmar. Minutos depois volta a dormir tranquilamente.

Com jeitinho a tiro dos meus braços e ela se aninha ao travesseiro. Pego meu celular e vejo que já passa das 10h00 da manhã. Olho para a mesa no canto do quarto e vejo uma bandeja com café, alguns biscoitos e suco.

Vou até o banheiro e passo uma água em meu rosto. Olho-me no espelho e percebo como mudei nesses últimos anos, minha expressão está sem vida e meu semblante é de puro cansaço. Penso em Camila e em como ela ficaria magoada em me ver dessa forma. Scoth tem toda razão, está na hora de mudar, está na hora de reaprender a viver. Só preciso descobrir como.

Ouçoo vozes no quarto e saio do banheiro rapidamente.

— Bom dia, princesa. — É a mesma doutora que atendeu Mel mais cedo. — Como está se sentindo?

— Bem – Mel responde acanhada.

— Bom dia, Senhor Jackson — fala ao me ver.

— Bom dia.

Mel é novamente examinada e a doutora mais uma vez nos fala que ela irá permanecer por 24 horas no hospital.

Quando a médica sai, Mel pede para ir ao banheiro e depois tomamos café juntos.

— Quer mais biscoitos? — pergunto.

— Não. Posso *assisti* desenho? — pergunta apontando para a televisão.

— Claro, meu anjo.

Pego o controle e ligo a TV, não faço à mínima ideia de quais desenhos as crianças assistem hoje em dia, então começo a zapear pelos canais até que um chama atenção da Mel.

— HIFIVE... Eu gosto — grita animada.

Ficamos assistindo desenhos juntos até que uma enfermeira entra trazendo nosso almoço.

— Boa tarde. Posso deixar o almoço de vocês aqui?

— Boa tarde. Claro, fique à vontade.

Ela deposita as bandejas na mesma mesinha que deixaram o café e depois se retira.

— Mel, quer almoçar?

Ela balança a cabeça em afirmativo, mas não tira os olhos da Tv.

Quando levanto para nos servir ouço uma leve batida na porta e logo em seguida Nancy e Scoth entram.

— Boa tarde Rule, soube que uma linda princesa está hospedada nesse quarto. É verdade?

Mel tira os olhos da TV e observa atentamente Nancy e Scoth.

— Boa tarde, Nancy. É verdade, ela está deitada bem ali — digo apontando para a cama que Mel está.

Nancy se aproxima da cama e finge espanto ao ver Mel.

— Deus, que menina mais linda. Você é a princesa? — Mel balança a cabeça envergonhada e um pequeno sorriso molda seu rosto. — Qual o seu nome?

— Melissa — responde em um sussurro.

— Princesa Melissa, prazer meu nome é Nancy.

Scoth me cumprimenta e pergunto se ele tem novidades.

— Por enquanto nada. Assim que contei para Nancy ela quis vim ver como vocês estavam.

— Nancy é um anjo.

— Percebo que cheguei na hora certa. Vocês já vão almoçar? — Nancy pergunta.

— Sim.

— Perfeito, eu trouxe algumas coisinhas. Essas comidas de hospital são horríveis e não sustentam ninguém. Claro que ninguém pode saber disso, mas se comerem rápido eles nem irão perceber.

— Não precisava se incomodar, Nancy — digo.

Ela retira dois potes com comida e começa a servir um prato para mim e outro para Mel.

— Aqui, princesa. Se comer tudo, depois tenho uma surpresa pra você.

Mel me olha e balanço a cabeça confirmando que ela pode aceitar. Ela então pega o prato e come toda a comida que Nancy colocou.

— Muito bem, Mel.

— *Obigada. Tava muito gostoso* — Mel agradece.

Como minha comida e realmente tudo estava uma delícia. Nancy cozinha maravilhosamente e é sempre bom provar das suas especiarias.

— Obrigado Nancy, está tudo maravilhoso como sempre.

— Fico feliz que tenha gostado. Faz tanto tempo que não vai lá em casa que achei que não gostava mais da minha comida.

— Jamais. Me perdoe o sumiço, mas fique tranquila que irei aparecer mais vezes.

Ela me lança um sorriso e seus olhos brilham por lágrimas contidas. Percebo o quanto tenho sido estúpido, se Scoth é como um pai para mim, Nancy é como uma mãe.

— Tia Nancy eu comi tudo, também ganho surpresa? — pergunto brincalhão.

Mel me olha e dá uma gargalhada que contagia a todos. Nancy então retira da sua bolsa pedaços de torta de maçã.

— As minhas preferidas — digo.

— *Toita* de maçã! — Mel grita animada.

Comemos a torta e depois limpamos qualquer vestígio de que Nancy trouxe alimentos para o quarto. Mel e Nancy assistem desenhos e Scoth me chama para dar uma volta.

— Mel, vou precisar sair um pouco. Você fica com a tia Nancy?

— Eu quero ficar com a minha mãe — fala fazendo biquinho.

— Princesa, a sua mãe está dodói e precisa descansar. Tenha só mais um pouquinho de paciência — Nancy diz amavelmente.

— Mas eu *quelia* vê ela.

— O tio Rule vai te levar para vê-la depois, combinado?

Ela assente e dá um pulo na cama. Seus braços agarram meu pescoço e ela me dá um beijo estalado.

— *Obigada* tio Rule, você é o melhor tio do mundo.

Deixo Nancy e Mel no quarto e saio. Solto minha respiração que estava presa desde que aqueles bracinhos me abraçaram.

— Você está bem, Rule? — Scoth pergunta, uma mão pousada em meu ombro.

— Estou. É só que...

Não sei pôr em palavras o que estou sentindo nesse momento.

— Eu sei, eu sei... Que tal eu te levar em casa para tomar um banho, depois você volta e fica com a Mel.

— Pode ser.

Scoth e eu saímos de carro e vamos até a minha casa que é próxima do hospital.

Entro em casa e tudo parece tão vazio, sigo para o meu quarto e tomo um banho rápido. Quero voltar logo para o hospital.

Depois de conversar com o médico que está cuidando do caso da mãe da Mel, decido ir até o quarto em que ela está para vê-la. Confesso que meu choque na hora do acidente foi tanto que provavelmente se ela passasse na minha frente não a reconheceria.

Abro a porta e o quarto está silencioso, o único barulho que se houve são os bips dos aparelhos que estão ligados a ela.

Aproximo-me da cama e pela primeira vez realmente a vejo. Ela deve ter na faixa dos seus 35 anos, pele branca, cabelos loiros e corpo magro. Seu semblante parece tenso, mesmo sedada, parece preocupada, então me lembro de Mel e que provavelmente ela de alguma forma está preocupada com a

filha. O médico me disse que ela sofreu um traumatismo craniano e por conta disso acharam melhor deixá-la em coma induzido, pelo menos por enquanto. A pancada na cabeça foi muito forte e ela só está viva por um milagre.

A observo por mais algum tempo e fico tentando decifrar o que a motivou a viajar sem nenhum tipo de documento que as identifique. O pessoal do departamento de polícia continua investigando, mas não acharam nada sobre ela. A partir de amanhã uma foto sua e da Mel será colocada nos classificados dos jornais, quem sabe alguém as conheça e entre em contato.

— Não se preocupe, eu irei cuidar da Mel até que você esteja boa — digo para ela antes de deixar o quarto.

Quando volto para o quarto da Mel, ela está dormindo e Nancy conversa com uma mulher que não conheço.

— Com licença — digo ao entrar.

— Boa tarde, senhor Jackson — a mulher diz e me estende a mão. — Meu nome é Rebeca Saches, sou assistente social do Hospital Regional de Charlotte.

— Boa tarde, Rule Jackson.

— Rule querido, Rebeca estava me explicando que Mel será levada para um abrigo até que sua mãe esteja bem — Nancy fala com pesar na voz.

— Como assim para um abrigo? — pergunto assustado.

Eu sei muito bem como isso funciona, mas até agora não tinha parado para pensar nisso. Tudo aconteceu tão rápido que não liguei o fato de que Mel terá alta e não tem ninguém para cuidar dela enquanto sua mãe está aqui.

— Senhor Jackson, a mãe de Melissa está incapacitada e até o presente momento nenhum familiar que pudesse ficar responsável por ela apareceu. Diante disso, a única solução é levá-la sob custódia até que a mãe esteja em condições de cuidar da menina novamente. Mas não se preocupe que ela será muito bem tratada.

— Ela não vai ficar em um abrigo — digo exasperado.

— Senhor Jackson, entendo que esteja preocupado, que depois do acidente o senhor tenha criado uma espécie de vínculo com a menina, mas você não é da família, portanto não tem qualquer direito sobre ela. Sinto muito, mas isso está além da sua vontade.

— Rule querido, se acalme. Vamos resolver essa situação. — Nancy se aproxima e toca meu braço pedindo calma.

— Tudo bem — digo, mas isso não vai ficar assim.

Mel em um abrigo?! Não consigo digerir essa informação.

— Se me dão licença, tenho alguns problemas para resolver. Nos vemos em breve — Rebeca informa antes de nos deixar sozinhos na sala.

— Eu não vou permitir que ela vá para um abrigo, Nancy. Ela está assustada e sozinha. Não podem fazer isso com ela.

— Ah Rule, eu também não quero isso, mas não temos muito o que fazer.

— Tio Rule, eu posso ver minha mamãe agora — Mel diz chamando minha atenção e de Nancy.

— Ainda não meu anjo, mas olha só o que eu trouxe pra você.

No caminho pra cá passei em uma loja de artigos e comprei uma linda boneca para Mel.

— Ela é linda — Mel agradece. Seus olhinhos brilhando de felicidade.

— É uma princesa igual você — Nancy fala.

Observo as duas brincando com a boneca, mas minha cabeça está em outro lugar, mais especificamente em achar uma forma da Mel não ir para um abrigo.



— Droga! — Esmurro a parede da sala de espera do hospital e algumas pessoas me olham assustadas.

Scoth acabou de me avisar que não podemos fazer nada, Mel terá que ir para o abrigo até que a mãe esteja em condições de cuidar dela.

— Calma Rule, ficar assim não vai adiantar de nada. Ela vai ficar bem — tenta apaziguar a situação.

— Ainda não posso acreditar que Mel vai para um abrigo. — Passo minhas mãos pelos cabelos. Preciso achar uma solução, mas não consigo pensar em nada que possa mudar essa situação. Infelizmente Rebeca está agindo de acordo com a lei.

— Rule, querido, a Mel está te chamando — Nancy avisa ao se aproximar de nós.

— Respira, e vai levar a Mel pra ver a mãe. Depois conversamos sobre isso.

Volto para o quarto da Mel e ela abre um lindo sorriso ao me ver. Já faz quase 24 horas que estamos aqui e logo ela terá alta. Conversei com os médicos mais cedo e eles autorizaram que ela visse a mãe.

— Tio Rule, vamos vê a mamãe agora? — pergunta.

— Vamos princesa.

A pego em meu colo e sigo para o outro quarto. Entramos e tudo está

como no dia anterior, a mãe de Mel continua desacordada.

Paro próximo a cama e Mel olha emocionada para a mãe.

— Mamãe — diz estendendo a mãozinha e tocando o rosto da mãe. — Tio *pô* que ela não *acoda*?

— Lembra que o titio te falou que ela está dodói, então ela precisa dormir para ficar boa.

— Mas eu *tô* com saudade — fala baixinho.

— Eu sei meu anjo, mas não fica triste. Logo ela vai acordar e te abraçar bem forte.

— E *agola* quem vai *cuida* de mim?

Meu coração se aperta e o nervoso que estava sentindo se multiplica. O que vou dizer para essa garotinha? Como vou explicar que ela vai para um abrigo.

— Senhor Jackson, preciso medica-la. Vocês terão que sair — uma enfermeira informa ao entrar no quarto.

— Mel, se despede da mamãe, precisamos sair.

— Mais eu *quelia fica* mais um pouco — fala dengosa.

— Eu sei minha princesa, mas agora precisamos ir. Outro dia prometo que ficamos mais.

Ela assente, vai até perto da mãe e deposita um beijo em sua bochecha.

— Te amo mamãe, vou *ola pala* o papai do céu *pla* você *fica* boa logo.

Contenho as lágrimas que ameaçam cair e volto para o quarto da Mel junto com ela. Coloco um desenho e logo ela cai no sono.

— Senhor Jackson, preciso leva-la para o abrigo – Rebeca fala pela décima vez.

— Eu posso cuidar dela. Mel vai ficar muito melhor comigo do que em qualquer abrigo — tento argumentar novamente.

— Chega senhor Jackson, o senhor vai colaborar ou serei obrigada a chamar os seguranças. Isso seria uma cena desagradável para Melissa, então peço que, por favor, se despeça dela e me deixe fazer o meu trabalho.

Penso em Mel e o quanto ela iria ficar assustada caso seguranças me tirassem daqui a força.

— Só me deixa ter uma conversa com ela antes de leva-la — peço derrotado.

— O senhor tem 05 minutos.

Aceno com a cabeça e giro a maçaneta da porta. Entro e Mel me olha com um sorriso.

— Tio Rule, vem vê desenho comigo.

Sento-me na cama ao seu lado e a puxo para o meu colo.

— Mel, minha princesa. Você vai ficar em um lugar bem legal até a sua mamãe ficar boa, tá bom. Lá tem um monte de crianças pra você brincar e muitos brinquedos — digo tentando convencer mais a mim mesmo do que a ela.

— Eba! Você vai fica comigo? — pergunta.

— Não Mel, eu não posso. Mas prometo que vou te visitar todos os dias.

— Não tio Rule, você disse que não ia me *deixa* sozinha. *Pu* favor, vamos comigo.

Lágrimas ameaçam cair de seus olhinhos e tento segurar as minhas

próprias. Ela se agarra em mim e a abraço forte. Como em tão pouco tempo, pude me apegar tanto a essa menina?

— Eu não vou te deixar princesa, vou te ver todos os dias.

A porta do quarto é aberta e Rebeca entra.

— Sinto muito senhor Jackson, mas preciso ir agora.

Ela se aproxima e estende os braços para pegar Mel.

— Vai com ela, princesa.

— Não tio Rule, *pu* favor. Eu *quelo* fica com você — Mel fala em meio às lágrimas.

— Você não pode princesa, vai com ela. O titio vai te visitar todos os dias.

— Não tio, *pu* favo. Eu *pometo* me *compota*.

Rebeca pega Mel dos meus braços e ela chora desesperada ao ser levada.

— Ela vai ficar bem, senhor Jackson — Rebeca diz antes de deixar a sala.

Apoio minhas mãos na cabeça e deixo as lágrimas que segurei por meu Mel, rolarem soltas.

Nancy entra na sala e vem me abraçar.

— Ela vai ficar bem, Rule. Todos os dias iremos visita-la.

Entro em casa e tudo parece ainda mais vazio do que antes. Como em todas as últimas noites desses dez anos quero me afogar em uma garrafa de bebida e esquecer meus problemas. Vou até o bar e pego uma garrafa de Whisk, sento-me no chão perto do sofá e retiro o lacre da garrafa. Levanto até a altura dos meus olhos e sinto repulsa pelo que vejo. Atiro a garrafa longe,

ela bate na parede e cai se espedaçando no chão da sala.

Eu prometi a mim mesmo que daria volta por cima, e não vou desistir. Chega de noites de embriaguez, chega de ficar sofrendo pelos cantos. Eu ainda posso ser o homem que Camila e Joly se orgulhariam. Além do mais preciso estar bem e são, caso Mel precise de mim. Não posso chegar acabado para visita-la amanhã.

Levanto-me do chão e olho para o pequeno bar que mantenho em casa. O primeiro passo é me desfazer dele, para sempre. Limpo a sujeira causada pela garrafa de whisk que joguei na parede e depois derramo o conteúdo de todas as outras na pia da cozinha. O lugar que antes era ocupado por bebidas agora está vago.

Vou até o porão e retiro uma enorme caixa, dentro estão todos os porta-retratos que retirei da casa na tentativa de esquecer Camila e Joly, retiro algumas fotos e ocupo o espaço vazio com elas. Retiro uma em especial, Camila estava grávida de Joly. Estávamos em um parque e pedi a um rapaz que passava para que tirasse uma foto nossa. Camila ostentava um lindo sorriso e uma enorme barriga.

— Ah meu amor, por que você me deixou? Sinto tanto a sua falta — digo enquanto meus dedos fazem o contorno na foto.

Lágrimas rolam por meu rosto e vejo que por mais que eu tente, nunca conseguirei ser feliz novamente.

Depois de algumas horas subo para o meu quarto, tomo um banho e me deito para tentar dormir. Repasso as últimas horas com Mel e como me senti vivo novamente ao seu lado. Ela me lembra tanto minha Joly, tão parecidas e ao mesmo tempo tão diferentes.

Depois de tanto pensar acabo caindo no sono.

Dou um pulo da cama ao ouvir o telefone tocar. O barulho estridente cortando o silêncio da madrugada. Olho para o criado mudo e são 4h40min da manhã. Quem será a essa hora?

— Alô — digo ainda meio sonolento.

— Senhor, Rule Jackson? — uma voz feminina pergunta.

— Sim, sou eu. Quem é?

— Meu nome é Sara. Me perdoe o incomodo, mas estou te ligando porque a Mel está com febre e não para de chamar o seu nome. Será que o senhor poderia vir até aqui?

— Claro — digo já levantando. — Estarei ai o mais rápido possível.

— Obrigada, senhor Jackson.

Desligo o telefone e enfio a primeira roupa que acho no meu guarda roupas. Pego as chaves do carro e corro em direção ao abrigo em que Mel está.

Mal estaciono o carro e um homem vem me encontrar.

— Você deve ser o senhor Jackson? — ele questiona assim que desço do carro.

— Sim. Onde está Mel?

— Me acompanhe, por favor.

Passamos por um portão de madeira que dá acesso a um enorme pátio com um chafariz no centro. Atravessamos rapidamente e entramos em um prédio com uma construção antiga. O homem me guia por alguns corredores até que chegamos em uma espécie de enfermaria.

Mel está em uma cama, aninhada em um travesseiro. Ela chora baixinho.

— Mel, minha princesa. — Corro para o seu lado e ela se joga em meus braços assim que me vê. — Tudo bem, eu estou aqui.

As duas mulheres que estavam com ela me olham e uma delas começa a falar:

— Senhor Jackson, nos perdoe pelo incomodo. — Reconheço ela

como Sara, a moça que falou comigo pelo telefone. — Não sabíamos mais o que fazer com a Melissa, a febre não quer ceder e ela só chamava o seu nome.

— Não é incomodo algum. Eu disse a Rebeca que qualquer coisa poderiam me chamar.

Elas acenam com a cabeça e uma delas, sem ser Sara, se retira. Mel continua aninhada a mim e sinto que seu corpo está muito quente.

— Vocês mediram a temperatura? — pergunto a Sara.

— Sim, ela está com 38,5.

— Está alta para ela. Deram alguma medicação?

— Sim, mas não adiantou. Achamos que é emocional.

Peço a Sara que me ajude a dar um banho em Mel, ela está meio sonolenta e não quer desgrudar de mim nem por um segundo. Permaneço com ela na enfermaria e acabo pegando no sono.

— Senhor Jackson. — Sou desperto por Sara.

— Oi — respondo ainda sonolento.

Abro meus olhos e a claridade os irrita um pouco. Com cuidado retiro Mel dos meus braços e sento-me na beirada da cama.

— Desculpe acorda-lo, mas preciso medir a temperatura da Melissa — fala meio sem jeito.

— Claro.

Mel acorda nesse momento.

— Tio Rule, você veio — grita ao me ver.

— Claro, princesa. Eu não disse que viria.

Ela pula em meus braços e aninha seu pescoço em meu ombro. Sara me passa o termômetro que coloco em Mel. Graças a Deus sua temperatura baixou.

— Mel, presta atenção no titio. — Ela me olha com os olhinhos atentos. – Eu preciso ir a um lugar agora, mas logo volto *pra* te levar pra casa. Enquanto isso, preciso que você fique com a Sara, tudo bem.

Ela faz um beicinho, mas concorda. Deposito um beijo em sua testa e peço para Sara cuidar dela.

Tenho uma pessoa para visitar e logo volto para levar Mel para casa comigo.



Olho para o relógio e não passa nem das 08h00 da manhã, ainda é bem cedo, mas o assunto é urgente. Toco a campainha e espero andando de um lado para o outro até que a porta é aberta.

— Rule? — Margareth diz espantada ao me ver tão cedo em sua porta.
— Quanto tempo?

— Oi... Margareth. Como vai? — digo meio hesitante.

— Bem e você?

— Levando a vida como sempre.

Margareth era a melhor amiga de Camila e também é casada com seu irmão.

— A que devo a honra? Aconteceu alguma coisa? — pergunta preocupada.

— Eu preciso falar com o Conrado, ele está?

— Ele saiu faz uma meia hora. Tem um julgamento agora as 09h00.
Eu posso ajudar em alguma coisa?

— Na verdade é só com ele. Depois ele vai para o gabinete?

— Sim, se quiser posso falar com Rosa para marcar um horário pra você.

— Seria ótimo.

— Entra enquanto eu ligo pra ela.

Margareth abre espaço e entro. A porta dá entrada para uma enorme sala muito bem decorada.

— Só um momento. Fica à vontade — diz, me apontando os sofás.

Sento-me em um sofá de dois lugares e espero enquanto ela vai até o telefone.

— Bom dia Rosa, você pode por gentileza avisar ao Conrado que Rule Jackson precisa vê-lo assim que ele chegar ao gabinete. — A ouço falar para alguém no telefone. — Obrigada, querida. Eu vou muito bem. Acho que hoje o bebê quis me dar uma folga e não acordei enjoada.

Só então percebo a barriga proeminente em Margareth. Ela parece estar de poucos meses, mas já é possível perceber uma pequena saliência.

Ela desliga o telefone e sorri para mim.

— Você vai ver Conrado assim que ele chegar ao gabinete.

— Muito obrigado, Margareth. Parabéns pelo bebê, eu não imaginava — digo sem jeito.

Quantas coisas mais perdi nesses últimos anos?

— Não se preocupe. Sei que tem sido anos difíceis pra você, Rule.

— Não sei se um dia será mais fácil. Sinto tanta falta dela e da Joly.

— Eu também sinto — fala com os olhos marejados. — Quando soube do bebê, Camila foi a primeira pessoa que pensei, queria tanto que ela estivesse aqui para me apoiar.

Lágrimas escorrem por seu rosto e me aproximo para confortá-la.

— Tenho certeza que ela iria ficar muito feliz — conforto e aperto suas mãos.

— Me desculpe, Rule. Esses hormônios da gravidez me deixam ainda

mais sensível — diz com um sorriso enquanto limpa as lágrimas que molham seu rosto. — Será que me acompanha em um café?

Penso em Mel naquele abrigo e minha vontade é ir logo falar com Conrado, mas Margareth é mais uma das pessoas que me afastei e acho que está na hora de me reaproximar. Então aceito seu convite, mesmo porque terei que esperar Conrado por um tempo ainda.

— Claro.

Ela nos serve um belo café da manhã enquanto conversarmos e explico para ela minha situação.

— Que gesto mais lindo, Rule. Tenho certeza que Conrado irá te ajudar.

— Estou contando com isso, Margareth. Não sei explicar, mas essa menina mexeu comigo de alguma forma. Só de imagina-la sozinha naquele abrigo, meu peito chega a doer.

Margareth pega em minhas mãos e olha dentro dos meus olhos, como se pudesse me ler.

— Isso é você voltando à vida, Rule. Já estava mais do que na hora de acontecer. — Não sei o que falar para Margareth e ela parece entender. — Quero que saiba que sempre que precisar pode contar comigo.

— Quem é vivo sempre aparece. Rule Jackson, quanto tempo! — diz Conrado assim que entro em seu gabinete.

— Vossa Excelência — brinco.

— Fazendo gracinhas? Quem havia te abduzido não aguentou e decidiu devolver.

Conrado se aproxima e me cumprimenta. Éramos muito amigos, e como todas as pessoas que se importam comigo, depois da morte da Camila e da Joly, eu me afastei.

— É você mesmo — ele fala ainda sem acreditar.

— Em carne e osso. A propósito parabéns papai.

Conrado abre um sorriso tão grande que parece que seu rosto vai rasgar.

— Obrigado. Já imaginou, eu, pai? Ainda não caiu minha ficha.

— Você vai ser um ótimo pai tenho certeza.

— Eu vou dar o meu melhor, isso eu tenho certeza.

Sorrimos um para o outro e Conrado me olha sério.

— Margareth me ligou e explicou sua situação. No que eu posso ajudar?

— Eu quero uma autorização para cuidar da Mel até que a mãe dela saia do hospital.

— Rule, você tem noção do que está me pedindo? — ele me pergunta cético. Seu semblante está sério e nesse momento quem fala comigo é o Juiz Conrado Mattos e não o meu velho amigo.

— Eu sei que parece uma loucura, mas eu não posso nem imaginar a Mel sozinha naquele abrigo. Ela me lembra tanto a Joly e eu sinto uma necessidade de cuidar dela. Sei que eu não tenho sido eu mesmo nos últimos anos, mas essa é a minha chance de consertar a minha vida, de fazer algo útil. Ter um motivo para acordar todos os dias, nem que seja por um tempo. Eu preciso me sentir vivo novamente Conrado, e cuidar da Mel vai fazer isso comigo. Só preciso de uma chance — digo derrotado.

Conrado apenas me observa e seu silêncio me deixa maluco.

— Já estava passando da hora de você acordar pra vida meu amigo. Eu senti sua falta.

Ele me puxa para um abraço e vejo o quanto senti falta do meu amigo.

— Também senti a sua. Demorou, mas eu estou tentando dar a volta por cima.

— Camila iria ficar feliz.

— Sei que ia – respondo.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, cada um com a sua dor. Então lembro-me do real motivo de estar aqui.

— Vai me ajudar? — pergunto.

— Vou. Só preciso dar alguns telefonemas.

Depois de mais ou menos uma hora, várias ligações e muitas recomendações. Saio do gabinete de Conrado com uma ordem judicial informando que Melissa está sob minha responsabilidade até que sua mãe esteja em condições de cuidar dela novamente.

Corro de volta para o abrigo e Mel corre para os meus braços assim que me vê.

— Pronta para ir para casa comigo, princesa?

Estaciono o carro na garagem e dou a volta para retirar Mel da cadeirinha. A pego no colo e ela se aninha no meu pescoço.

— Bem-vinda Mel, esse será seu lar por enquanto – digo assim que entramos em casa.

Seus olhinhos curiosos percorrem tudo o que está ao seu alcance, depois se voltam para mim. Ela ergue a cabeça e me examina, mas não diz nada.

Só então me dou conta do que estou fazendo. Mel é apenas um bebê, não que eu realmente seja um alcoólatra ou um irresponsável, mas será que

consigo mesmo cuidar dessa menina? Ainda mais sozinho? São tantos anos sem ninguém que a ideia de ter alguém que depende de mim me assusta. Mas ao mesmo tempo me dá uma sensação tão boa que não posso ignorar. Não pode ter sido apenas coincidência que eu estivesse justamente lá quando elas sofreram o acidente.

— Aqui é sua casa, tio Rule? — Mel pergunta curiosa, me tirando dos meus devaneios.

Olho para seu rostinho e qualquer dúvida que eu tenha sobre conseguir cuidar dela, ou estar fazendo a coisa certa, se vai como uma nuvem depois da chuva. Sei que não tenho como explicar, mas me afeiçoei a Mel de uma forma que não tem mais volta. Faço o que for preciso para que ela tenha sempre esse lindo sorriso em seu rostinho.

— Sim, princesa. Aqui é nossa casa.

— Nossa?

— Nossa. Enquanto você estiver aqui, essa casa também é sua.

— Que máximo — diz batendo palminhas animada.

Coloco Mel no chão e pego em sua mão para guia-la para o seu quarto.

— Vem, vou te mostrar seu quarto.

— Eu vou *te* um *quato*?

— Sim, um quarto lindo. Cheio de bonecas pra você brincar.

— Eu nunca tive um *quato* — diz triste.

As coisas sobre Mel e a mãe ainda são um total mistério, a polícia não conseguiu achar nada e pelo visto só iremos saber quando a mãe da Mel acordar para explicar.

— Agora você tem — digo e seu sorriso volta.

Vou deixar Mel no quarto que era da Joly, ele está praticamente

intocado. Sei que parece bizarro conservar um quarto por 10 anos, mas nunca consegui me desfazer das coisas que tem lá. Ou quem sabe o destino não me deixou, para que agora Mel pudesse usá-lo.

Subimos as escadas e paramos na porta do quarto. A placa rosa escrita “aqui dorme uma princesa” ainda continua lá. Abro a porta e uma enxurrada de emoções me atinge. Lembranças me vem à mente, nós três naquele quarto. As histórias que contava para Joly dormir, tudo o que vivemos ali.

Abro espaço para Mel entrar e tento controlar minha respiração. Ela observa tudo e quando vejo que consigo falar algo, digo:

— Bem-vinda ao seu quarto, princesa.

Seus olhos parecem pelo menos dez vezes maiores e mais brilhantes do que de costume.

— É tão lindo — fala.

Seus olhos percorrem cada canto que está no seu campo de visão. Até que batem na casa de boneca no canto esquerdo do quarto.

— Posso *binca*? — pede.

— Claro, você pode brincar com tudo.

Mel solta da minha mão e corre até a casinha de madeira. Eu a construí quando Joly tinha apenas três anos, ela ficou fascinada. Passava horas e horas brincando com ela, e por vezes fazia com que eu e Camila entrássemos na brincadeira.

Pelo menos duas vezes por mês uma pessoa vem aqui limpar tudo. Acho que antes do acidente não houve um só dia em que não entrei aqui. É como se pudesse sentir a presença da minha princesa aqui, e isso de uma forma me acalma.

Observo Mel entretida com a casinha e com os brinquedos a sua volta. Seu sorriso de orelha a orelha me faz sorrir também. É inexplicável a sensação de poder trazer paz a ela, mesmo com todo esse turbilhão de coisas

acontecendo em sua vida.



O restante da manhã passa voando com Mel entretida com os brinquedos e eu perdido em pensamentos enquanto a observo.

— Está com fome, princesa? — pergunto quando vejo que já está na hora do almoço.

Ela tira os olhos da boneca que tem nas mãos e se vira para mim.

— Muita, tio Rule.

— Que tal irmos comer alguma coisa? — Mel olha para os brinquedos e parece em dúvida. — Quando voltarmos você pode brincar mais — acrescento.

— Posso mesmo?

— Claro, já disse que a partir de agora pode brincar com o que quiser. Tudo o que tem aqui é seu.

Ela abre um de seus lindos sorrisos e corre para os meus braços para me abraçar.

— Você é demais, tio Rule. — Mel deposita um beijo na minha bochecha e se encolhe dando risadas quando minha barba faz cocegas em seus lábios. — Sua *baiba* faz cosquinhas — diz risonha.

— Vou tira-la depois, tudo bem. Agora vejamos, o que você quer comer?

Mel me olha com ar pensativo. Um minúsculo dedo no queixo como se avaliasse o que pedir.

— Pode ser batata *fita*?

— Batata frita? — pergunto e ela assente com a cabeça. — Com muito ketchup? — sugiro escondendo uma risada.

— Com *muittooooooooo ketchup*! — grita.

— Então pode.

Mel pula animada e começa a me puxar porta a fora.

— Vamos logo tio, eu *quelo* muito comer e voltar para *binicar* com meus *binquedos*.

— Vamos correr então. Quer ir de cavalinho?

— Sim — grita e volta a pular animada.

A pego em meus braços e a coloco sentada em meus ombros. Sua risada ecoando pela casa.

— Segura Mel, vamos ter um pouco de turbulência.

Seguro bem em seus braços e desço as escadas como se estivesse a ponto de cair, Mel adora e me encoraja a ir cada vez mais rápido.

Decido leva-la até o bar da Lucy, lá é um ambiente agradável e familiar, apesar dos homens que frequentam o lugar à noite. Assim que entramos pela porta Lucy vem nos receber.

— Veja o que temos por aqui. Quem seria essa menina linda com você, Rule?

Mel se esconde atrás das minhas pernas, envergonhada. Já percebi que por algum motivo ela é muito fechada e não gosta de ir com estranhos, não sei como se apegou tanto a mim.

— Mel, essa é Lucy, uma grande amiga minha e umas das melhores cozinheiras da região. Lucy essa é Mel, uma pequena/grande amiga que está morrendo de fome e quer batata frita com *muittooo* ketchup.

— Bem-vinda Mel — Lucy diz sorridente e estende a mão para Mel.

— *Obigada* — Mel responde acanhada, mas estende a mão.

— Venham, vou separar uma mesa para vocês.

Lucy nos leva até uma mesa no canto e anota nossos pedidos. Comemos entre muitas brincadeiras e risadas. Várias pessoas nos olhavam, principalmente para Mel, ela é uma criança muito esperta e conquista a todos por onde passa. Seu jeito tímido e acanhado parece chamar ainda mais atenção.

— Gostou da comida, Mel? — pergunto.

— Muito. O homem mau não deixava a gente comer batata *fita* — Mel responde animada.

Homem mau? No momento em que vou perguntar sobre esse tal homem mau, Lucy vem retirar a mesa.

— O que vão querer para a sobremesa? Acabei de retirar do forno uma torta de maçã que está deliciosa. O que acha Mel, quer um pedaço? — Lucy pergunta, mas minha cabeça está no que Mel acabou de falar.

— Eu posso, tio Rule? — pergunta.

— Claro, meu anjo. Lucy, nos traga dois pedaços de torta, por favor.

— Claro.

Lucy sai para pegar os pedaços de torta e aproveito para perguntar para Mel sobre esse tal homem mau.

— Mel, meu anjo. Quem é o homem mau que não te deixava comer batata frita?

Seus olhos encontram os meus e ela parece com medo de algo. Suas mãozinhas brincam com o guardanapo. Mel volta seu olhar para a mesa e então fala tão baixo que quase não consigo ouvir.

— A mamãe disse que eu não posso *conta pa* ninguém, tio Rule.

Só pode ser por isso que elas estavam em um carro sem documentos

ou qualquer tipo de identificação. Só poderiam estar fugindo de alguém. Percebo que Mel está desconfortável e por maior que seja a minha curiosidade nesse momento decido não perguntar mais nada por enquanto.

— Tudo bem, princesa. Mas eu quero que se lembre que eu só quero o seu bem e o da sua mamãe. Então pode me contar tudo o que quiser, tudo bem?

Ela balança a cabeça em sinal afirmativo e Lucy volta com os pedaços de torta.

— Aqui está. Um pra você — diz ao colocar um pedaço para Mel. — E outro pra você. Espero que gostem, qualquer coisa é só me chamarem.

— Obrigado Lucy.

— *Obigada.*

Comemos nossa torta em silêncio, até que meu telefone toca.

— Alô! — atendo sem ao menos ver quem é.

— Rule querido, fui até o abrigo ver a Mel e elas me disseram que ela está com você — Nancy fala do outro lado da linha.

— Me perdoe Nancy, acabei esquecendo de te avisar. Viemos almoçar aqui no bar da Lucy, mas já estamos voltando pra casa.

— Será que eu poderia visita-los? — pergunta receosa. O que não é de se estranhar depois do meu comportamento idiota nos últimos dias, ou anos.

— Claro, seria um prazer.

— Perfeito, vou pedir que Scoth me leve até lá daqui a pouco.

— Ótimo, eu preciso mesmo falar com ele.

— Então até daqui a pouco, querido.

— Até.

Guardo o telefone no bolso e Mel me olha curiosa.

— Princesa, você ficaria um pouco com a tia Nancy enquanto vou ao mercado?

— Sim — responde animada. Nancy já a conquistou.

— Então vamos pra casa que ela está indo pra lá.

— Eu posso *mostar* meu *quato pa* ela? — pergunta.

— Claro que pode, princesa.

— Eba!

Pago a conta e voltamos para casa. Assim que entramos Mel corre para as escadas, e vamos rumo ao quarto. Uma meia hora depois Nancy e Scoth chegam. Assim que a campainha toca Mel corre para atender.

— Tia Nancy — grita e se joga para Nancy que a recebe de braços abertos.

— Princesa, estava com saudades já.

— Tia, eu tenho um *quato* tão lindo. Você *quê vê*?

— Eu adoraria.

Mel começa a arrastar Nancy para as escadas.

— Nancy, você se importa de olhar Mel enquanto vou até o mercado com Scoth? — pergunto.

— Será um prazer, podem ir tranquilos.

— Obrigada. Já volto, princesa — digo e aceno para Mel que está impaciente para mostrar logo seu quarto para Nancy.

— Tchau, tio Rule.

— Ela nem viu que eu estava aqui — Scoth finalmente fala.

— Mel está muito animada com o quarto. Não foi por mal — explico e ele assente.

— Nancy disse que você queria falar comigo. Aconteceu alguma

coisa? — pergunta, sua expressão se tornando preocupada.

— Me dá uma carona até o mercado que te explico tudo no caminho.

— Claro, vamos.

Entramos no carro e no caminho conto para Scoth tudo o que aconteceu.

— Você tem toda razão, provavelmente elas estavam fugindo. Mas de quem? E por quê? — Scoth questiona quando termino de contar.

— Isso teremos que descobrir. Elas podem estar correndo perigo.

Só de pensar que Mel pode estar em perigo meu sangue ferve.

— Não se preocupe Rule, nada de mal irá acontecer com nenhuma das duas.

— Deus te ouça.

— Vou passar tudo para o departamento de polícia. Enquanto isso você pode tentar descobrir mais alguma coisa com a Mel.

— Vou tentar, mas não posso garantir muita coisa.

— Qualquer coisa que conseguir estaremos no lucro. Em todos os meus anos nunca vi alguém que não pudesse ser identificado de alguma forma. Por mais difícil que seja, nós vamos descobrir tudo mais cedo ou mais tarde.

— A mãe dela continua no mesmo estado? — pergunto.

— Na mesma. Os médicos disseram que o quadro dela está estável. Ao mesmo tempo que isso é bom, não podemos ter muitas esperanças.

— Ela precisa se recuperar – digo exasperado.

— Não vamos perder a fé, Rule. Tudo vai ficar bem. A propósito eu conversei com Holt e expliquei a situação — fala cauteloso. Com toda essa confusão acabei me esquecendo desse assunto. Acho que agora com todas essas circunstâncias ficar afastado talvez não seja uma má ideia.

— E...?

— E consegui convencê-lo a te dar férias prolongadas ao invés de um afastamento.

Scoth é o melhor homem que conheci em toda a minha vida, não tenho palavras para agradecer tudo o que ele faz por mim. Mesmo quando não mereço.

— Obrigado Scotth, por tudo — agradeço, pois não sei mais o que dizer.

— Você pra mim é com um filho Rule, não tem o que agradecer.

— Tenho sim. Agradecer e também me desculpar pelo modo como agi esses últimos anos. Você tinha toda razão quando disse que está na hora de mudar minha vida, e é isso o que vou fazer Scotth.

Ele tira os olhos da estrada e me encara. Seus olhos cintilam com algo que ousou dizer ser orgulho, mas também um carinho tão grande que você realmente só vê nos olhos de um pai.

— Eu só quero que você seja feliz, Rule.

Compro tudo o que preciso para abastecer a dispensa de casa e também algumas coisas pessoais para Mel. A mochila que achamos no carro contém poucas roupas e nada de objetos pessoais. Então achei melhor providenciar tudo o que ela precisa.

Voltamos para casa já no final da tarde. Nancy preparou o jantar e logo depois ela e Scotth foram embora. Coloquei Mel na cama, fui tomar um banho e tentar dormir, mas os acontecimentos de hoje não saíram da minha cabeça.

Quem será que poderia, ou pode, querer fazer mal as duas?

— Entre — grito para a pessoa que bate na porta.

— Com licença, senhor.

— Alguma novidade? — pergunto ansioso.

— Por enquanto não, mas vamos achá-las.

— Claro que irão achá-las. Ou vocês irão pagar muito caro por isso. Estamos entendidos? — grito.

Os olhos do homem a minha frente demonstram o medo que ele sente nesse momento.

— Claro senhor.

— Agora saia da minha frente.

O homem sai e volto a ficar sozinho. Giro minha cadeira e me deparo com a paisagem do enorme jardim. Minha casa, meu dinheiro. Não posso permitir que tudo vá por água abaixo por causa de uma vadia qualquer.

— Eu irei achá-la, pode ter certeza. E então vai aprender a nunca mais abrir o bico para falar nada.



TRÊS MESES DEPOIS....

— Tio Rule, acorda.

Sou despertado por pequenas mãozinhas que me sacodem, Mel se remexe na cama ansiosa. Hoje vamos visitar sua mãe no hospital e tenho a impressão de que ela mal dormiu a noite por isso.

— Bom dia, princesa — digo ainda meio sonolento. Mel está de joelhos ao meu lado na cama.

— Bom dia, tio Rule. Podemos ir ver a mamãe? — Seus olhinhos pidões brilham de expectativa.

Nesses três meses Mel está bem mais comunicativa e até aprendeu a falar corretamente.

— Podemos, meu anjo. — Viro-me para ver a hora no relógio da cabeceira ao lado da cama. — Mas ainda está cedo Mel.

Ela abaixa sua cabecinha de forma triste. Levanto seu queixo para que olhe para mim novamente.

— Vamos tomar café primeiro, então vamos passar para comprar algumas flores para enfeitar o quarto da sua mãe e depois vamos vê-la. O que acha?

— Então vamos logo, tio — diz já pulando da cama e indo em direção a porta.

— Ei mocinha — chamo e Mel se vira para mim. — Você já escovou os dentes?

Ela balança a cabeça de forma negativa e lança um olhar de repreensão para ela.

— Já tô indo tio — diz e sai correndo.

Mel é a alegria da casa, a alegria da minha vida. Nunca imaginei que depois daquela noite do acidente minha vida mudaria completamente. Para melhor. Mas essa pessoinha conseguiu fazer isso por mim, com seu jeitinho meigo Mel me conquistou. O carinho que ela me trata e vê-la feliz é tudo o que preciso para me sentir bem novamente.

O estado da mãe da Mel continua na mesma. Os médicos a tiraram do coma induzido, porém ela não voltou como o esperado. Agora a única coisa que nos resta é esperar. E essa espera que me mata, não saber o que vai acontecer. O departamento de polícia não conseguiu achar nada sobre elas e Mel também não me deu mais nenhuma informação que pudesse ajudar. Ela chegou a falar mais algumas coisas sobre esse tal “*homem mau*”, mas nada que pudesse servir de pista para achar o paradeiro dele e desvendar esse mistério.

Eu continuo de “*férias prolongadas*” da corporação e ainda não tenho uma previsão de retorno, pelo menos não enquanto não resolver a situação da Mel. Ela não tem documentação, nem nada do tipo e isso me preocupa, pois logo ela terá que frequentar uma escola. Outra coisa que não sai da minha cabeça é pensar em como será quando a mãe dela acordar, o que irá fazer? Será que vai levar Mel para longe? Eu não sei se iria aguentar mais essa perda. Mel se tornou muito importante para mim, é como minha filha e faço tudo por ela. Não posso mais imaginar minha vida sem essa pequena por perto.

— Pronto, tio, já escovei os dentes e lavei o rosto — diz Mel ao retornar para o quarto.

— Vou tomar um banho e já preparo o nosso café. O que acha de

assistir um desenho enquanto isso?

Ela balança a cabeça com um sorriso e corre de volta para o seu quarto.

Tomo um banho rápido e depois de pronto vou pegar Mel para tomarmos café. Preparo seu cereal com leite do jeito que ela gosta e eu tomo apenas um café preto.

— Acabei tio, podemos ir? — pergunta assim que acaba de comer.

— Agora podemos.

Arrumo Mel na cadeirinha do carro e dou a volta para entrar. Coloco um DVD de desenho e seguimos até a floricultura que fica próxima ao hospital.

— O que acha dessas aqui Mel? — pergunto apontando para um punhado de flores do campo.

— São lindas, a mamãe vai gostar.

— Então vamos levar.

Pago pelas flores e voltamos para o carro, agora rumo ao hospital.

Trago Mel dia sim dia não para ver a mãe. Ela sente muita falta dela e por mais que eu me esforce para que ela tenha de tudo, nada pode substituir a mãe. Me corta o coração quando Mel acorda chorando de madrugada, chamando por ela. Por isso tento mantê-las o mais próximo possível. O médico também disse que isso ajuda na recuperação, que mesmo inconsciente a mãe pode sentir a presença dela e isso pode até ajudá-la a acordar.

Cumprimento as enfermeiras na recepção e vamos para o quarto. Mel entra correndo e só para ao lado da cama.

— Bom dia mamãe, a gente trouxe flores — diz para a mãe.

Pego Mel no colo e a sento na beirada da cama. Ela deposita um beijo na bochecha da mãe e começa a conversar com ela. Conta sobre o dia de ontem, sobre o parque que a levei e sobre o que comeu. Eu apenas observo

tudo sentado em um canto. Olhar para as duas juntas me traz uma paz, e ao mesmo tempo uma curiosidade enorme sobre a mulher deitada nessa cama. Sobre a vida das duas antes do acidente.

— Senhor Jackson — chama uma enfermeira que acabou de entrar no quarto. — O Dr. Mitchel gostaria de conversar um momento com o senhor.

— Claro! Será que você pode ficar de olho na Mel por um instante?

— Fique tranquilo que eu cuido dela.

— Mel! — Ela se vira para me olhar. — Vou sair um minutinho e já volto. A enfermeira Lexy ficará com você.

— Tá bom, tio Rule.

— Obrigado — digo para a enfermeira que me responde com um sorriso tímido.

Saio do quarto e vou em direção ao consultório do Dr. Mitchel, o médico que cuida da mãe da Mel. Bato de leve na porta e ele pede que eu entre.

— Bom dia, senhor Jackson.

O homem de meia idade se levanta da cadeira atrás da sua mesa e me estende a mão.

— Bom dia, dr. Mitchel. A enfermeira Lexy disse que o senhor precisava falar comigo. Aconteceu alguma coisa?

— Sente-se, por favor — diz apontando a cadeira em frente à mesa.

Sento-me e ele volta a falar:

— Na verdade aconteceu — diz categórico. — A mãe da Mel teve uma melhora significativa no seu quadro e posso dizer que a qualquer momento ela irá acordar.

— Isso é uma ótima notícia. — Ele me olha receoso e percebo que algo não está certo. — Ou não é? — pergunto.

— Claro que é. Porém, senhor Jackson... — Ele faz uma pausa e começo a ficar apreensivo.

— Sem rodeios Dr. Mitchel. O que o está preocupando? Ela terá alguma sequela do acidente?

— Veja bem, senhor Jackson, os últimos exames que realizamos na paciente mostra uma pequena lesão no lobo temporal. Achamos que esse pequeno trauma pode levar a uma perda de memória parcial ou até mesmo total.

— Como assim perda de memória? — pergunto como um idiota.

— Ainda não podemos afirmar nada. Somente quando a paciente acordar que saberemos, mas a uma grande chance que isso aconteça.

— Mas seria algo passageiro ou permanente?

Meu Deus, como Mel se sentirá se sua mãe acordar e não se lembrar dela?

— Como disse, senhor Jackson, não podemos precisar nada nesse momento. Enquanto a paciente não acordar, tudo o que temos são hipóteses. Estamos fazendo tudo o que está ao nosso alcance para que ela saia da melhor forma possível desse acidente, mas não podemos garantir nada.

— Entendo Dr. Mitchel. Me desculpe, mas não quero nem imaginar como Mel irá se sentir se isso acontecer. Ela é apenas uma criança e já está passando por tantas loucuras nesses últimos dias, não é justo que agora aconteça mais isso.

— Senhor Jackson, é muito bom saber que se preocupa com essa criança e que ela não está sozinha. Mas não podemos evitar certas coisas, infelizmente.

— Eu sei — digo.

— A única coisa que nos resta agora é esperar e rezar para que tudo acabe bem. Achei melhor avisá-lo para que não seja pego de surpresa.

— Eu agradeço por isso Dr. Mitchel.

Levanto-me da cadeira e estendo a mão para me despedir. Saio do consultório sem saber o que pensar. A mãe da Mel sem memória?

Senhor, não permita que isso aconteça.

Encosto-me na parede e passo minhas mãos nos cabelos tentando clarear os pensamentos.

— Rule — Ouço alguém me chamar. — Está tudo bem?

Levanto minha cabeça e encontro os olhos piedosos de Margareth.

— Oi Marg — a chamo pelo seu apelido. — Mais ou menos. E você o que faz aqui, você está bem? E o bebê? — pergunto preocupado.

— Estamos bem, não se preocupe. Vim apenas fazer uma ultrassonografia de rotina. Nada demais — responde com um sorriso.

— Já sabe o que é? — pergunto me referindo ao bebê.

— Uma menina — diz com um sorriso de orelha a orelha.

— Parabéns. Conrado não veio com você?

— Veio, mas precisou sair correndo para uma audiência e eu fiquei para almoçar com uma amiga que trabalha aqui no hospital. E você o que faz aqui? A Mel está bem?

— Vim justamente trazê-la para ver a mãe.

— E ela como está?

— Acabo de sair da sala do médico responsável. Ele disse que ela pode acordar a qualquer momento.

— Mas que ótima notícia, Rule.

— Sim, é uma ótima notícia — digo, e as palavras do Dr. Mitchel me vem à mente. *“Achamos que esse pequeno trauma pode levar a uma perda de memória parcial ou até mesmo total.”*

— Então por que você parece tão transtornado com isso?

Encontro os olhos de Marg e repito as palavras do médico.

— Ela sofreu uma lesão no lobo temporal e pode ser que acorde com uma perda total ou parcial de memória.

— Oh Rule! — Marg leva as mãos a boca espantada pela notícia. — Sinto muito. Coitada da Mel.

— Eu não sei nem o que pensar, Marg — digo derrotado.

Ela se aproxima e deposita uma mão no meu ombro antes de me olhar no fundo dos olhos e dizer bem séria:

— Não se preocupe Rule, no fim tudo ficará bem. Não se esqueça do que dizem, Deus escreve certo por linhas tortas.

— Tomara que você tenha razão, Marg. Estou perdido, essa menina me trouxe de volta à vida. Ela conseguiu fazer o que eu, e tenho certeza que todos ao meu redor, não tinham mais esperanças de acontecer.

Não fui eu que salvei Mel daquele acidente e sim o contrário, foi ela quem me trouxe de volta à vida. Ela quem me trouxe o sorriso e a alegria de viver de volta. Ela me fez ver um futuro além de uma garrafa de bebida.

— Não sabe como fico feliz de te ver assim. Mel foi um milagre na sua vida. Tente não pensar muito sobre o que vai acontecer, Mel precisa de você agora.

— Você tem razão, Marg. Obrigado por tudo.

Deposito um beijo e seu rosto e ela sorri.

— Agora preciso ir, mas aparece lá em casa para conversarmos qualquer dia desses, e leve a Mel.

— Pode deixar.

— Agora preciso ir. Tchau, Rule, e se cuida.

— Tchau Marg, mande lembranças para o Conrado.



Volto para o quarto e Mel ainda está conversando com a mãe, é incrível como uma criança tão pequena pode ter tanto assunto. Agradeço a Lexy por ter cuidado dela e ela nos deixa a sós.

— Mel, princesa. É hora de irmos pra casa — digo me aproximando.

Ela me olha com aqueles olhinhos pidões.

— Só mais um pouquinho — pede, fazendo sinal com os dedos.

— Só mais um pouquinho e vamos embora.

— Viu mamãe. Eu disse que o tio Rule é o melhor tio do mundo — praticamente grita com um sorriso enorme no seu rostinho.

Sorrio e volto a observar a interação entre as duas, ou melhor, da Mel com a mãe, da poltrona ao lado da cama e o pouquinho acaba se tornando mais de meia hora.

— Tio Rule, podemos ir no parque? — Mel pergunta assim que entramos no carro para irmos para casa.

— Vamos almoçar primeiro e depois te levo no parque, tudo bem?

— Sim! — Pula animada em sua cadeirinha.

Quando vou dar partida meu telefone toca, é Nancy nos convidando para o almoço, que aceito na hora.

— Vamos almoçar com a tia Nancy, princesa.

— Eba! Eu amo a tia Nancy.

— Ela também te ama muito.

Dou partida no carro e sigo em direção a casa da Nancy e do Scoth.

Chegamos e como sempre a mesa tem comida para um batalhão. Mel faz todos sorrirem com suas perguntas de criança, mas o ponto alto da refeição é sua declaração.

— Obrigada, tio Rule, tia Nancy e tio Scoth. Eu nunca fui tão feliz igual quando tô com vocês — Mel fala com tanta simplicidade que todos se emocionam.

Como alguém tão pequeno pode causar sentimentos tão grandes?

— Você que é nossa alegria, Mel — Nancy é a primeira a falar. Os olhos embargados pelas lágrimas, ela se levanta, e pega Mel nos braços que a agarra em um abraço apertado. — Continue sempre essa princesa linda.

Nancy e Scoth nunca puderam ter filhos, e sei o quanto isso os machuca. Por isso quando entrei para a corporação eles praticamente me adotaram.

— Nancy tem razão Mel, você que é nossa alegria — Scoth fala emocionado.

Mel encara Nancy com os olhinhos preocupados.

— Tia Nancy, por que tá chorando? Eu deixei você triste?

— Não meu anjo, estou chorando de felicidade.

— De felicidade? — pergunta sem entender.

— Sim, porque você nos faz muito felizes.

Mel sorri e limpa as lágrimas que caem pelo rosto da Nancy. E eu tento segurar as minhas próprias.

— Então não chora tia, quando tá feliz tem que sorrir — Mel fala e todos rimos da sua inocência.

— Pode deixar princesa, que vou parar de chorar.

Mel sorri ainda mais e abraça Nancy novamente.

— Eu também quero abraço — diz Scoth fazendo cara de triste.

— Eu também — entro na onda.

Mel vem até nós e gruda seus bracinhos em nosso pescoço depois deposita vários beijos em nossa bochecha. Primeiro no Scoth e depois em mim.

— O que acha de me ajudar com a sobremesa? — Nancy pergunta para Mel.

— Tem torta de maçã? — Mel questiona curiosa.

— Não sei, vai ter que ir até a cozinha comigo para descobrir.

Mel corre e começa a puxar Nancy para cozinha.

— Vamos tia Nancy, tô curiosa.

As duas deixam a mesa e Scoth me encara.

— Aconteceu alguma coisa, Rule? Você não parece muito bem — pergunta.

Não consigo esconder nada do Scoth, acho que ele me conhece como ninguém.

— Estou preocupado com a Mel.

— Alguma novidade que eu não estou sabendo? — pergunta cauteloso.

— Hoje o Dr. Mitchel disse que a mãe da Mel pode acordar a qualquer momento, mas há grandes chances que ela acorde sem memória devido a uma lesão no lobo temporal — solto de uma vez.

— Entendo. E você está preocupado com o que vai acontecer com a Mel caso isso aconteça.

— É claro que estou. — Levanto-me da cadeira inquieto. Minhas mãos passeiam por meus cabelos tentando dissipar a nuvem de confusão que paira sobre minha cabeça. — Eu amo demais a Mel, sei que pode parecer loucura, mas é a verdade. Ela me salvou Scoth, não quero que ela sofra.

— Ninguém quer isso, Rule. Nós daremos um jeito.

— Eu sei que daremos, mas a que preço?

— Isso eu não posso responder, mas você precisa se acalmar. A Mel precisa de você, e nesse estado não vai conseguir passar a confiança que ela precisa para não se sentir perdida. Ela vai achar em você o porto seguro e você precisa ser forte pra isso, Rule. Então deixa para esquentar a cabeça quando realmente acontecer. Pelo que sei só vamos ter certeza de algo quando a mãe da Mel acordar, então não adianta sofrer por antecedência.

— Você tem razão — digo, já me sentindo um pouco mais calmo.

— Hora da sobremesa, rapazes.

Nancy e Mel retornam com uma bela torta de maçã, a preferida da Mel e a minha também.

Depois da sobremesa seguimos todos para o parque e passamos a tarde lá, Nancy preparou uma bela cesta e fizemos um piquenique no final da tarde. Era tudo o que eu precisava para ter certeza que independente do que vá acontecer, tudo vai dar certo. Precisa dar.

LORI

— Os batimentos estão estáveis.

Ouçõ vozes ao meu redor. Elas parecem tão perto e tão distantes ao mesmo tempo. Meu corpo está pesado, meus olhos querem se manter

fechados, mas por algum motivo eu sei que preciso abri-los. Luto contra o sono que quer me dominar, alguém precisa de mim. Mas quem? Não consigo me lembrar, não consigo lembrar de nada. Nada.

Onde estou?

Quem sou eu?

Por mais que me esforce minha cabeça parece em branco.

Meu corpo se agita, sinto que estou me mexendo mesmo que lentamente.

— Ela está acordando.

Mais vozes. Preciso abrir os olhos.

—Vamos lá, acorde. Lute pela sua vida, pela sua filha.

Filha? Eu tenho uma filha? Mas como não me lembro dela?

Abro um pouco meus olhos e me deparo com um teto branco. Devo estar em um hospital, minha cabeça dói, minha garganta está seca. O que aconteceu? Por que estou aqui? De repente um rosto entra no meu campo de visão. Um senhor de meia idade sorri para mim.

— Consegue me ouvir? — pergunta.

Balanço a cabeça positivamente. Ela parece pesar uma tonelada.

— Perfeito.

Ele se afasta um pouco, mas posso ouvi-lo falando com outra pessoa.

Giro minha cabeça devagar e vejo um homem e duas mulheres próximas a cama que estou, todos de jalecos brancos. Nos meus braços fios estão ligados e parecem injetar algum tipo de líquido que não sei identificar. Assusto-me e tento puxá-los do meu braço.

Uma mulher se aproxima e delicadamente pousa as mãos nos meus ombros para me conter.

— Fique calma, ou vai se machucar. Não precisa se preocupar, você

está segura conosco.

Olho para seus olhos cor de mel e de alguma forma ela me inspira confiança.

— Consegue falar alguma coisa? — pergunta.

Demoro alguns segundos para processar sua pergunta, afinal não sei o que falar. Decido começar pela pergunta que julgo ser a mais importante nesse momento.

— Quem... — Minha voz soa muito baixa, falhada. — Quem...

— Não se esforce, querida. — Ela se vira, pega um copo de água e aproxima dos meus lábios o canudo que está no copo. Sorvo um pouco da água e sinto um pequeno desconforto ao engolir. — Isso deve ajudá-la. Quer tentar novamente?

Respiro lentamente antes de tentar novamente.

— Quem... Quem sou eu? — consigo finalmente dizer. Muito baixo, mas ela consegue me entender, pois me olha espantada.

— Você não se lembra?

Apenas balanço a cabeça negativamente.

— Você se lembra do por que está aqui? — pergunta o senhor de antes.

— Não... Não... Me lembro de nada — digo.

O senhor e a mulher se entreolham, mas nenhum dos dois diz nada.



RULE

Estou andando de um lado para o outro na porta do quarto do hospital onde a mãe da Mel está internada. Faz 04 dias que ela acordou e desde então ainda não vim visitá-la ou trouxe a Mel, ela está inquieta por não ver a mãe. Disse que ela precisava descansar mais um pouco e que não poderia receber visitas nesses dias. Mel ficou triste, mas como sempre foi compreensiva.

Quando o médico me informou que ela havia acordado fiquei feliz pela Mel, mas quando ele contou que ela não se lembrava de nada fiquei desesperado. Não quero ver a Mel sofrendo pelo fato da mãe não se lembrar dela.

Decidi vir conversar a mãe da Mel, Lori, preciso me lembrar que esse é seu nome pelo que Mel nos disse.

— Tudo bem, senhor? — uma enfermeira pergunta ao passar ao meu lado.

— Tudo... Sim — respondo.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa? O senhor está procurando algum quarto?

— Não... Não... Obrigado.

— Tudo bem, então. Se precisar de algo pode chamar a mim ou alguma das enfermeiras, com licença.

Seja homem Rule, grito para mim mesmo.

Dou uma leve batida na porta e abro vagarosamente. O quarto está com a luz acesa e Lori está sentada na cama. Ela parece perdida em um mundinho particular.

— Oi — digo ao me aproximar.

— Oi — responde ainda meio letárgica.

— Bom, eu sou o Rule.

Ela me observa confusa e depois abre um sorriso tímido.

— Me desculpe Rule, mas eu não sei o meu nome — diz envergonhada.

— Eu sei... Não... Não tem problema. — *Droga, por que estou gaguejando?!*

Ela continua me observando como se esperasse por alguma reação minha, mas não sei bem o que falar.

— Você me conhece? — pergunta quebrando o silêncio constrangedor que se instalou.

— Não... Quer dizer sim... Não — embaralho-me com minha resposta. *Deus me ajude, o que eu digo para essa mulher?*

— Sim ou não?

— Tecnicamente não. A verdade é que eu não sei bem como começar.

Ela sorri do meu constrangimento, um sorriso inocente. Lindo!

Agora que posso finalmente conversar com ela, fico como um bobo sem reação.

— Que tal do começo? — sugere.

— Sim... Sim, é uma boa — respondo e não posso conter um pequeno sorriso. — Você realmente não se lembra de nada?

— Infelizmente não, me desculpe — responde com pesar na voz.

— Não precisa se desculpar. Eu vou te falar o que sei sobre você, não é muito, mas acho que já é alguma coisa.

Ela assente com a cabeça. Respiro fundo e começo a falar o que sei.

— Seu nome é Lori, você tem uma filha linda de 04 anos de idade. — Ela me olha atenta esperando por mais, mas não tem mais. Essa mulher a minha frente é um verdadeiro enigma. — Bom, eu disse que não era muita coisa. — Coço minha cabeça nervoso.

Ela sorri constrangida.

— Já é alguma coisa, pelo menos tenho um nome e uma filha.

— Uma filha, que vem te visitar dia sim dia não e conversa com você para que não se sinta só.

— Deus, eu tenho uma filha e não me lembro dela. — Lágrimas começam a descer por seu rosto. — Como uma mãe pode esquecer da própria filha!?

Aproximo-me da beirada da cama e seguro sua mão. Ela levanta seu olhar triste e me encara.

— Você não tem culpa do que aconteceu. Foi um acidente — digo tentando acalmá-la.

— Mesmo assim, ela é minha filha, pelo menos isso eu deveria lembrar. Como ela vai se sentir?

— Mel é pequena, mas muito esperta. Tenho certeza que ela vai entender, não se preocupe.

— Você é o bombeiro? O que nos resgatou do tal acidente?

— Sim, fui eu.

— Obrigada, por salvar as nossas vidas e por cuidar da minha filha. Uma das enfermeiras me contou que ela está com você desde que teve alta do

hospital.

Ela aperta de leve minha mão, e sinto um calafrio subir da palma da minha mão para o meu braço.

— Não precisa me agradecer, a Mel que salvou minha vida — digo com sinceridade, pois é a verdade. — Eles te falaram alguma coisa sobre o acidente?

— Não muito, eles me falaram que foi uma batida de carro. Que um bombeiro nos socorreu e fomos trazidas para cá, e quando perguntei sobre a menina me falaram que estava com o mesmo bombeiro que havia nos socorrido.

— Eu não poderia permitir que a Mel ficasse em um abrigo sozinha. Eu me apeguei demais a sua filha.

— Fico feliz que a Mel tenha alguém cuidando tão bem dela. Por mais que eu não me lembre dela, não posso deixar de me preocupar.

— Entendo.

— Como foi que você nos achou? — pergunta.

— Era madrugada e eu estava dando algumas voltas pelos arredores da cidade. Já ia fazer o retorno quando vi seu carro, ele vinha em ziguezague e acabou se chocando com uma árvore. Liguei para um amigo da corporação e corri para perto do carro, você estava descordada e Mel chorava assustada na cadeirinha no banco de trás. Consegui tirá-la e logo o socorro chegou.

— Você foi um anjo. Se não estivesse lá... A essa hora Mel e eu estaríamos...

— Não! — a interrompo. — Prefiro não pensar nisso, você também não deve pensar. Vocês estão vivas e bem, apesar de tudo. Isso é só o que importa.

— Você tem razão.

Explico para Lori todo o resto da história depois do acidente.

— Obrigada mais uma vez, Rule. Você é um anjo.

Uma enfermeira que entra no quarto me salva de responder que na verdade a última coisa que eu sou é um anjo.

— Desculpe interromper, mas está na hora do remédio da paciente.

— Fique à vontade — digo.

Ela entrega alguns comprimidos para Lori que engole com um copo de água.

— Obrigada — agradece.

— Os remédios logo farão efeito e você deve descansar. Desculpe senhor, mas o horário de visitas acabou.

— Tudo bem — respondo.

— Com licença — diz e se retira do quarto.

— Bom, acho que preciso ir. Mas antes eu queria saber se eu posso trazer a Mel para te visitar. Ela está louca para te ver e não sei mais desculpas para inventar.

— Por favor, traga ela. Os médicos me disseram que posso recuperar minha memória a qualquer momento. Quem sabe quando vê-la não me lembre — diz esperançosa.

— Amanhã então. Amanhã irei trazer a Mel pra te ver.

— Obrigada — responde.

— Bom, eu vou indo então — digo sem graça. — Tchau, Lori.

— Tchau, Rule.

Saio do quarto com as pernas fracas. Até que não foi tão ruim como eu pensava, graças a Deus! Espero que amanhã corra tudo bem quando trazer a Mel.



LORI

Acordo bem cedo, levanto e vou tomar um banho. Estou inquieta e essa vida de ficar o dia todo deitada não está ajudando em nada. O médico disse que se tudo continuar bem dentro de alguns dias terei alta. Não sei se isso me acalma ou me apavora, pois não sei como vou fazer, sem memória, sem dinheiro e com uma criança.

Apoio-me na parede e vou andando vagorosamente até o banheiro. Minhas pernas ainda me parecem estranhas, depois de tanto tempo sem movê-las, mas nada que não passe com um pouco de costume.

Sento-me no vaso para tirar a camisola, de frente tem um pequeno espelho. Levanto-me, e apoiada na pia encaro meu reflexo. Tento lembrar de algo, um nome, um lugar, qualquer coisa que me dê uma pista de quem sou e de onde vim. Entretanto, a imagem a minha frente não me reflete nada.

Todos que conversei me dizem a mesma coisa, que Rule presenciou a batida do carro, mas não havia nada que pudesse identificar quem sou, nem mesmo algum documento da Mel. O carro está no nome de um homem que aparentemente não existe. A esperança de todos era que eu acordasse para esclarecer tudo. Eu acordei, porém não me lembro de nada.

Durante esses quatro dias desde que acordei tenho tido sonhos

estranhos, mas a maioria não consigo me recordar. E os que me lembro são confusos e sem nexos nenhum para mim. Ouço gritos e muita confusão, mas tudo parece tão longe que não consigo distinguir nada.

Ligo o chuveiro e deixo a água quente descer pelo meu corpo na tentativa de me acalmar. Daqui a algumas horas Rule irá trazer Mel para me ver. Não sei o que dizer para ela.

Oi, Mel. Me desculpa, mas a mamãe não lembra de nada, nem de você. Sem chances.

Como dizer para uma menina de quatro anos que sua mãe não se lembra dela?

Lágrimas correm por meu rosto e são levadas junto com a água que cai, mas o sentimento de medo continua.

Deus, me ajude! Faço uma prece silenciosa.

Alguns minutos se passam e quando me sinto mais calma saio do chuveiro. Seco-me vagarosamente enquanto penso na minha filha. Como ela será? Será que se parece comigo? Como eu queria lembrar-me dela, do seu rostinho, da sua voz. Mesmo que todo o resto fosse esquecido, lembrar-me da Mel é o que importa.

Ouço uma batida na porta e logo em seguida o Dr. Mitchell entra no quarto.

— Bom dia, Lori.

Mel disse para Rule que esse era o meu nome.

— Bom dia, Dr. Mitchell — respondo.

— Como passou a noite?

— Tive alguns pesadelos, mas nada que me ajude a lembrar de quem sou.

— Entendo, isso é normal. Não se sinta frustrada por isso, sua memória vai voltar com o tempo.

— Se, ela voltar... — digo debilmente.

— Veja bem Lori, o cérebro humano é uma caixinha de surpresas e prever como ele irá reagir é algo que muitas vezes está fora do nosso alcance. Mas o que quero que entenda é que as coisas acontecem quando tem que acontecer, então de tempo ao tempo.

Ele me lança um sorriso acolhedor. Nesses dias que estou aqui o Dr. Mitchell tem me ajudado muito, conversado comigo, me dado forças e esperança de que tudo vai dar certo.

— Tudo bem — assinto com um sorriso triste nos lábios.

— Como você se sente em relação a visita da sua filha? — pergunta.

— Ansiosa, nervosa, com medo. Não sei bem o que dizer pra ela.

— Não se preocupe. Alguns pacientes com quadros iguais ao seu relatam que ver algumas pessoas, ter contato com elas trouxe lembranças, episódios de interação entre eles. Quem sabe ao ver a Mel você não se lembre de algo — tenta me animar.

— Deus te ouça, é o que mais quero nesse momento.

Conversamos mais um pouco e ele me examina.

— Você está se recuperando rapidamente, isso é um bom sinal.

— Só minha memória que não parece querer se recuperar com essa mesma rapidez que o meu corpo — digo triste.

— Não se estresse Lori, como eu disse apenas de tempo ao tempo. Agora preciso visitar os outros pacientes. Boa sorte!

— Obrigada — agradeço e ele sai do quarto deixando-me sozinha com meus pensamentos.

Olho pela milésima vez para a porta.

— Fique calma, eles logo irão chegar — diz a enfermeira que estava com o médico quando acordei.

— Eu sei, mas tenho medo do que possa acontecer. Não quero machucar minha filha, mesmo que eu não me lembre dela — digo receosa.

Seus olhos bondosos e cansados recaem sobre mim, ela se aproxima e toma uma de minhas mãos na sua.

— Fique calma querida, Mel é uma menina muito inteligente e bondosa. Tenho certeza que se conversar com ela, irá entender.

Ouçó uma pequena batida na porta e logo Rule entra seguido por uma pequena menina, a mais linda que já vi na vida. Seus lindos olhinhos brilham ao me ver e ela corre para perto da cama, para perto de mim.

— Mamãe — sua voz doce atinge meus ouvidos e um choque percorre meu corpo.

De repente seus bracinhos estão em torno do meu pescoço, seu calor me acalentando. E então algo muda, algo se revira dentro do meu ser. O quê? Eu não sei.

Fecho meus olhos e inalo seu cheiro, busco nas minhas memórias, que tenho certeza estão guardadas em algum lugar do meu cérebro, e uma lembrança me vem, algo pequeno, mas significativo.

— *Nossa filha, meu amor. Nossa princesa — uma voz diz ao encostar o pequeno bebê próximo ao meu rosto. Seu choro estridente invade meus ouvidos e meus olhos se enchem de lágrimas.*

— *Nossa filha, nossa Melissa — sussurro antes de ser consumida pelo esgotamento.*

— Eu senti tanto sua falta mamãe.

Sou trazida para a realidade pela voz da minha filha. Meu Deus,

minha filha, Melissa, minha pequena.

— Eu também senti a sua, meu anjo.

Aperto seu pequeno corpo para aplacar a onda de sentimentos que estão tomando conta de mim; dor, alegria, saudades. Todos de uma vez só. Por menor que tenha sido essa lembrança, foi o suficiente para trazer meu instinto materno, para acordar o amor que sinto pela Mel. Sei que preciso me lembrar de muitas coisas ainda, mas o mais importante nesse momento é me lembrar da minha filha.

Lágrimas inundam meu rosto, Mel percebe, então se afasta para logo depois com suas pequenas mãozinhas acariciar meu rosto.

— Não chora mamãe. O tio Rule disse que vai ficar tudo bem.

Assinto com a cabeça e a puxo para outro abraço.

— Eu sei minha linda, mas é que senti tanto sua falta.

— Eu também senti a sua mamãe. Não tem graça conversar com você dormindo — diz inocente e não posso deixar de sorrir. — Mamãe, agora você não tá mais esquecida? — Mel pergunta intrigada.

— Eu meio que expliquei pra ela a situação, para que ela não fosse pega de surpresa — diz Rule sem graça.

— Obrigada. — Sorrio e volto minha atenção para Mel. — A mamãe ainda está um pouco esquecida, mas graças ao papai do céu eu lembrei que tenho a filha mais linda desse mundo.

Ela abre um sorriso de orelha a orelha e diz:

— Antes de dormir temos que agradecer ao papai do céu então, tio Rule.

— Claro, princesa — diz Rule.

Continuo agarrada a Mel até que sinto meus batimentos voltarem ao normal. Passados alguns minutos ajeito minha pequena sentada no meu colo e acaricio seus cabelos enquanto Mel começa a contar tudo sobre os dias em

que passei desacordada. Conta-me sobre o seu quarto, sobre as pessoas que fez amizade e principalmente sobre o tio Rule, que observa a cena do canto da parede onde está encostado. Seus olhos encontram os meus e ele sorri solidário.

— Mamãe, quando você vai pra casa com a gente? — Mel pergunta de repente.

— Eu ainda não sei, meu anjo.

Ela então se vira para Rule.

— Tio Rule, a mamãe pode ir morar com a gente? — pergunta.

Vejo o choque nos olhos de Rule e eu mesma não sei o que responder ou como agir. Por sorte somos salvos pela enfermeira que entra no quarto para me entregar medicação.

— Com licença, está na hora do remédio da paciente — diz a enfermeira ao entrar no quarto.

Ela me entrega dois comprimidos e um copo de água.

— Obrigada — agradeço.

— Sinto muito, mas faltam apenas quinze minutos para o horário de visitas acabar. A paciente precisa descansar — diz antes de sair da sala.



RULE

— Obrigada papai do céu por não deixar a mamãe mais esquecida de mim, amém — Mel fala com seu jeito inocente.

— Amém — concluo.

Não posso deixar de sorrir para a imagem da Mel ajoelhada na beirada da cama enquanto agradece pôr a mãe ter se lembrado dela. A memória do seu rostinho quando falei sobre a mãe me vem à mente.

Estávamos no carro a caminho do hospital.

— *Mel — chamo.*

Sua atenção sai da boneca em suas mãos para o meu rosto.

— *Oi, tio Rule.*

— *A sua mamãe... — as palavras ficam presas e não sei bem o que dizer pra ela.*

— *O que tem a minha mamãe?*

— *Às vezes a gente fica um pouco dodói e não lembra de algumas coisas.*

— *Igual quando eu esqueço de escovar os dentes antes de dormir? —*

pergunta.

— Quase isso — respondo com um sorriso. Só a Mel para me fazer rir em um momento como esse. — Sua mamãe, ainda está um pouco... Confusa... Igual quando a gente acorda depois de uma soneca.

Ela balança sua cabeça em compreensão.

— Então, sua mamãe está assim. Pode ser que ela não se lembre de algumas coisas, mas isso não significa que ela não te ama. Isso logo vai passar.

— Ela perdeu a memória, tio Rule? — pergunta séria.

— Sim... Onde você ouviu essa expressão? — questiono curioso.

— No desenho, tio. O Kaká caiu e bateu com a cabeça aí quando ele levantou não lembrava de ninguém, mas depois ele lembrou. Minha mamãe tá assim?

Se antes estava sem palavras, agora estou ainda mais. Como a Mel é esperta.

— Sim princesa, sua mamãe está assim. Mas vai ficar tudo bem.

— Eu sei, tio. Vou ajudar a mamãe achar a memória dela igual os amigos dos Kaká.

Confesso que quase deixei de levá-la ao hospital hoje com medo do que poderia acontecer, mas depois dessa conversa fiquei mais tranquilo e graças ao papai do céu, como disse Lori, ela se lembrou. Não sei se de muita coisa, mas pelo menos se lembrou da filha e isso é o mais importante no momento.

Mel se levanta e pula na cama agarrada ao seu ursinho.

— Tio Rule, me conta uma história — pede dengosa.

— Conto.

Vou até uma prateleira próxima a cama e escolho um livro. Sento-me na beirada da cama e Mel me olha ansiosa. Abro o livro e então começo:

— Era uma vez, uma linda princesa que morava em um reino muito distante....

Não demora muito e Mel pega no sono. Deposito um beijo em seu rosto e saio do quarto.

Tomo um banho, coloco uma roupa confortável e desço para comer alguma coisa. Preparo um sanduiche e sento-me no sofá. Ligo a TV e procuro algo para assistir. Meu celular apita.

Está em casa?

É uma mensagem do Conrado.

Sim, aconteceu alguma coisa? Pergunto.

Nada. Será que posso passar ai pra gente bater um papo?

Há anos essa seria uma situação comum, mas depois de todos esses anos não sei bem o que esperar. Mas quem sabe o que eu esteja precisando seja relembrar os velhos tempos.

Claro! Respondo.

Cerveja? Pergunta.

Sempre.

Esse é meu velho amigo.

Termino meu lanche e limpo a cozinha. Não demora muito a campainha toca. Abro a porta e Conrado levanta um engradado de cerveja.

— A sua preferida, mas não se acostume — diz e passa pela porta seguindo em direção a cozinha.

— Fica à vontade — brinco, pois Conrado já está abrindo a geladeira para guardar as cervejas que não vamos tomar agora.

Ele se vira e me entrega uma.

— Tem certeza que você está bem? — pergunto.

— Tenho, só sei lá... A bebê... — diz meio perdido.

— O que tem a bebê. Ela está bem?

— Está ótima. O problema sou eu mesmo.

Conrado toma um gole da sua cerveja, passa as mãos pelos cabelos e parece meio perdido. Espero que ele organize suas ideias e continue.

— Eu só estou com medo. A pressão da Marg está alta, o médico recomendou alguns cuidados e eu acho que meio que estou pirando com isso. Não quero nem pensar se alguma coisa acontecer com ela ou com a minha filha — diz derrotado.

Seu semblante é de um homem cansado, nem parece o Juiz imponente que conheço.

— Relaxa cara, elas vão ficar bem. A Marg é forte.

— Eu sei, mas... — sua frase fica no ar. Ele balança a cabeça e dá um sorriso triste.

— Não precisa se explicar eu te entendo — digo. Lembro-me bem da minha preocupação com a Camila quando estava grávida da Joly.

— Obrigado, Rule. De verdade, eu senti falta da nossa amizade.

— Eu também. Pode ter certeza.

Aproximo-me e o abraço meio sem jeito.

— Vai ficar tudo bem.

Ele assente e parece um pouco mais calmo.

— Onde está a Mel? — pergunta.

— Já está dormindo.

— A Marg me contou sobre a mãe dela, sinto muito.

Vamos para a sala e coloco no canal de jogos. Conrado e eu

costumávamos assistir juntos.

— Hoje levei Mel ao hospital e a mãe se lembrou dela.

— Que ótima notícia.

— Por um lado foi um alívio, mas...

— Mas... — questiona.

Mexo-me inquieto no sofá procurando as palavras certas para me expressar.

— Mas por outro eu fiquei meio... Meio perdido. Eu quero o que é melhor para a Mel e ela sente falta da mãe, mas eu também não quero perdê-la e a mãe dela se recuperando e tudo o mais, sinto que é isso o que vai acabar acontecendo.

— Você se apegou demais a essa menina, não é mesmo?

— Mais do que você pode imaginar. A Mel foi a minha salvação — confesso e sorrio ao lembrar desse anjinho que dorme no quarto na parte de cima da casa.

— Rule, a Mel precisa da mãe e a mãe precisa dela. Mas isso não significa que você vai perdê-la. A Mel também se apegou muito a você e tenho certeza que a mãe dela vai levar isso em consideração antes de tomar qualquer decisão. E também pelo que sei do caso, ninguém sabe nada das duas e até que se descubra muita coisa pode acontecer. Pelo menos por enquanto, ela não tem para onde ir então aproveite isso a seu favor.

— Hoje a Mel disse uma coisa no hospital que me deixou pensativo — digo.

Desde que a Mel perguntou se a mãe poderia vir morar conosco que isso não me sai da cabeça.

— O que ela disse? — Conrado questiona.

Nossas cervejas já estão quase no fim e o jogo nem é notado.

— Ela perguntou se a mãe poderia vir morar aqui com a gente — digo receoso com a reação do Conrado.

— E o que você respondeu?

— Nada, uma enfermeira chegou e depois tivemos que ir embora. Mas isso não saiu da minha cabeça, sei lá... Ela não tem para onde ir e tem a Mel, se ela for pra longe vai levá-la e eu não sei se posso suportar isso. Não agora.

Olho para Conrado e ele tem um sorriso compreensivo no rosto.

— Eu acho que é uma boa ideia — diz e balança a cabeça confirmando. — Uma ótima ideia.

— Tem certeza? — questiono receoso. — São tantos anos sozinho, sem ninguém nessa casa que tenho medo de estragar tudo.

— Relaxa cara, vai dar tudo certo. Com elas aqui você vai ficar perto da Mel e depois quando descobrirem quem são as duas e o que aconteceu aí vocês se resolvem — encoraja.

— Você tem razão. Agora resta saber se a mãe da Mel vai aceitar.

— Acho que ela não tem muitas opções, não é mesmo.

Tomamos mais uma cerveja e depois Conrado vai pra casa. Vou me deitar com apenas um pensamento na cabeça: convidar Lori para morar aqui, por enquanto.



LORI

— Seus exames foram satisfatórios. Amanhã você já pode se ver livre desse hospital — Dr. Mitchell fala enquanto anota algo em sua prancheta.

— Que ótima notícia.

Sorrio fraco.

— Por que você não parece muito feliz com isso? — ele pergunta, seus olhos prestam atenção em mim agora.

— Eu estou feliz, mas não sei bem o que fazer. Não tenho dinheiro, ou para onde ir — digo preocupada.

— Não se preocupe, vou te ajudar.

— Muito obrigada, mas o senhor já faz demais por mim.

Ouçõ uma batida na porta e logo Rule aparece.

— Com licença — diz ao entrar. — Boa tarde.

— Boa tarde, senhor Jackson — cumprimenta o Dr. Mitchell.

— Boa tarde, Rule — respondo.

— Estou atrapalhando? — pergunta meio sem jeito.

— De maneira alguma, eu estava agora mesmo falando com a Lori

que amanhã ela está liberada desse hospital.

— Fico feliz por você — fala e me lança um sorriso tímido. — A Mel vai ficar muito feliz quando souber.

— Sim — respondo.

— Vou deixar vocês a sós. Depois continuamos aquele assunto Lori, com licença.

Dr. Mitchell sai e Rule me olha sem graça. Ele encosta na parede perto da porta e cruza os braços.

— A Mel não veio com você hoje? — pergunto.

— Não, ela ficou com uma amiga. Preciso conversar com você — fala tenso.

Na minha cabeça imagino mil coisas.

— Aconteceu alguma coisa? A Mel, ela está bem? — Meu coração acelera por imaginar que algo aconteceu com a minha filha.

— Não se preocupe — diz com um pequeno sorriso. — A Mel está ótima. É sobre outro assunto que também envolve a Mel.

— Pode falar.

Rule parece tenso. Suas mãos estão retesadas e ele parece procurar as palavras certas para usar.

— Então... — Ele coça a cabeça e faz uma pausa. — Eu andei pensando e com tudo isso que aconteceu você e a Mel não tem para onde ir e agora que você vai ter alta já sabe o que vai fazer? — pergunta nervoso.

Abaixo meus olhos e esfrego minhas mãos na barra do lençol da cama.

— Na verdade ainda não. Eu acabei de receber a notícia e ainda não sei bem o que fazer. Sei que você deve ter uma vida e já cuidou tanto tempo da Mel, eu vou dar um jeito o quanto antes possível.

Ele se aproxima e senta-se na beirada da cama.

— Lori... Não... Não é por isso. É que eu pensei que talvez... Sei lá, você pudesse morar lá em casa, pelos menos por enquanto, até você se resolver.

Olho para Rule com cara de espanto. Acho que não entendi direito o que ele disse.

— Como... Como assim? — pergunto, as palavras cortadas pelo choque.

— Perguntei se você quer ir morar na minha casa... Quer dizer pelo menos até você se lembrar de tudo ou que a polícia consiga descobrir alguma coisa — repete.

— Mas por quê?

Rule parece exausto e sinto que essa conversa não está sendo fácil para ele assim como não está para mim.

— Porque você não tem para onde ir. Porque minha casa tem espaço suficiente e a Mel já está acostumada a viver lá. Porque eu me preocupo com ela e não quero que fique em qualquer lugar. Motivos é o que não faltam, eu só quero ajudar vocês.

Suas palavras são convictas, em nenhum momento vejo dúvidas em seus olhos. Sei que está fazendo tudo isso apenas por causa da Mel, mas não posso deixar de me sentir emocionada por esse gesto.

— Sua mulher... — começo, mas ele me corta.

— Eu... Eu não tenho mulher. — Sinto o pesar em sua voz quando fala. — Sou sozinho.

Olho para Rule e pela primeira vez reparo realmente nele. Um homem alto, bonito, os olhos claros e o cabelo castanho já com alguns fios grisalhos. Ele é bonito, até demais na verdade. Parece ser um homem de bem, uma excelente pessoa. Por que então não tem mulher? Filhos? Ninguém?

— Por favor, eu prometo que vocês estarão seguras — pede. Seus

olhos sinceros encaram os meus em súplica.

— Tudo bem, mas eu prometo que não será por muito tempo — respondo ainda incerta.

— Pode ficar o tempo que precisar — fala com um sorriso. Agora um de verdade, posso dizer até alegre. Sua expressão mais tranquila. — A Mel vai adorar.

— Ela gosta muito de você. Não tenho palavras para agradecer tudo o que fez por nós.

— A Mel quem salvou a minha vida. Se alguém tem que agradecer aqui, esse alguém sou eu.

De novo suas palavras me deixam curiosa.

— Já é a segunda vez que você fala isso. De que forma a Mel salvou sua vida? — questiono.

Sua expressão se torna tensa, ele se levanta e anda inquieto pelo quarto.

— Se puder, prefiro não falar sobre isso. Agora preciso ir, amanhã venho te buscar com a Mel — responde ríspido.

— Tudo bem, me desculpe... Eu não queria...

— Não precisa se desculpar. Até amanhã — me corta.

Rule sai do quarto apressado sem nem ao menos esperar minha resposta.

Deus me ajude, que as coisas não sejam tão complicadas durante o tempo que eu passar em sua casa com a Mel.

RULE

— Cheguei, princesa — digo ao entrar pela porta de casa.

Mel corre para os meus braços e enlaça seus bracinhos no meu pescoço.

— Já *tava* com saudades, tio Rule. Como a minha mamãe está? — pergunta.

— Muito bem, meu anjo, ela te mandou um montão de beijos assim.

Começo a distribuir vários beijos pela sua bochecha e ela ri.

— Quando ela vem pra casa?

— Amanhã.

Mel bate palmas animada e corre para o lado da Nancy que estava cuidando dela enquanto fui ao hospital.

— Tia Nancy, amanhã minha mamãe vai sair do hospital — fala toda animada.

Nancy aparece na porta da cozinha com um avental.

— Que ótima notícia, princesa. Vou preparar algo bem especial para ela comer quando chegar amanhã.

— Eu posso ajudar, tia Nancy? — Mel pergunta.

— Claro que pode. Você é minha ajudante mais linda e querida.

Mel sorri radiante e abraça Nancy antes de sair para brincar com as bonecas.

— Então ela aceitou vir morar aqui? — Nancy pergunta.

Entramos para a cozinha, onde Nancy prepara o jantar.

— Graças a Deus, sim.

Sirvo-me de um copo d'água e me encosto no balcão. Nancy me olha e sei que quer me falar alguma coisa.

— Rule, querido — ela faz uma pequena pausa. — Você terá que ter um pouco de paciência durante a estada da mãe da Mel aqui. Ela está passando por momentos difíceis e precisa descansar para se recuperar totalmente. Sei que está há muito tempo sozinho e ter outras pessoas morando aqui pode ser algo estranho.

Suas palavras são cuidadosas, mas entendo o recado.

— Eu sei Nancy, não se preocupe elas ficarão bem. Não farei nada para que a Lori se sinta desconfortável, a última coisa que quero é que ela vá embora e leve a Mel.

Nancy se aproxima e pega minhas mãos.

— Eu sei que elas ficarão. Você jamais faria algum mal para elas, ou para ninguém. Mas e você meu filho?

Há tempos que não a ouvia me chamar de filho. Quando perdi minha mãe Nancy ficou ao meu lado e por vários momentos fez o papel de mãe. Ela sempre esteve aqui, mesmo quando eu não mereci.

— Eu vou ficar bem. Não se preocupe.

A puxo para um abraço e ela parece surpresa. Sua cabeça mal bate no meu peito, mas ela se aninha em mim e passa seus braços pela minha cintura.

— Obrigada por tudo, por me amar mesmo quando eu não mereci. Você é como uma mãe para mim Nancy, então me perdoe por esses anos que eu não demonstrei meu amor e respeito por você. Prometo que isso nunca mais irá se repetir.

— Ah Rule — diz com a voz embargada pelas lágrimas que rolam por sua face.

— Por favor, não chore. Quero ver você sorrindo — Levanto seu rosto para olhar em seus olhos. Dou um beijo em sua testa e ela sorri.

— Te amo, meu filho.



LORI

Observo a paisagem perdida em pensamentos. Rule dirige em silêncio ao meu lado e acho que nenhum dos dois sabe bem o que falar um para o outro. Mel não veio com ele me buscar, ficou com uma amiga arrumando tudo para a minha chegada.

Aperto minhas mãos uma na outra tentando controlar o ritmo descompassado do meu coração. Como será viver na mesma casa com Rule? Por mais que ele pareça ser um homem maravilhoso não posso deixar de me sentir estranha com isso. O fato de não recuperar minha memória logo, me deixa nervosa. O Dr. Mitchell disse que preciso ter paciência, mas como isso é possível se estou indo morar com um estranho e não me lembro quem sou ou de onde vim. Não sei se tenho família, um marido. Lembro-me da voz de um homem no nascimento da Mel. Será meu marido? Se sim, ele estará me procurando? São tantas perguntas sem respostas. Tantas coisas que preciso resolver, mas sinto-me de mãos atadas, inútil sem poder sequer tomar um rumo na minha vida.

— Está tudo bem? — Rule pergunta tirando-me dos meus devaneios.

— Sim, só estou um pouco fraca por causa dos remédios — invento uma desculpa.

— Você ainda terá que tomá-los por muito tempo?

Rule está claramente se esforçando para tentar aliviar a tensão que

deve ser visível em mim.

— Por mais alguns dias, eles são para ajudar nas dores de cabeça e para a memória.

Ele assente e volta a atenção para o caminho.

— Nancy e Mel ficaram para preparar o almoço. Depois de se alimentar descanse um pouco — diz.

— Obrigada.

— Acho que você já esgotou sua cota de obrigadas comigo, não é mesmo? — Rule diz brincalhão.

Ele sorri para mim e percebo que essa é a primeira vez que ele fala comigo de forma tão descontraída.

— Você tem razão. — Sorrio tímida. — Mas não tem como parar, você tem feito tanta coisa pela Mel, e por mim também.

— Qualquer pessoa faria o mesmo no meu lugar.

— Não Rule. — digo firme. Ele tira os olhos da estrada e me encara. — Você tem um coração enorme, muitas pessoas não fariam nem metade do que está fazendo — concluo.

Ele parece sem graça. Volta seus olhos para a estrada e fazemos o restante do caminho em silêncio. Alguns minutos se passam e entramos em uma rua com várias casas dispostas uma ao lado da outra. Os jardins muito bem cuidados e algumas crianças nos quintais.

— Chegamos — Rule diz ao estacionar em frente a uma casa com a faixa azul bebê.

Ela parece confortável apesar de não ser tão grande quanto as outras ao redor. Observo tudo com atenção, tentando não entrar em desespero.

Rule desce do carro e abre a porta do meu lado.

— Obrigada.

— Você consegue caminhar sozinha ou precisa de ajuda? — pergunta cordialmente.

— Consigo caminhar sozinha, obrigada.

Saio do carro e Rule me mostra o caminho. Ele abre a porta e para ao lado me dando passagem para entrar. Dou um pequeno sorriso em forma de agradecimento e passo pela porta que dá entrada para a sala.

— Mamãe! — Mel grita e corre ao meu encontro.

Abro meus braços e a envolvo com carinho.

— Já estava com saudades minha linda — digo beijando o topo da sua cabeça.

— Eu também, vocês demoraram.

Ela sai do meu abraço e corre para Rule que a pega no colo e beija seu rosto.

— Foi só um pouquinho princesa, mas já estamos aqui.

Rule coloca Mel no chão e ela volta sua atenção para mim.

— Mamãe, eu e a tia Nancy preparamos a comida. Está uma delícia — fala sorridente.

— Que ótimo, estou morrendo de fome — brinco.

— Boa tarde! — Uma senhora entra na sala e me olha sorridente. Ela deve ser a amiga do Rule, Nancy.

— Lori essa é Nancy. Nancy essa é Lori, a mãe da Mel. Nancy quem tem me ajudado com a Mel.

A senhora se aproxima e me cumprimenta com um abraço.

— É um prazer finalmente te conhecer — fala.

— O prazer é meu — digo. — Muito obrigada por tudo o que tem feito pela Mel, devo muito a você e ao Rule. A Mel falou bastante de você.

— Besteira menina — diz dando com a mão no ar. — Cuidar da Mel é um prazer. Essa menina é um anjo.

Ela sorri e olha para Mel com ternura.

— Realmente ela é, mesmo assim não sei o que seria dela sem vocês.

— A Mel iluminou nossas vidas — diz Nancy olhando para Rule de forma sugestiva.

— Princesa, que tal mostrarmos o quarto para sua mamãe? — Rule pergunta para Mel.

— Vamos — fala e começa a me puxar pelo braço. — Vamos mamãe conhecer seu quarto, é perto do meu. Vem tia Nancy, você também tio Rule.

Rule assente com a cabeça e eu começo a subir as escadas com ele e Nancy em meu encalço e Mel puxando-me pelo braço na frente.

Sinto-me uma estranha, subindo as escadas de uma casa estranha, com pessoas estranhas. Mas afasto esse sentimento e tento parecer animada.

No andar de cima tem três quartos. Um no final do corredor e dois um ao lado do outro. Mel me leva para o primeiro quarto, ela abre a porta animada e me puxa para dentro.

— Mamãe aqui vai ser o seu quarto. Eu também ajudei a tia Nancy a arrumar tudinho aqui — diz orgulhosa de si mesma.

— Você está se saindo uma ótima ajudante, mocinha — brinco.

O quarto é composto por tons claros, é muito bonito, mas também impessoal, como quartos de hóspedes normalmente são. Tem uma cama de casal no meio, um guarda roupas, dois criados mudos e uma poltrona perto da janela.

— Olha mamãe, aqui é o banheiro — Mel aponta o dedo para uma porta no canto perto do guarda roupa.

— Lori, fique à vontade. Dentro do guarda roupa tem algumas roupas suas que tirei do seu carro, e algumas peças que Nancy e Mel compraram,

também tem toalhas e roupa de cama. No banheiro tem algumas coisas para higiene pessoal — diz Rule.

Ele está encostado no batente da porta com os braços cruzados, no que parece ser sua posição preferida.

— Não precisava de tudo isso — digo constrangida.

— Mas é claro que precisava, você é nossa convidada e está passando por momentos difíceis. Estamos aqui para ajudar — diz Nancy de forma carinhosa. Seus olhos bondosos e sorridentes.

— Acho que nunca vou parar de agradecê-los.

— Logo você se acostuma — Nancy diz com uma piscadela. — Você quer tomar um banho antes de comermos? Deve estar louca para se livrar dessa roupa de hospital —

— Seria ótimo.

Realmente estou louca por um banho. Sinto-me fraca e cansada, mas não quero que se preocupem.

— Nós te esperamos lá embaixo então, não precisa ter pressa e se precisar de algo pode me chamar — Nancy fala.

— Mas eu queria mostrar o meu quarto pra mamãe agora — Mel diz fazendo bico.

— Depois do almoço, princesa. Sua mamãe precisa tomar um banho e comer alguma coisa. Vocês terão bastante tempo depois — Rule diz de forma precisa e Mel assente.

A interação entre os dois é algo incrível. É como se fossem pai e filha e não duas pessoas que se conhecem a tão pouco tempo. Tenho que agradecer a Deus por ter colocado Rule em nosso caminho, entretanto como será quando Mel tiver que partir. Prefiro não pensar nisso agora.

— Minha ajudante, que tal irmos colocar a mesa — Nancy chama, as mãos na cintura de forma teatral.

Mel sai pulando animada com Nancy. Rule se vira para sair, mas o chamo.

— Mais uma vez obrigada por tudo — digo.

Ele apenas assente e sai fechando a porta atrás de si.

Abro o guarda roupa, pego uma toalha e aproveito para ver as roupas que tenho para vestir. Encontro três calças jeans, alguns shorts, camisas, camisetas e blusas tanto de frio quanto de calor. Abro uma gaveta interna e encontro calcinhas, sutiãs e meias. Não consigo me lembrar o que daqui era meu e o que é novo. Separo uma calça e uma camiseta, pego peças íntimas e sigo para o banheiro.

O banheiro não é muito grande. No armário encontro shampoo, condicionador, hidratante, escova de dentes, pasta e até um perfume.

Fico tocada por esse pequeno gesto dessas pessoas que nem me conhecem e estão acolhendo a mim e a minha filha de forma tão carinhosa. Espero um dia pode retribuir tudo o que estão fazendo por nós.

Ligo o chuveiro e deixo a água quente descer pelo meu corpo levando com ela a tensão que ainda estou sentindo. Lavo meus cabelos e fico um pouco debaixo da água apenas pensando em todos os acontecimentos dos últimos dias.

Depois de um tempo desço e almoço junto com Nancy, Mel e Rule. Eles conversam animadamente e consigo sentir-me confortável. Quando acabamos ajudo Nancy com a cozinha, mesmo com seus protestos.

— Agora vamos ver o meu quarto, mamãe? — Mel pergunta assim que limpamos a cozinha.

— Se a Nancy e Rule não se importarem — questiono.

— Lori, não precisa se sentir constrangida ou com vergonha de nada, muito menos ficar perguntando cada passo que for dar pela casa. Sinta-se à vontade — Rule diz me encarando.

Assinto com a cabeça e Nancy toma frente da situação.

— Vamos, eu vou com Mel mostrar o quarto para Lori e acho que depois ela deve descansar um pouco.

— Não precis... — começo a dizer, mas Rule me corta.

— Melhor não discutir com Nancy. Ela pode ser bem convincente quando quer.

— Tudo bem, então. Realmente os remédios me deixaram um pouco cansada.

— Então vamos subir logo pra você descansar — diz Nancy.

Pego a mão da Mel e subimos as escadas. Ao lado do quarto em que estou hospedada é o quarto da Mel. A porta tem uma placa escrita “*aqui dorme uma princesa*”. Mel logo abre a porta e entra correndo.

— Olha mamãe que quarto mais lindo o meu. Tem um montão de brinquedo e o tio Rule disse que é tudo meu — diz apressada.

Olho para o quarto, e é realmente muito lindo. Mas Rule fez tudo isso para a Mel? Não tem lógica.

— Nancy — chamo e ela me encara.

Creio que o choque em meu rosto seja visível, pois ela logo parece entender.

— Esse quarto era da Joly, filha do Rule — diz, seus olhos sempre sorridentes perdem o brilho.

— Era? — questiono.

— Há dez anos, Rule perdeu a mulher e a filha em um acidente de carro, Joly era pouca coisa mais velha que a Mel. Ele não gosta de falar nesse assunto e acho que eu também não deva ficar falando, mas você precisava saber.

— Entendo — digo chocada.

Por isso ele é sozinho, por isso todo esse amor pela Mel. Agora as coisas começam a fazer mais sentido para mim.

— Você gostou do meu quarto, mamãe? — Mel pergunta.

— Claro princesa, é tudo muito lindo.

Seguro as lágrimas que ameaçam cair. Rule praticamente reviveu o trágico acidente que tirou a vida da sua filha e da sua mulher quando nos resgatou.

Nancy parece perceber como fiquei abalada com essas revelações.

— Lori, acho melhor ir se deitar um pouco.

Assinto com a cabeça e sinto a mão da Mel na minha.

— Vem mamãe, eu vou colocar você para deitar — diz enquanto me leva para o quarto.



LORI

— Mamãe, eu posso descansar com você? — Mel pergunta quando entramos no quarto.

— Claro, meu anjo.

— Vou deixar vocês descansarem. Lori, vou preparar o jantar e deixar para vocês. Amanhã venho ver como estão — Nancy diz.

— Não precisa se incomodar. Depois que descansar um pouco posso preparar algo. Não quero ficar aqui sem ajudar em nada.

— Você terá bastante tempo para isso, hoje é por minha conta. Agora descansem.

Nancy se despede com um abraço e nos deixa sozinhas.

Mel corre para a cama. Deito-me ao seu lado e ela se aninha no meu braço.

— Te amo, mamãe — diz carinhosa.

— Também te amo meu anjo.

Viro-me para ela e ficamos de frente uma para outra. Olho sua fisionomia e percebo que Mel não tem muita coisa de mim.

— Mel, você se lembra onde a gente morava? — pergunto.

Ela balança a cabeça que sim, mas não diz nada.

— E o seu papai você se lembra? Ele ficou na casa quando a gente saiu?

— O meu papai virou uma estrela. Você me disse mamãe, não lembra? — questiona.

Então o pai dá Mel está morto. Não sei o que pensar ou sentir com essa notícia.

— Me perdoa minha linda, mas tem coisas que a mamãe ainda não consegue lembrar.

— Tá bom — diz. Sua mãozinha faz carinho no meu rosto e começo e me sentir cada vez mais sonolenta.

— Alguém mais morava com a gente?

Mel desvia o olhar e parece não querer responder.

— Mel, você me ouviu?

Ela assente.

— Eu não quero voltar para a nossa casa. Lá tem um homem mau, eu quero ficar aqui com você e o com o tio Rule.

Homem mau?

— Quem é esse homem mau Mel?

— Não quero falar dele. Por favor mamãe vamos ficar aqui, eu não quero ir embora — choraminga.

— Tudo bem meu amor, tudo bem.

A puxo para meus braços e faço carinho em seus cabelos. Quero perguntar mais coisas, porém me controlo. Mel é apenas uma criança e pelo visto não era feliz onde morávamos. Será que estávamos fugindo de alguém? Essa é a única explicação para não carregar nenhum documento conosco.

Esforço-me para me lembrar de algo, mas estou sonolenta e logo caio num sono profundo.

— Lori... — chama, sua voz cada vez mais perto.

— Mel, fica aqui e não sai até a mamãe vir te buscar — digo para Mel.

Ela está encolhida dentro do armário, as mãos em volta das pernas e a cabeça escondida entre elas. Seu olhar encontra o meu e ela assente.

Abro a porta do armário e saio. O quarto está vazio, não espero que ele entre. Saio para o corredor, fecho a porta atrás de mim e o encontro no meio do caminho.

— Aí está você — diz com um sorriso diabólico.

Ele se aproxima e suas mãos vão para o meu cabelo, sinto a dor quase que imediatamente. Suas mãos me puxam para próximo do seu corpo e ele diz em meu ouvido.

— O que você disse pra ela?

— Nada — respondo de imediato. Meus olhos estão lacrimejando pela dor, mas não grito.

— Tem certeza? Você sabe que mentir é pior.

— Eu juro que não disse nada.

— Espero de verdade que esteja falando a verdade ou quem vai pagar é sua filha.

Meu corpo é jogado pra frente com força e acabo batendo na parede.

— Esteja pronta para o jantar as 20h00, não quero atrasos e traga Melissa com você. Essa menina precisa de disciplina.

Acordo assustada. Olho para os lados e continuo no quarto onde dormi, Mel dorme tranquila ao meu lado.

Meu sonho. Será mesmo apenas um sonho? Ou uma lembrança? Havia um homem, mas não consigo lembrar do seu rosto. Levanto-me e vou até o banheiro passar uma água no rosto.

Volto para o quarto e Mel continua dormindo, então desço para tomar água. A TV da sala está ligada e Rule dorme no sofá.

Sigo para a cozinha na ponta dos pés para não acordá-lo. Começo a abrir os armários em busca de um copo. Quando sou surpreendida pela voz do Rule.

— Está tudo bem?

RULE

Nancy vai embora e fico jogado no sofá assistindo tv. Acabo pegando no sono, mas um barulho na cozinha me desperta. É Lori, que parece meio perdida.

— Está tudo bem? — pergunto e ela pula para trás assustada. — Me desculpe, não quis te assustar.

Ela me olha com os olhos arregalados e percebo como está pálida. Na verdade ela não parece nada bem.

— Tudo bem — diz sem graça. — Estava procurando um copo.

Aproximo-me preocupado, mas não sei bem o que fazer.

— Você está pálida. Melhor sentar um pouco, tem certeza que está

bem?

— Estou bem. Tive um pesadelo, ou uma lembrança, não sei bem.

— Senta aqui — aponto para a mesa. — Vou pegar água para você.

Lori senta-se na cadeira e vou até a geladeira pegar uma garrafa de água. Pego dois copos e sento-me em sua frente. Nos sirvo e ela toma um longe gole.

Aguardo um pouco e então pergunto:

— Você quer falar a respeito?

— Eu não sei se foi apenas um sonho... — faz uma pausa e encara as mãos em volta do copo.

— Se não quiser falar não tem problema — digo.

Ela me encara por alguns segundos e parece decidir se fala ou não.

— Eu estava em um quarto... — começa a falar.

Lori me conta seu sonho e entendo porque ela está tão pálida.

— Se isso for uma lembrança, então vocês realmente estavam fugindo — concluo.

— Sim — diz aflita. Suas mãos apertadas umas nas outras em claro sinal de nervosismo. — A Mel me disse algumas coisas também, sobre um homem mau. Tentei perguntar mais coisas, mas ela não quis falar no assunto.

— Ela já me falou sobre esse tal homem mau, mas quando fui perguntar mais ela também disse que não queria falar — digo lembrando-me das minhas conversas com Mel.

— Estou confusa. Como vou saber separar o que é minha imaginação do que é realidade? — questiona, acho que mais para si mesma.

— Com o tempo você vai saber. Precisa ter calma.

Lori levanta-se e começa a andar de um lado para outro.

— Calma, calma. As pessoas só sabem me pedir para ter calma. Mas como isso é possível? Eu não sei quem sou, não sei de onde vim. Não tenho nenhuma informação concreta, e se eu estivesse fugindo mesmo? E se a pessoa de quem eu fugia vier atrás de mim e da minha filha. — Seus olhos estão marejados e ela parece transtornada. — Ele pode bater na sua porta nesse exato momento e eu não vou saber de nada até que ele faça algo contra nós.

Levanto e me aproximo. Algo dentro de mim se revolta com essa situação. Essa mulher não merece passar por isso.

Lori para a minha frente, não sei o que estou fazendo, mas minhas mãos seguram em seus ombros. Seus olhos encontram os meus, ela joga seus braços ao redor do meu corpo e começa a chorar baixinho com a cabeça encostada no meu peito. De imediato não sei bem o que fazer, sem jeito a abraço e deixo que chore tudo o que tem que chorar. Seu corpo é quente contra o meu e sinto vontade de protegê-la, de fazer qualquer coisa para acabar com o seu sofrimento.

— Eu não vou deixar que nada aconteça com vocês. Não se preocupe, eu estou aqui — digo baixinho, não tenho certeza se ela ouviu, mas precisava dizer.

Alguns minutos se passam e Lori parece se acalmar. Ela se afasta e seus olhos vermelhos encontram os meus.

— Me desculpa... Eu... Eu não sei nem o que dizer — diz envergonhada.

— Não precisa pedir desculpa. Você está passando por uma situação complicada, tem todo o direito de ficar assim — digo tentando tranquilizá-la, mesmo que eu mesmo esteja sem saber como agir.

— Mesmo assim... Eu...

— Não precisa dizer nada. Vamos fingir que isso não aconteceu se te deixa melhor, tudo bem. — Forço um sorriso.

— Obrigada.

A verdade é que meu coração está descompassado e eu não sei por quê. — Eu... Eu preciso sair um momento. Você está bem? — digo sem jeito.

Ela assente com a cabeça.

— Eu... Eu vou ver como a Mel está — diz também sem jeito.

Lori sai praticamente correndo para as escadas e eu corro para fora de casa. De repente preciso de ar.



RULE

ALGUNS DIAS DEPOIS...

Olho para a comida, mas não sinto vontade de comer. Meu estômago está embrulhado e meus olhos seguram lágrimas não derramadas. Levanto minha cabeça e os olhos da Lori encontram os meus, porém ela não diz nada, parece compreender que não estou bem.

— Você tá bem, tio Rule? — Mel pergunta.

— Estou princesa, só um pouco cansado — respondo desanimado.

Brinco com a comida mais um pouco e então sinto bracinhos em volta do meu pescoço. Mel deposita um beijo no meu rosto e seu carinho incondicional se torna meu estopim. As lágrimas que segurei até agora, se tornam livres e meu peito parece que vai explodir. É tudo tão grande, tão intenso e de repente eu preciso fugir. Afasto Mel dos meus braços, levanto-me e corro porta a fora. Ainda posso ouvir sua vozinha me chamando, mas não volto.

Ligo o carro e saio sem destino, preciso pôr a cabeça no lugar. Soco o volante e lágrimas turvam minha visão. Mas não paro, não importa o que aconteça. Tudo o que eu tinha, perdi. *O que me resta nessa maldita vida?*, grito. O rosto sorridente da Mel me vem à mente e sei que Deus está

respondendo minha pergunta.

Estaciono o carro e encosto minha cabeça no volante. Deixo que as lágrimas rolem soltas enquanto tento me acalmar. Alguns minutos se passam e quando levanto meu rosto percebo onde estou. Desço do carro e caminho lentamente. Mesmo a luz do dia o lugar está vazio. Ando alguns metros e passo pelo enorme portão de ferro. Apenas o barulho dos pássaros é ouvido. Minhas pernas me levam automaticamente para o meu destino. Já vim aqui tantas vezes nesses dez anos que se tornou automático.

Paro em frente a lápide das duas pessoas mais importantes da minha vida. Os nomes grafados em preto na placa prateada. Agacho-me e faço o contorno com meus dedos. A faca que parece estar empunhada em meu peito se crava ainda mais. As lágrimas que com muito custo consegui controlar voltam com força total.

— Minha filha, minha princesa. Eu faria de tudo para te ter aqui comigo, para comemorar o dia de hoje com você. Eu te amo meu anjo, não importa onde você esteja ou quanto tempo se foi, o meu amor é maior a cada dia — digo entre lágrimas.

Creio que horas se passam e continuo na mesma posição. Perdido em lembranças, dos dias que eu era feliz. Uma garoa fina começa a cair e então percebo que preciso voltar para casa. Devo um pedido de desculpa para Mel, ela não deve ter entendido nada do que aconteceu.

Beijo a ponta do meu dedo e o levo até as lápides, contornando mais uma vez os nomes nelas escrito.

— Amo vocês!

Levanto-me e volto para o meu carro. Sinto-me um pouco menos angustiado, mas a dor. Esse nunca passa, apenas amansa.

Já é noite e alguns pontos da cidade estão cheios de pessoas se divertindo, brincando e vivendo sua vida como se nada de ruim pudesse acontecer. Como se a morte e a dor não as rondasse. Um dia eu fui assim, um

homem feliz, despreocupado, sinto saudades dessa época.

Passo em frente ao bar da Lucy e algo me chama para entrar. Uma vontade de encher a cara para aplacar a dor, como já fiz tantas vezes, me toma. Porém lembro-me da promessa que fiz. Lembro-me do sorriso da Mel e por incrível que pareça lembro-me da Lori.

— Eu não preciso disso — digo para mim mesmo.

Dou mais algumas voltas e finalmente volto para casa. Quando entro, tudo está em silêncio. Pela hora, Mel já está dormindo e creio que Lori também.

A sala está vazia, vou até a cozinha e em cima da mesa tem um bolo de chocolate com um cartão. Pego a folha de sulfite e abro, um desenho colorido ocupa todo o espaço. Vejo três pessoas, Mel, Lori e eu de mãos dadas em um jardim. Um enorme sorriso molda meu rosto e sinto-me mal por ter saído da forma que sai. Com o desenho nas mãos subo as escadas de dois em dois degraus. O andar de cima também está silencioso. Abro a porta do quarto da Mel e ela dorme tranquilamente. Aproximo-me e beijo o topo da sua cabeça.

— Te amo, princesa — sussurro.

Mel abre seus olhinhos sonolentos e depois de alguns segundos parece perceber quem sou.

— Tio Rule.

— Sou eu, meu anjo. Me perdoa?

Seus bracinhos me envolvem e ela beija o meu rosto.

— Te amo, tio Rule.

— Também minha princesa. Eu amei o desenho e o bolo — digo.

— O bolo foi a mamãe que fez.

— Vou agradecer a ela também. Agora volte a dormir.

Acomodo Mel de volta na cama e lhe dou um beijo de boa noite. Não demora muito ela volta a dormir. Saio do seu quarto para o meu. Tomo um banho e deito-me para tentar dormir.

LORI

— Mamãe, o tio Rule está triste comigo? — Mel pergunta preocupada assim que Rule sai correndo porta a fora.

— Não meu anjo.

— Então por que ele saiu correndo? — indaga. Seus olhos brilham por lágrimas contidas.

— Vem aqui. — A puxo para o meu colo e ela encosta sua cabecinha no meu ombro. Aliso seus cabelos e explico: — O tio Rule só está um pouco cansado, e as vezes quando estamos assim precisamos de um pouco de ar. Mas você não fez nada.

Mel levanta seus olhinhos e vejo a preocupação estampada neles.

— Mamãe, você me ajuda a fazer um bolo de chocolate?

— Um bolo de chocolate, claro.

— É o preferido do tio Rule, ele vai ficar feliz se a gente fizer bolo — diz, já mais animada.

Sorrio para ela, Mel é um anjo em nossas vidas.

— Então vamos fazer o bolo.

Mel me ajuda a tirar a mesa e arrumar tudo. Enquanto preparo o bolo, ela faz um desenho.

— Terminei mamãe.

Deixamos o bolo e o desenho em cima da mesa e vamos assistir Tv. As horas se passam e nada do Rule voltar. Não preciso ser uma expert para perceber que ele não está bem hoje, na verdade desde o jantar de ontem que ele está mais calado que o normal. Não que Rule seja alguém que costume falar muito, mas sempre se esforça para manter algum diálogo comigo, já que com Mel o assunto parece não ter fim. A cena hoje na hora do almoço só me fez ter a plena certeza de que alguma coisa está acontecendo.

— Mamãe, o tio Rule não vai voltar pra casa? — Mel pergunta ansiosa.

— Logo ele chega, meu amor. Agora que tal tomar um banho e cama.

— Mas eu queria esperar o tio Rule — faz bico.

— Já está tarde meu anjo, você precisa dormir. Amanhã quando acordar, Rule já estará em casa.

Mel concorda meio a contragosto. Depois do banho a coloco na cama e conto uma história, não demora muito e ela cai no sono. Sigo para o meu quarto, tomo um banho e me deito. Estou preocupada com Rule e não sei bem o que fazer. Penso em ligar para Nancy, mas não quero preocupa-la. Com muito custo consigo pegar no sono, mas como sempre tenho pesadelos.

Acordo assustada e não consigo dormir novamente. Viro de um lado para outro, mas nada de pegar no nosso. Decido me levantar e ir até a cozinha tomar um copo d'água.

Desço as escadas e a luz da cozinha está acesa. Entro e Rule está sentado à mesa, comendo um pedaço de bolo.

— Mel disse que é o seu preferido. E pediu para que eu fizesse para te deixar feliz — comento.

Encosto-me no batente da porta.

— Está um delicia, obrigada — Rule me encara. — Me desculpa por hoje mais cedo.

— Não precisa se desculpar.

Vou até a pia e pego um copo d'água.

— Preciso sim e também te devo uma explicação — diz.

— Não precisa falar nada se não quiser, Rule — digo me virando para encará-lo.

Ele fica em silêncio e penso que desistiu de falar. Mas então ele se levanta e me encara.

— Está uma noite agradável, quer sentar um pouco lá fora?

Assinto com a cabeça e saímos para a pequena área na frente da casa. Depois da garoa, a noite está um pouco mais quente que de costume. O vento chicoteia o ar, mas apesar de tudo está realmente muito agradável.

Rule senta-se em uma cadeira e eu em outra ao seu lado.

Fecho meus olhos e sinto a brisa bater em meu rosto. Quando os abro encontro os olhos do Rule em mim, eles carregam tanta dor que sinto um tremor percorrer meu corpo.

— Ontem foi o aniversário da minha filha — diz e meu coração se aperta.



LORI

— Sinto muito! — digo ao ouvir suas palavras. Seus olhos refletem toda a tristeza que seu coração carrega.

Rule desvia o olhar do meu e mira em nada especial à sua frente. Ele permanece em silêncio, perdido em pensamentos. Depois de alguns minutos começa a falar:

— Eu era casado e tinha uma filha um pouco maior que a Mel. Joly, uma menina linda, a Mel me lembra muita ela. — Um sorriso molda seu rosto ao falar o nome da filha. — Eu estava trabalhando demais e fazia um bom tempo que não tirávamos um tempo para passear, então decidi fazer uma surpresa e levá-las para a casa dos pais da Camila.

Rule para e parece tentar lembrar dos detalhes.

— Houve um incêndio numa escola e fiz dois plantões seguidos, descansei pouco. Mas queria viajar e aproveitar com elas. Camila me pediu para esperar, para dormir um pouco e eu não dei ouvidos. São poucas horas até Atlanta, qual o problema de ir dirigindo até lá, pensei.

Lágrimas começam a inundar seu rosto e Rule volta a ficar em silêncio. Uma angústia pelo que sei que está por vir toma conta do meu coração. Sinto vontade de abraçá-lo, confortá-lo, mas me contenho. Rule precisa terminar de falar, se abrir com alguém e esse alguém nesse momento sou eu.

— No meio do caminho comecei a me sentir cansado, ia parar e trocar com Camila. — Seus ombros tremem por um soluço involuntário que escapa dos seus lábios. — Foi tudo rápido. Um animal atravessou a estrada e meu carro capotou, eu só me lembro de pensar na minha filha e na Camila e então eu acordei em um hospital meses depois e as duas estavam mortas. Mortas! E a culpa foi toda minha, eu deveria ter escutado a Camila, deveria ter ficado em casa e viajado no dia seguinte, se eu não fosse tão teimoso hoje elas estariam aqui.

Ele se levanta da cadeira e apoia-se na viga de madeira um pouco à frente. Sua testa toca a madeira e seus ombros tremem pelo choro não contido. Não consigo segurar minhas próprias lágrimas, tento imaginar sua dor, mesmo sabendo que é impossível. Imagino-me perdendo minha filha e tudo parece tão grande, tão devastador.

Levanto-me e me aproximo de Rule, toco seu ombro delicadamente e por alguns segundos ele não tem reação.

— Eu sinto tanto — sussurro, mas sei que ele me ouviu.

Seus olhos então encontram os meus e ele volta a falar:

— Minha vida acabou naquele acidente. Eu me tornei um homem irreconhecível, um bêbado que afastou todos que amava e o amavam, um homem amargurado incapaz de amar novamente. Me tornei tudo o que Camila e Joly não gostariam — diz com pesar.

Deus, suas palavras não condizem com o homem que me ajudou, o homem que acolheu uma menina para não deixá-la em um abrigo. O homem que abriga uma estranha, apenas por bondade, sem esperar nada em troca, a não ser ajudá-la.

— Rule — o chamo e ele se vira. — Não consigo imaginar que tenha se tornado esse homem. Não você, não esse homem bondoso que tomou duas estranhas embaixo de suas asas, sem pedir nada em troca. Você passou por coisas que mudam as pessoas. A dor, o sofrimento, nos torna cegos, mas o que temos verdadeiramente, aqui. — Toco seu coração e seus olhos descem para a

minha mão, depois voltam a me encarar. Ele me escuta atentamente, como um menino perdido que precisa de direção. — Isso nada pode mudar.

— Eu fiz coisas das quais não me orgulho, Lori. Durante os últimos dez anos eu fui outra pessoa. E só percebi isso quando encontrei Mel presa a cadeirinha em um carro que estava prestes a explodir. Foi como reviver todo o meu pior pesadelo, e conseguir um final diferente foi como uma luz no fim do túnel. Sentir o amor da Mel, foi a minha salvação. Então se alguém me ajudou foram vocês e não o contrário.

Sorrio com suas palavras.

— Então você nos salvou e nós te salvamos. Acho que ficamos quites. Mas pense nisso Rule, se você fosse esse homem que diz ter se tornado jamais teria nos ajudado e jamais conseguiria ser salvo, como diz. Não se culpe pelo que aconteceu, coisas ruins acontecem e infelizmente nós não podemos controlar. Tenho certeza que Camila e Joly não gostariam de ver você assim, mostre para elas que você está bem, que o pai e marido que elas tanto amavam ainda está aqui.

— Eu estou tentando fazer isso. Mas as vezes parece um fardo tão grande, tão solitário. Se não fosse por você e Mel nesse momento eu estaria em um bar enchendo a cara para esquecer de tudo.

— Estaria não é estar. Você está aqui, está se abrindo e isso ajuda. É claro que é pesado, mas não impossível. Você não está sozinho.

Seus olhos se fecham e ele parece pesar minhas palavras.

— Obrigado, Lori — sussurra.

Sou surpreendida por seus braços ao redor de mim. Seu queixo toca o topo da minha cabeça, meus braços rodeiam sua cintura.

— Não precisa me agradecer.

— Mesmo assim, eu quero. Obrigado, por tudo.

Sorrio com suas palavras. Nos afastamos e não a vestígio de

constrangimento, apenas duas pessoas que estão aprendendo a se conhecer a apoiar um ao outro.

— Acho melhor entrarmos. Está tarde e você precisa descansar — diz.

Fico feliz por seus olhos não transmitirem mais aquela dor, estão tristes. Mas sei que Rule ficará bem.

— Você também — digo.

Entramos e seguimos para as escadas.

— Boa noite, Lori — Rule diz ao chegarmos na porta do meu quarto.

— Boa noite, Rule.

— Acharam alguma coisa? — pergunto aos dois imbecis que estão na minha frente.

Como o ser humano pode ser patético. Dois homens que são maiores que eu, se curvam de medo com apenas um grito. Se eles soubessem o nojo que sinto dos dois, vermes.

— Sim, senhor — um deles diz.

Aguardo, mas o idiota não diz mais nada.

— E posso saber o que está esperando para me dizer o que achou? — indago irritado.

— Achamos uma mulher que sofreu um acidente com a filha, na mesma época em que Lori fugiu, temos quase certeza que é ela.

— Isso é interessante. E onde estão agora?

— Um homem as ajudou e elas estão vivendo na casa dele. Mas a mulher está sem memória.

Um sorriso brota em meu rosto, isso é perfeito para mim.

— Excelente. Veja bem o que irão fazer....

Explico para os dois inúteis o meu plano e eles parecem entender.

— Sim, senhor. Vamos fazer como ordenado — concordam.

— Estão dispensados.

Então essa vadia perdeu a memória? Ou será que está fingindo? Ela é capaz de tudo para proteger aquela pirralha. Ela não perde por esperar, em breve terei as duas nas minhas mãos e aquela putinha de merda vai me pagar e muito caro.



RULE

É engraçado como as coisas acontecem. Minha vida acabou por um acidente de carro que me tirou minha mulher e minha filha. Dez anos se passaram e eu não tinha esperanças de conseguir ser feliz novamente, e então outro acidente, também de carro, me trouxe de volta a esperança de ser feliz.

Os dias passam e cada vez mais me sinto como o homem que fui um dia. A alegria e o amor da Mel me fizeram enxergar tudo que estava encoberto por uma nuvem de dor e sofrimento. Ela com seu jeitinho conseguiu quebrar todas as minhas barreiras e me trazer de volta à vida. Mel é meu anjo, minha luz no fim do túnel.

— Vem brincar com a gente, tio Rule — Mel grita do jardim.

Estou pela janela observando mãe e filha que brincam com um fazedor de bolhas de sabão. As duas riem e Mel pula tentando estourar as bolhas que Lori solta pelo ar.

— Daqui a pouco eu vou, princesa.

Lori me olha e sorri timidamente.

Não posso mentir e dizer que a Lori não tem uma parcela na minha melhora constante. Desde a noite em que me abri com ela tudo mudou, estamos nos tornando cada vez mais próximos, uma amizade que jamais

pensei se formar entre nós. Ela é uma mulher linda, por dentro e por fora. O seu otimismo e o jeito que encara a vida me fascina, quase tudo nela na verdade. E esse ponto me assusta, e muito.

Camila foi a única mulher que amei na minha vida e imaginar que talvez eu possa estar sentindo algo por outra pessoa é simplesmente aterrorizante. Não sei lidar com esse sentimento, não sei lidar com o fato de que quero estar ao lado da Lori mais tempo do que o normal nesses últimos dias, não sei lidar com o fato de que não consigo deixar de sorrir quando ela me olha e abre um sorriso. Isso tudo parece errado, ela não se lembra quem é. Talvez seja casada, ela mesma já disse que não tem certeza se seus sonhos são lembranças ou apenas alucinações. Nem mesmo o médico com quem ela está fazendo acompanhamento sabe.

O que Lori pensaria de mim se soubesse o que sinto, não quero que ela me olhe de outra forma. Ela consegue enxergar algo que eu achei ter perdido, Lori consegue ver o homem que eu era até a morte da Camila e da Joly e isso faz com que eu me sinta bem.

Sou tirado dos meus devaneios quando a campainha toca. Estranho, pois não estamos esperando ninguém. Abro a porta e um homem, muito bem vestido, me encara.

— Boa tarde — digo.

— Boa tarde. Sou o detetive Jack Neith, você deve ser Rule Jackson.

O homem me encara de forma superior e me estende a mão em cumprimento. Algo nele não me parece certo. Aperto sua mão de forma firme antes de dizer:

— Sou eu, em que posso ajudá-lo?

— Gostaria de fazer algumas perguntas a senhorita Lori. Ela se encontra?

Realmente algo não está me cheirando bem.

— Claro, entre, por gentileza.

Abro espaço e o homem entra, seus olhos examinam tudo muito cuidadosamente. O direciono para a sala e peço que se sente.

Mel entra correndo seguida por Lori.

— Me desculpe, não sabia que estava com visitas — Lori diz ao ver o homem sentado.

Ele a encara de forma estranha e não gosto nem um pouco.

— Você deve ser Lori, estou certo? — o homem se adianta ao dizer.

Lori me olha para saber o que está acontecendo e faço um pequeno sinal indicando que também não sei.

— Sim, sou eu mesma. O senhor é?

— Me desculpe, que indelicadeza a minha não me apresentar. — Ele se levanta e estende a mão para ela. — Sou o detetive Jack Neith, gostaria de lhe fazer algumas perguntas, se possível.

Ele sorri tentando parecer simpático. Lori aceita sua mão, mas vejo em seus olhos que está nervosa.

— Claro — responde.

Mel olha toda a cena com os olhos atentos.

— Você deve ser a Melissa. — Jack se abaixa para ficar na altura da Mel e a encara. — Muito prazer, pequena.

Mel abraça as minhas pernas e se esconde tímida. Acho que não fui o único a não ir com a cara desse sujeito.

— Mel querida, o que acha de assistir um pouco de desenho no seu quarto? — Lori pergunta. — Mel assente. — O senhor poderia esperar enquanto coloco minha filha para assistir? — pergunta ao homem.

— Claro, fique à vontade.

Lori pega a mão da Mel e segue em direção as escadas. Jack as observa até sumirem das nossas vistas.

O encaro e pergunto:

— Sem querer ofendê-lo detetive, mas o senhor veio a mando de quem? Conversei com o pessoal da delegacia e até onde sei o detetive responsável pelo caso da Lori é o senhor Martin Heins.

Ele parece irritado com a minha pergunta, mas disfarça para responder.

— O senhor Martin precisou se afastar de última hora e agora estou responsável pelo caso. Só quero me inteirar melhor da situação para desempenhar meu trabalho, senhor Rule.

— Entendo. Sabe me dizer o que houve com o Martin?

— Parece que se feriu em serviço. Ossos do ofício — diz de forma seca.

Lori retorna e nos sentamos no sofá. Eu e ela em um e o tal Jack em outro.

— Obrigada por esperar, senhor Jack. Em que posso ajudá-lo? — pergunta Lori.

Ela está visivelmente nervosa. Aperta uma mão na outra, sinal que já percebi fazer sempre que está tensa.

— Como eu disse para o senhor Jackson, eu estou no lugar no detetive Martin e gostaria de saber mais sobre o seu caso.

Lori assente e ele continua:

— O que a senhora se lembra do dia do acidente?

— Nada. Eu fiquei em coma por alguns meses e quando acordei não me lembrava de nada.

— Entendo! — O homem a examina com os olhos. — Então a senhora não saberia me dizer o que estava fazendo em um carro sem nenhum tipo de documentação? E carregando uma criança que supostamente é sua filha?

Onde ele quer chegar com isso? Sinto Lori estremecer ao meu lado e instintivamente seguro sua mão. Ela me encara e balança quase imperceptivelmente a cabeça para afirmar que está tudo bem.

— Me desculpe detetive, mas a Mel não é supostamente minha filha. Ela é minha filha e esse ponto não está em discussão — afirma.

— Como a senhora pode ter tanta certeza se acabou de me dizer que não se lembra de nada?

Lori solta um suspiro e sinto vontade de socar a cara desse imbecil.

— Mel me reconheceu como mãe dela. Acho que isso é mais que suficiente para comprovar que ela é minha filha, considerando as circunstâncias — responde de forma precisa.

— Considerando as circunstâncias não podemos afirmar nada, creio eu.

Vejo os olhos de Lori se fecharem numa tentativa de manter a calma.

— Onde quer chegar com isso, detetive? — questiono.

— Quero chegar onde todos querem. Desvendar o mistério que rodeia a senhorita Lori. Pensei que esse fosse o objetivo do caso — diz de forma superior.

— Desde que o caso foi aberto, nunca foi questionado sobre a maternidade da Lori referente a Mel. Acho que deve conduzir a investigação de onde parou e não tentar complicar mais as coisas — digo.

— Rule... — Lori começa a dizer, mas o detetive a corta.

— Não se preocupe senhorita Lori. — Um sorriso falso molda seu rosto. — Entendo que o senhor Jackson esteja preocupado, mas quero que saibam que estou apenas fazendo o meu trabalho.

— Nós entendemos — responde Lori e sinto sua mão apertar a minha.

— A senhorita já saiu do coma há algum tempo. Não teve nenhuma lembrança? Algo que possa nos ajudar?

Os relatórios médicos da Lori são apresentados a polícia toda semana. Neles estão sobre os sonhos que ela vem tendo, mas como não temos certeza se são realmente lembranças eles não servem de base para a investigação.

— Nada além do que está no meu relatório, senhor Neith.

— Claro! — Ele faz uma pausa. — A sua filha não comenta sobre a vida de vocês antes do acidente? — questiona.

— Tudo o que Mel disse está nos relatórios, nada além disso — respondo.

Neith balança a cabeça e me encara.

— Obrigado por responder, senhor Jackson — diz sarcástico.

— Tinha a esperança que a senhora pudesse me dar alguma outra informação, mas vejo que nada mudou, certo?

— Infelizmente, não — Lori responde.

O detetive se levanta e fazemos o mesmo.

— Sendo assim, muito obrigado pela colaboração. Vamos esperar que a senhora recupere sua memória em breve e possamos solucionar esse caso.

Lori assente e nós o acompanhamos até a porta.

— Tenham uma boa tarde, até breve.

— Até!

Fecho a porta e viro-me para Lori. Ela está pálida e parece a ponto de desmaiar.

— O que foi isso? — pergunta.

Aproximo-me e a puxo para meus braços, ela encosta-se em meu ombro e respira profundamente.

— Já passou, fica calma. — Beijo o topo da sua cabeça.

A campainha toca novamente, Lori se solta dos meus braços e viro-me

para ver quem é. Quando abro não acredito em quem está na minha porta.
Hoje o dia está repleto de surpresas.



RULE

— Jackson.

— Holt?

De todas as pessoas que poderiam bater na minha porta, Holt é uma das últimas da lista. Posso até imaginar o que veio dizer, só não entendo o motivo de vir a minha casa ao invés de me chamar até a corporação.

— Gostaria de ter uma palavra com você. Tem um minuto? — pergunta visivelmente desconfortável.

— Claro. Entre, por favor.

Abro espaço e ele entra.

— Boa tarde — cumprimenta Lori que observa a cena curiosa.

— Holt, essa é Lori. Lori, esse é Holt, chefe da corporação — apresento.

Eles se cumprimentam com um aperto de mão.

— Boa tarde, é um prazer conhecê-la — diz Holt.

— O prazer é meu. Bom, eu vou ver como a Mel está, com licença — avisa e nos deixa a sós.

Levo Holt até a sala, ele se senta em um sofá e eu em outro.

— Você quer beber alguma coisa? Uma água, um suco? — pergunto quebrando o silêncio desconfortável entre nós.

— Não, estou bem. — Ele coça a cabeça e me encara. — Deve estar se perguntando o motivo da minha visita?

— O motivo já imagino, só não entendo por que vir a minha casa, poderia ter me chamado na corporação.

O silêncio volta a reinar e quando vejo que Holt não vai falar nada, acrescento:

— Não precisa pensar tanto para informar que estou sendo destituído da corporação. Isso só não aconteceu antes por causa do Scoth.

Holt me encara surpreso e então decide falar:

— Jackson, você sempre foi um dos meus melhores homens. Eu sempre acreditei que você era bom, apesar de tudo. Eu já perdi alguém e sei como é essa dor, sei a angústia e a vontade de se entregar a ela. Eu já fui fraco assim como você, mas graças a Deus uma alma caridosa me deu uma segunda chance.

Não entendo onde ele quer chegar com essa história.

— Desculpa, Holt. Mas não sei onde quer chegar com isso?

— Scoth me contou sobre a menina e a mãe dela e sobre a sua mudança, sei que parece difícil de acreditar, mas eu fiquei muito feliz. — Assinto com a cabeça e ele continua: — Como eu disse, você é um dos meus melhores homens e a corporação precisa de você.

As palavras me somem por um instante. Será possível o que Holt está falando?

— Então... Então quer dizer... Que... — gaguejo.

— Sim, quer dizer que já está mais que na hora de você voltar.

— Mas você pediu meu afastamento.

— Pedi, mas não porque eu quis e sim porque você me obrigou. Nossa missão é salvar vidas e se você não era capaz de salvar a sua própria como faria isso por outra pessoa?

Suas palavras pesam no meu peito.

— Você tem razão — assinto.

Holt é um senhor rígido que não aceita falhas. O trabalho vem acima de tudo em sua vida e ele não admite, nada menos, que o melhor para a corporação.

— Mas agora as coisas mudaram, você mudou e precisamos de você — diz com um sorriso acolhedor.

— Não sei como agradecer — digo emocionado.

Sinto saudades da corporação, saudades de salvar vidas e ajudar pessoas. Saudades do antigo eu, só agora percebo o quanto perdi. O quanto fui estúpido durante esses anos.

— Só continue no caminho que está seguindo e tudo está certo. E agradeça ao Scoth, ele nunca desistiu de você. — Assinto com a cabeça e ele se levanta. — Te vejo segunda-feira pela manhã na corporação — ordena.

— Claro, senhor.

Holt vai embora e não posso me conter de alegria. Pego o telefone e ligo para a pessoa que nunca desistiu de mim.

— Scoth.

— Rule? Aconteceu alguma coisa? — pergunta preocupado.

— Holt acabou de sair daqui. Segunda-feira estou de volta a corporação.

— Não sabe como essa notícia me deixa feliz, meu filho — diz emocionado.

— Obrigado por tudo, Scoth. Você é como um pai para mim.

— E você como um filho. Sabia que Holt ia repensar, você é um bom homem e um excelente bombeiro. Nancy vai ficar muito feliz em saber, que tal você e as meninas irem almoçar lá em casa amanhã para comemorarmos.

— Acho uma ótima ideia. Vou falar com a Lori e te confirmo.

Desligo o telefone e subo as escadas de dois em dois degraus, encontro Lori saindo do quarto da Mel.

— Rule, está tudo bem? — ela questiona.

— Tudo ótimo, perfeito. Segunda-feira eu volto para a corporação — conto.

Um sorriso molda seu rosto e meu coração acelera.

— Parabéns. Eu disse que tudo daria certo.

Lori se aproxima e me envolve em um abraço. Sinto o cheiro dos seus cabelos e a aperto contra o meu peito.

— Obrigado. Tudo isso é graças a Mel e você.

— Acho que estamos quites — responde com uma piscadela.

Nossos olhares fixam-se um no outro e nossa respiração começa a acelerar. Afasto-me sem jeito e para quebrar o clima digo:

— Scoth nos chamou para almoçar lá amanhã, para comemorar. O que acha?

— Uma ótima ideia. — Sorri.

LORI

— Você tem certeza que vocês ficarão bem? — Rule pergunta pela milésima vez.

Hoje ele volta para a corporação e está preocupado em nos deixar sozinhas. Ontem fomos almoçar na casa do Scoth e da Nancy para comemorar. Foi muito bom, sinto como se estivesse em uma grande família com eles.

— Vamos, tio Rule — Mel diz fazendo uma careta que arranca um sorriso de Rule, que a pega no colo e distribui vários beijos em seu rosto. Ela começa a rir alto e pedir que ele pare.

— Nós ficaremos bem — digo quando ele solta Mel e me olha.

— Tudo bem. Mas qualquer coisa me ligue — enfatiza.

— Pode deixar, sargento — brinco.

Rule se abaixa, deposita um beijo em Mel e diz:

— Se cuida princesa, e cuida bem da mamãe. Logo eu volto. — Ele se levanta e acrescenta para mim: — Já sabe, qualquer coisa é só me ligar. Quando acabar sua consulta me liga, que vou te buscar e pegamos a Mel na casa da Nancy.

Assinto e Rule se vira para ir, mas Mel o chama:

— Tio Rule! — Ele se vira de volta e ela acrescenta: — Você não vai dar beijo de tchau na mamãe? — questiona com as mãos na cintura. Coro na hora.

Os olhos de Rule encontram os meus e vejo um brilho diferente neles.

— Você tem razão, princesa — diz observando minha reação.

Ele se aproxima e meus batimentos aceleram de uma forma nada normal. Sinto seus lábios quentes na minha bochecha e por um momento parece que tudo para. Cada vez que o sinto assim tão próximo um turbilhão de emoções domina meu peito. Sei que é errado, mas não posso evitar.

— Até mais tarde — ele diz e então sai.

— Até — consigo sussurrar de volta.

Saio do meu transe e Mel me olha atenta.

O dia parece estranho sem Rule por perto, acabei me acostumando a tê-lo sempre em casa. Minha cabeça está um turbilhão de confusão, essa vida não é a minha, mas tudo parece tão certo, tão bom que não sei se quero saber quem realmente sou. Os sonhos estão cada vez mais frequentes e sinto fortes dores de cabeça. Hoje tenho consulta com o terapeuta. Desde que sai do hospital passo todas as segundas-feiras com ele, conversamos durante uma hora na esperança de trazer alguma lembrança à tona.

Depois do almoço Nancy passa para buscar Mel e me levar até o consultório.

— Quer que eu venha te buscar? — pergunta assim que estaciona na frente da clínica.

— Não precisa Nancy, o Rule disse que viria me pegar e depois vamos buscar a Mel — informo.

— Tudo bem — me responde com um sorriso.

— Mel, se comporte — digo e lhe mando um beijo.

— Pode deixar, mamãe — responde com seu sorriso faceiro.

Desço do carro e entro na clínica, alguns minutos se passam e a recepcionista informa que posso entrar. Sigo pelo corredor e dou uma leve batida na porta antes de entrar.



LORI

— Boa tarde, Lori. Sente-se, por favor — diz assim que entro na sala.

— Boa tarde, Dr. Stein.

Sento-me na cadeira a sua frente e ele pega seu caderninho de anotações.

— Como está se sentindo? Alguma novidade? — pergunta, seus enormes olhos inquisidores sobre mim.

— Confusa — digo exasperada. — Cada dia que passa as coisas parecem ficar mais confusas e eu não sei mais o que fazer.

— O que quer dizer com isso? — Ele ajusta seu enorme corpo na cadeira e seus dedos vão até a armação de óculos preta para arrumá-la.

Suspiro e procuro as palavras certas.

— Eu não sei se quero me lembrar de quem eu sou — confesso. — Esses sonhos... Se tudo for lembranças, eu não quero voltar para aquela vida. Não quando eu tenho uma tranquila, quando tenho minha filha feliz ao meu lado e quando eu também estou feliz. Quando acordei tudo o que queria era me lembrar de quem eu era, mas agora... — Solto um suspiro nervosa. Lágrimas ameaçam cair, mas as contenho. — Eu só queria que essa fosse a minha vida.

Dr. Stein me observa em silêncio por alguns instantes, antes de falar:

— Por que você queria que essa fosse a sua vida? — questiona. — A partir de que momento isso mudou?

Encaro minhas mãos com vergonha de falar a verdade, de assumir meus sentimentos.

— Porque eu me sinto segura e protegida, e a Mel também. Porque eu tenho uma paz que acho que nunca tive antes. Eu me sinto em uma família e...

As palavras ficam presas.

— E...

— E eu não quero perder o Rule, eu não quero me afastar dele. Porque... Porque talvez eu esteja me apegando a ele mais do que eu deveria. E isso é tão errado.

— Por que é errado você se apegar a alguém? Se apegar ao Rule?

— Eu não me lembro de nada, posso até ser casada. Por mais que queira que essa fosse a minha vida, ela não é.

Encaro seus olhos e eles continuam sem expressão.

— Ele te ajudou e vocês criaram um vínculo, essa situação é mais comum do que você pensa, então não se sinta culpada. A única coisa que me preocupa é que você crie uma espécie de bloqueio no seu cérebro.

Fico confusa com suas palavras.

— Bloqueio? — questiono.

— Sim, veja bem. O nosso cérebro é uma ferramenta poderosa. Você pode criar uma espécie de bolha para se proteger das lembranças e não precisar mudar sua vida atual. Como se bloqueasse as lembranças porque sabe que elas vão te levar para outro rumo. Entende?

— Isso é possível?

— Infelizmente sim. Nós queremos tanto uma coisa que nosso cérebro

idealiza que aquilo tudo é real e o resto não importa.

— E como evito isso?

— Aceitando a realidade, que essa não é a sua vida. Não estou dizendo que não possa ser, mas você precisa descobrir quem é de verdade ou nunca vai se sentir completa. Você continua tendo os sonhos?

— Sim. Quase todas as noites.

— Isso é bom. Me diga, com base nesses sonhos, o que você já “descobriu” — faz um sinal de aspas com os dedos.

— Eu era casada e meu marido foi assassinado, depois disso fui levada para uma casa, uma mansão. Não era feliz e havia um homem que ameaçava a mim e a minha filha. A maioria dos sonhos são sobre essa casa e coisas que supostamente vivi nela.

— E você acha que são lembranças?

— Eu não tenho certeza, mas pelo jeito que a Mel fala e como ela não quer voltar pra lá, tudo indica que sim. Por que eu estaria em um carro sem qualquer tipo de documentos? Só poderia estar fugindo. Mas do quê e de quem.

— Quando estamos sonhando, temos o poder de alterar nossos sonhos. Tente ver algo, lembrar de algo. Como um nome, um endereço. Qualquer coisa que você possa usar para tentar achar uma pista. Não é fácil, mas não temos muitas opções.

Conversamos mais um pouco e logo acaba a consulta. Quando saio Rule já está à minha espera. Ele está lindo com o uniforme de bombeiro e um sorriso no rosto.

— Oi — digo ao me aproximar.

— Tudo bem?

— Sim. Vamos buscar a Mel?

Ele assente e saímos do prédio.

— Tem certeza que está tudo bem? — pergunta quando entramos no carro.

— Sim, só cansada de tentar, tentar e não conseguir me lembrar de nada. — Dou um sorriso fraco para disfarçar minha angústia.

— Você vai conseguir, não se preocupe.

Rule pega minha mão e aperta me passando conforto.

— Obrigada.

— Precisamos passar no supermercado para comprar algumas coisas que acabaram. Pegamos Mel antes ou depois?

— Melhor antes. Ela adora ir ao supermercado.

— Tio Rule, você fica lindo nesse uniforme de bombeiro. Todo mundo tá olhando — Mel diz fascinada.

Rule veio direto do trabalho e não tirou o uniforme só para que Mel pudesse andar ao lado de um bombeiro, como disse que queria fazer um dia.

E ela tem razão, ele está simplesmente lindo, meus pensamentos gritam o que tento negar.

— Obrigada princesa, mas acho que eles estão olhando as duas lindas mulheres que estão ao meu lado.

Mel sorri travessa e solta:

— Acho que estão olhando a mamãe. Ela é muito linda não é, tio Rule?

Mel e sua língua afiada, essa pequena nos mete em cada embaraço. Rule me observa e cora com seu olhar escrutinador.

— Muito linda — diz olhando em meus olhos.

— Obrigada — respondo e fujo da intensidade do seu olhar e do medo do que isso significa. — Acho que só precisamos pegar algumas maçãs e podemos ir embora — comento para mudar o foco.

Seguimos pelo corredor para a parte de hortifrúti. Mel e Rule param para pegar alguns cereais em um corredor próximo e eu sigo para pegar as maçãs. Estou escolhendo algumas quando um homem se aproxima.

— Nunca sei como escolher maçãs, fico perdido e sempre confundo os tipos — comenta ao meu lado.

Sorrio e respondo:

— Basta ver se não estão com alguma parte estragada ou danificada. Não tem segredo — respondo.

— Poxa, obrigada. — O homem se vira e estende a mão para me cumprimentar. — Prazer, sou Robert e você é...

Mesmo achando estranho seu comportamento, viro-me e aceito sua mão em um cumprimento.

— Lori, prazer.

Seus olhos me analisam de uma forma nada habitual, como se esperasse um tipo de reconhecimento, que não acontece.

— Um lindo nome, para uma linda mulher — responde galanteador. — Tenho a impressão que já nos conhecemos de algum lugar — sugere.

Sua mão ainda segura a minha e me sinto incomodada com a situação. A puxo tentando não parecer assustada e ele sorri.

— Não! Acho que é apenas uma impressão, não o conheço — respondo de forma precisa.

Uma dor de cabeça começa a se insinuar e viro-me para pegar logo as maçãs e sair dali.

— Que pena, jurava te conhecer. Mas como você disse deve ser apenas impressão.

Nesse momento Mel se aproxima, ela se agarra a mim e vejo medo em seus olhos ao ver o homem ao meu lado.

— Obrigada pela dica — diz, seus olhos que estavam fixos em mim mudam para Mel. — Foi um prazer revê-la Melissa. Nos vemos em breve, Lori — diz e se afasta.

Minha respiração acelera e tudo parece girar ao meu redor.

— Ei... — tento chama-lo.

Como ele sabe o nome da Mel e o que quis dizer com nos vemos em breve? Ele nos conhece? Por que não me falou? O que ele quer? Mil perguntas giram em torno da minha cabeça.

Tento ir atrás do homem, mas Mel puxa minha mão.

— Não mamãe, não vai. — Seus olhos suplicantes me encaram e a pego no colo para acalmá-la.

— Mel, você conhece aquele homem? — pergunto.

Rule se aproxima e nos olha confuso. Mel se agarra a ele e eu só quero entender o que aconteceu aqui.

— O que aconteceu? — questiona preocupado.

— Um homem se aproximou e... — relato para Rule o que acaba de acontecer e vejo seu corpo se tornar tenso a atento a tudo ao nosso redor.

— Mel — a chama. Ela levanta sua cabeça e o encara. Seus olhinhos assustados cortam meu coração, mas Mel é a única que pode nos dar uma pista de quem é esse homem. — Princesa, eu vou proteger vocês, mas preciso que me diga. Quem é aquele homem?

Mel abaixa sua cabeça e sussurra:

— Ele é mau. Não deixa ele levar a gente tio Rule, por favor —

suplica.

— Nunca Mel, você está me ouvindo. Nunca vou deixar acontecer nada com vocês.

Rule me envolve com o outro braço e o calor do seu corpo me acalma um pouco. De forma automática e em silêncio pagamos as compras e vamos para casa. Percebo que Rule está atento e preocupado, seus olhos estão espertos a qualquer movimento ao nosso redor.

Acabamos pedindo uma pizza e durante o jantar evitamos falar sobre o ocorrido, Mel continua assustada, então prefiro não fazer mais perguntas agora. Depois de alimentá-la, a levo para tomar banho e deitar. Quando vejo que dormiu volto para a sala. Rule está no telefone com o detetive Neith.

— Sim, amanhã na primeira hora do dia estaremos aí. — Ele fica em silêncio ouvindo o que o detetive fala e depois acrescenta: — Ela está aqui, vou passar o telefone para ela.

Rule me passa o telefone e informa que Neith quer falar comigo.

— Alô — digo.

— Lori, você precisa...

Essa voz? Minha cabeça de repente começa a girar.

Suas palavras não têm mais importância, mas a voz. Essa voz... Deus, lembranças... Flashes...

— *Lori, você precisa fugir, precisa sair daí com a Mel. Ele vai matá-las, seja rápida. Tem um carro a duas quadras...*

— *Como? Eu não sei... — respondo, mas a ligação é interrompida.*

A porta do quarto é aberta e um homem invade meus aposentos.

— *Rápido, pega a Melissa e vem comigo. Não temos tempo.*

— Lori, Lori — É a voz do Rule.

Abro meus olhos e ele me encara assustado.

— Você está bem?

Sinto seus braços me segurando e senão fosse por isso acho estaria no chão.

— Eu... Eu... Me lembro... — sussurro.



RULE

Lori e Mel estão assustadas, mesmo que ambas tentem disfarçar. O jantar é praticamente feito em silêncio e assim que elas sobem pego o telefone para ligar para o detetive Neith. A hora não é das mais apropriadas, mas não posso esperar até amanhã.

Disco seu número e ele logo atende.

— Senhor Jackson?

— Boa noite detetive. Me desculpe ligar essa hora, mas o assunto é sério.

— O que houve? — pergunta exaltado. — A Lori e a Mel estão bem?

Ele parece realmente preocupado, como se fosse alguém próximo a ele.

— Elas estão bem, mas hoje aconteceu um episódio...

Relato para ele o ocorrido e Neith parece possesso.

— Rule, amanhã quero vocês aqui na delegacia.

— Sim, amanhã na primeira hora do dia estaremos aí — respondo.

Lori desce as escadas nesse momento e me encara.

— Onde Lori está nesse momento?

— Ela está aqui, vou passar o telefone para ela.

Coloco a mão no aparelho e aviso que o detetive Neith quer falar com ela. Lori assente e passo o telefone.

— Alô — diz.

Ela apenas ouve o que Neith fala e então algo não me parece bem. A observo, seus olhos se tornam arregalados e a cor parece sumir da sua face. O que está acontecendo?

Vejo o momento em que sua mão solta o aparelho e ele cai no chão fazendo um estrondo. Aproximo-me e começo a chamar seu nome, mas ela parece não me ouvir, é como se estivesse em outro lugar.

— Lori — tento novamente. — Lori, você está bem?

Alguns segundos se passam e então ela sussurra:

— Eu... Eu... Lembrei.

— Lori, você lembrou o quê? — tento chamar sua atenção para mim.

A seguro pelos ombros e chacoalho seu corpo, então seus olhos encontram os meus. Lágrimas grossas descem por seu rosto. A puxo para os meus braços e ela começa a falar palavras desconexas. Puxo seu corpo e a sento no sofá da sala.

Alguns minutos se passam até que Lori está mais calma.

— Ei, você está bem? — pergunto em seu ouvido.

Ela tira a cabeça do meu peito e me encara.

— Eu... Eu lembrei — repete ainda fora de órbita.

— O que você lembrou?

— O acidente... A polícia tem razão. Eu estava fugindo, por isso não havia documentos ou nenhum tipo de identificação.

— Fugindo? Mas por quê?

— Ele queria nos matar.

— Ele quem, Lori?

Seus olhos encaram os meus e ela parece ainda mais perdida.

— Eu não sei... — Mais lágrimas começam a rolar pelo seu rosto. — Eu não consigo me lembrar, mas a voz... A voz no telefone... O detetive, foi ele que me ajudou a fugir. Eu não sei como, mas foi ele.

Minha cabeça gira, tentando entender a situação. O detetive Neith? Como isso é possível? Por que ele não falou nada?

— O detetive Neith? — indago para ter certeza.

— Sim, ele. Eu me lembro de uma ligação, ele me pedia para fugir, para pegar a Mel e sair de lá, que havia um carro. Um homem entrou no quarto em que eu estava, e disse para que eu fosse com ele. Quase na saída nós fomos pegos e ele me mandou correr, Mel estava assustada no meu colo, então eu corri até achar o tal carro. E depois comecei a dirigir sem rumo, só queria fugir e salvar minha filha.

— Você sabe de onde vocês estavam fugindo?

— Não, algo está faltando. É como um quebra cabeça com várias peças faltando.

Suas mãos vão para a cabeça e ela puxa os cabelos tentando puxar junto suas lembranças na memória. Seu desespero é evidente.

— Respira, Lori. Vem aqui! — A puxo para meus braços novamente e começo a acariciar suas costas, na tentativa de acalmá-la. — Se acalma, você vai lembrar.

— Eu preciso lembrar, Rule. O homem no mercado, minha filha corre perigo — diz de forma desesperada. — E se ele vier atrás de nós...

Quando vou dizer que tudo vai ficar bem, a campainha toca. Lori me olha assustada.

Faço menção de me levantar, mas ela me puxa.

— E se for aquele homem.

— Fica calma, Lori. Não é nada demais.

Desvencilho-me dos seus braços e sigo para a entrada. Ela levanta e vem atrás de mim. Aproximo-me da porta e ao olhar pelo olho mágico vejo o detetive Neith.

Ele aperta a campainha novamente e então ouço sua voz:

— Jackson, sou eu o detetive Neith. Está tudo bem?

Destranco a porta e abro para ele.

— Detetive?!

LORI

Minha cabeça dói e tudo parece um sonho. Sinto mãos passando pelos meus ombros e depois me puxando para junto do seu corpo, mas tudo parece irreal.

— Você está bem. Me perdoa, eu deveria ter te contado tudo — sussurra em meu ouvido.

Sua voz novamente me remete lembranças.

— *Eu estou com medo, Jack — disse com a voz trêmula.*

— *Tudo vai dar certo, Lori — ele respondeu. Sua mão apertou a minha e ele me lançou um olhar otimista.*

Olhei para Mel, ainda um bebê, brincando no tapete de casa, e senti uma enorme saudade da vida que tínhamos.

— *Eu sinto falta dele* — disse e sei que Jack me entendeu.

— *Eu também sinto. Ele era meu parceiro e vou fazer de tudo para que a morte dele não seja em vão.*

Volto para a realidade quando Rule me puxa para junto de si.

— Por quê? Por que você não me disse nada? — sussurro com a voz trêmula.

Jack me encara e vejo que está tenso, envergonhado.

— Acho melhor nos sentarmos, a conversa será longa.

Assinto com a cabeça e Rule nos guia até a sala. Seu braço ao redor dos meus ombros me mantendo firme.

Nos sentamos e Jack me encara.

— Acho que pode começar a falar detetive — Rule incentiva. — Estamos curiosos para saber por que não falou que já conhecia Lori. O que você ganha com essa mentira?

Jack põe as mãos na cabeça e começa a encarar os pés. Solta um longo suspiro e começa a falar:

— A gente se conheceu através do meu parceiro e melhor amigo, Johnson. Seu marido, pai da Mel. — Solto um gemido surpreso ao ouvir suas palavras. — Johnson e eu estávamos com um caso grande, um mafioso muito poderoso. Se tudo desse certo iríamos ganhar uma promoção e tanto, mas as coisas não saíram como pensamos e Johnson acabou sendo morto.

— Co... Como? — questiono.

— Uma bomba no carro. Era para ter pego nós dois, mas no dia tive uma indisposição e não fui trabalhar. Nesse maldito dia deixei meu parceiro sozinho — diz com pesar na voz. Ele faz uma pausa e quando se sente mais calmo volta a falar: — Foi uma perda para todos, principalmente pra você e pra Mel. Ela era apenas um bebê.

Sinto o aperto de Rule em meu corpo e ele me passa forças para continuar ouvindo a minha história, a minha vida. A vida que eu não me lembro.

— Eu fui transferido de cidade e acabamos nos afastando, até o final do ano passado quando recebi uma ligação informando que você estava nas mãos do Sylvester, um dos mafiosos que estávamos investigando quando Johnson morreu.

— Por que ele estava com ela? — Rule pergunta.

— Johnson deixou um pen drive com provas que condenariam Sylvester e vários outros da sua quadrilha. Eles sabiam que ele nunca iria te falar onde estava, então grampearam os telefones e ficaram de olho, até que você achou esse pen drive anos depois e ligou para o nosso antigo chefe de departamento. Dimmy também fazia parte da quadrilha e logo os avisou que você sabia de tudo. Com medo do que você pudesse fazer com essas informações ele te inscreveu em um programa de proteção à testemunha, ou pelo menos fingiu que inscreveu. Você se mudaria e ninguém iria questionar, então ele poderia se livrar de você e resolver o problema.

— E onde você estava? Por que eu não falei com você ao invés de falar com ele — questiono.

— Eu estava resolvendo um caso de tráfico internacional na Finlândia e quando soube de tudo, Dimmy já tinha te entregado para Sylvester. Voltei para Seattle assim que soube de tudo.

— E como conseguiu contato com a Lori se ela estava com esse tal de Sylvester? — indaga Rule, ele tenta manter a calma ao meu lado, mas posso sentir sua tensão.

— Temos alguns agentes infiltrados no grupo de Sylvester. Eu jurei que a morte de Johnson não seria em vão e não vou desistir. Continuo investigando tudo, mas de uma forma digamos mais discreta.

— E depois de tanto tempo vocês não conseguiram provas para

incriminá-lo? — Rule questiona.

— Esse é um caso secreto, Jackson. Não posso dar muitas informações, mas estamos lidando com peixes muito grandes e não podemos dar um passo errado.

Rule assente.

— Então quem me ajudou a fugir foi um agente infiltrado? — pergunto.

— Sim, London conseguiu te tirar da casa, mas infelizmente nosso plano deu errado e você teve que fugir sozinha. Acho que quando estava correndo com a Mel acabou deixando cair o celular e ficamos sem comunicação. Rastreei o carro e consegui te achar no hospital, mas Dimmy estava na minha cola e não queria arriscar que ele te achasse.

— E por que você não me contou tudo isso quando me achou?

— Queria que você se lembrasse por conta própria. Por isso agi daquela forma quando vim até aqui. Agora vejo que fiz errado, deveria ter te contado tudo, me desculpe — pede arrependido.

— Quem era o homem do mercado? — pergunto.

— Eu ainda não sei, estou investigando. Mas creio que seja um dos homens do Sylvester.

— Está tarde detetive, acho melhor continuarmos essa conversa amanhã — sugere Rule já se levantando.

— E se ele vier atrás de mim e da minha filha? — questiono.

O medo toma conta de mim.

— Eu já coloquei policiais à paisana. Eu não vou deixar que nada de ruim aconteça com vocês, prometo — diz. Seus olhos me transmitem confiança.

Assinto e ele se levanta.

— Amanhã eu volto. Qualquer coisa, pode me ligar — avisa.

Rule o acompanha até a porta e depois volta para perto de mim.

— Vamos subir, você precisa descansar um pouco.

Subo as escadas em silêncio, perdida em pensamentos. Passo no quarto da Mel, que dorme tranquilamente e deposito um beijo em seu rosto.

Rule não sai do meu lado e quando finalmente me coloca na cama como uma criança, algo dentro de mim não quer que ele se afaste, por isso ignoro tudo e peço:

— Não me deixa sozinha.

Seus olhos me encaram assustados e me arrependo pelas minhas palavras.

— Nunca!

Ele tira os sapatos e se deita ao meu lado, seus braços me puxam e me acomodo em seu corpo quente.



RULE

Acordo com um corpo quente aconchegado ao meu, o cheiro dos seus cabelos invade meus sentidos. De primeiro momento penso que tudo é um sonho, então a noite anterior me vem à mente e tudo faz sentido. Foi quase impossível dormir com o corpo da Lori assim tão próximo do meu. Ela também demorou para dormir, porém ficamos em silêncio, cada qual com seus pensamentos. E depois de não sei quanto tempo acabamos pegando no sono.

Olho para seu rosto sereno, enquanto dorme tranquila e sinto vontade de tocar meus lábios nos seus, bem de leve só para sentir seu gosto. Essa mulher está me deixando louco, não posso negar. Preciso pôr na minha cabeça que vai chegar o dia em que ela vai ter que ir embora e vai levar a Mel junto, só de pensar nisso meu peito dói. Como vou conseguir viver sem as duas?

Sinto Lori se mexer e então seus olhos encontram os meus. Primeiro eles parecem surpresos e poucos instantes depois quando ela parece lembrar de tudo vejo constrangimento.

— Bom dia — sussurro ainda a encarando. Não resisto e deposito um beijo em seus cabelos. Ela está tão próxima, com a cabeça deitada em meu peito.

— Bom dia — responde envergonhada, mas não tira seus olhos dos

meus, é como se algo nos atraísse um para o outro. Será que ela sente o mesmo que sinto nesse momento?

— Conseguiu descansar? — pergunto.

— Sim, não pensei que fosse dormir tão bem depois de tudo o que aconteceu ontem. Obrigada por não me deixar sozinha Rule.

— Não precisa agradecer, eu nunca vou deixar você e a Mel sozinhas.

— Eu sei que já disse isso, mas de verdade não sei o que seria da gente sem você.

Uma de suas mãos sobe até o meu rosto e ela acaricia minha bochecha, um calafrio percorre minha pele e minha respiração se torna entrecortada. De repente é como se tudo fosse diferente e fôssemos apenas um homem e uma mulher que querem estar um com o outro.

— Eu que digo isso — começo. — Lori, depois daquele acidente tudo mudou. A Mel trouxe alegria para minha casa e para minha vida e você... — pauso um momento tentando achar as palavras certas. — Você trouxe de volta a minha capacidade...

Tento dizer o que estou sentindo. O que ela significa para mim, mas minhas palavras parecem presas. Eu não quero assustá-la.

— Mamãe... — a voz da Mel invade o quarto nos tirando da nossa bolha. — Mamãe, o tio Rule não tá... — ela entra dizendo, mas para ao nos ver na cama. — O tio Rule está aqui com você. — Um sorriso molda seu rostinho.

Ela pula na cama e nos envolve em um abraço com seus pequenos bracinhos.

— Bom dia, princesa — cumprimento.

— Bom dia, meu amor — Lori diz.

Mel olha de um para o outro e então questiona:

— Você dormiu aqui tio Rule? Junto com a mamãe?

Sabia que Mel iria fazer mil perguntas, ela é inteligente e percebe as coisas melhor que nós que somos adultos.

Lori me olha sem graça e me encarrego de explicar a situação para Mel.

— Sim, eu dormi aqui com a sua mamãe — respondo e tenho a vaga esperança que ela não vá perguntar o motivo, mas se tratando da Mel isso não é uma opção.

Ela vira a cabecinha de lado e pergunta:

— Por quê?

Não sei o que dizer, por isso Lori toma as rédeas da situação.

— Porque a mamãe estava com medo e pediu para o tio Rule ficar aqui — responde, o que não é mentira.

— Hum... — Mel suspira parece decepcionada. — Só por isso?

— Sim, princesa.

Ela abaixa seus olhinhos e parece triste.

— Por que essa carinha, Mel? — questiono.

Alguns segundos se passam então ela responde:

— Eu achei que agora você iria ser o meu papai e que nós três seríamos uma família.

Lori e eu nos encaramos e nenhum dos dois sabe o que dizer. Minha vontade é falar que é tudo o que eu mais quero. Que eu quero ser seu pai e nada me deixaria mais feliz.

— Mel, meu amor... — Lori começa, mas parece não saber o que falar.

Vejo o seu rostinho tão triste e não consigo me controlar.

— Princesa — chamo e ela me olha. — Não tem nada que me deixaria mais feliz que ser o seu pai. Independentemente do que acontecer, você

sempre vai ser minha princesa.

Mel sorri de orelha a orelha e se joga em cima mim.

— Eu te amo, tio Rule. — Ela deposita um beijo no meu rosto e depois faz uma careta. — O que é indepen... Essa palavra grandona que você disse?

— Independentemente — repito. — Quer dizer que não importa o que acontecer você sempre será a minha princesa — explico.

— Eba! — Bate palmas animada.

Lori nos observa e não consigo decifrar o que se passa no seu olhar. Ela não diz nada e não sei que pensar. Porém antes que possa entender a campainha toca.

Uma tensão se forma entre Lori e eu.

— Vou ver quem é — digo.

— Vou me trocar e já desço — diz rápido demais.

Levanto da cama e Lori me olha com medo, dou um aceno para tranquiliza-la, antes de calçar meus sapatos e descer as escadas.

A campainha toca novamente. Abro a porta e encontro Neith, de novo, na porta da minha casa.

— Bom dia, Jackson. Desculpa aparecer assim tão cedo sem avisar.

— Bom dia detetive, já estou me acostumando — digo e ele me encara de cara feia. — Algum problema? — pergunto.

— Nada demais. Eu vim conversar com a Lori.

Aceno com a cabeça e a contra gosto o convido para entrar. Ainda não consigo ir com a cara desse sujeito.

— A Lori está se trocando, já vai descer.

Ele se senta em um sofá e eu em outro. Ambos nos encarando em silêncio.

— Acho que devo te agradecer por cuidar da Lori e da Mel, você as salvou — corta o silêncio.

— Não precisa agradecer. Não fiz nada demais — respondo.

— Fez sim, não precisa ser modesto, Rule. Sei do seu histórico e imagino que não foi fácil.

— Andou investigando minha vida, detetive.

Meu sangue começa a ferver. Onde ele quer chegar com isso?

— Não iria deixar a Lori e a Mel nas mãos de um estranho sem antes saber tudo sobre ele — responde.

— Claro, você se preocupa e cuida muito bem delas não é mesmo. Justamente por isso as duas estão aqui — digo.

Ele meu fuzila com o olhar e percebo seu maxilar serrado.

— Escuta aqui... — ele começa a dizer, mas Lori e Mel entram na sala o interrompendo.

— Jack — Lori cumprimenta e Mel corre para o meu colo.

O sujeito se levanta e se aproxima de Lori, pega suas mãos e deposita um beijo em sua testa. Uso cada milímetro de controle para não quebrar a cara dele. Esse ciúme não é algo que eu saiba lidar.

Lori parece constrangida e sem saber como reagir, educadamente se afasta e vem para o meu lado.

— Você pode dar café pra Mel, por favor? — pede.

— Posso. — Levanto com a Mel no meu colo e Jack a chama.

— Oi, Mel — diz.

— Oi — responde tímida e se agarra mais ainda em mim.

— Qualquer coisa estou na cozinha — aviso e lanço um olhar para Jack.

LORI

Rule sai com Mel me deixando sozinha com Jack, quando entrei na sala era como se os dois estivessem a ponto de trocar socos um contra o outro.

Jack me encara e não sei bem o que fazer ou falar, a lembrança dele na minha cabeça é como algo que pode fugir a qualquer momento, ainda não parece ser real.

— Como você está? — ele pergunta parecendo preocupado.

— Eu acho que bem. É muita coisa para processar de uma vez só. — Sorrio tristemente.

Ele se aproxima novamente e se senta ao meu lado.

— Eu não vou deixar que nada aconteça com vocês. Estamos a ponto de pegar a quadrilha do Sylvester e tudo estará acabado — tenta me tranquilizar. — Enquanto isso não acontece, você e Mel podem ficar comigo, eu vou proteger vocês.

— Ficar com você? — repito debilmente.

— Sim, vocês podem ficar na minha antiga casa até conseguirmos prender todos e então depois podem voltar pra sua casa e retomar suas vidas. Eu não vou mais perder você e Mel de vista.

— Eu... Eu...

— Lori, é o melhor, você pode confiar em mim. Vocês não estão seguras aqui, Rule é um bom homem, mas não pode fazer nada para proteger vocês.

— Jack...

— Olha, não precisa me responder agora. Pense e quando estiver pronta é só me avisar.



— Eu preciso pensar, a Mel se sente segura aqui e eu também. — Ele me lança um olhar de culpa e me sinto mal pelas minhas palavras, mas é a verdade. — Não quis te ofender, é apenas como me sinto.

— Eu sei que errei com vocês, mas isso não vai acontecer de novo. Só quero o melhor tanto pra você quanto para Mel e nesse momento o melhor é vocês ficarem comigo. Se algum dos homens do Sylvester encontra vocês, Rule além de não pode ajudar ainda vai correr perigo.

Suas palavras me batem com força. Rule também corre perigo, ele já foi envolvido demais nessa história. O certo é irmos com Jack, mas só de pensar em sair dessa casa meu peito dói.

— Como eu já disse, vou pensar. Mas por enquanto continuamos aqui — informo.

Ele balança a cabeça como se parecesse cansado.

— Ok. Eu preciso resolver umas coisas, você tem meu telefone, qualquer coisa é só me ligar — diz meio irritado.

Levo Jack até a porta e respiro fundo antes de encarar Mel e Rule.

Eles estão na cozinha brincando enquanto tomam café, alheios ao turbilhão que está minha cabeça. Quando me sento a mesa, Rule pergunta:

— O que Jack queria?

Sirvo-me de um pouco de café para não ter que encarar seus olhos.

— Só ver se estava tudo bem e dizer que eles estão prestes a prender Sylvester — omito uma parte da história e me sinto culpada.

Rule balança a cabeça e Mel desvia a atenção do assunto.

— Mamãe, eu posso ir passear com a tia Nancy hoje?

— Claro, querida.

— Uhul — grita pulando na cadeira.

— Nancy pediu para levar Mel para passear hoje, disse que não tinha problema. Tudo bem? — diz Rule.

— Claro.

Algumas horas mais tarde, Nancy e Scoth chegam para pegar a Mel.

— Oi, princesa — Nancy diz e Mel se joga em seus braços. As duas são muito ligadas.

— Oi, titia. Eu *tô muitooooo* feliz de ir passear com vocês — Mel fala animada.

— E nós de você ir conosco, mas eu acho que também mereço um beijo e um abraço — Scoth brinca.

Mel se joga em seus braços e beija seu rosto.

Rule e Scoth saem um momento para conversar e nós subimos para pegar um casaco para Mel.

— Como você se sente, querida? — Nancy pergunta de forma doce.
— O Rule falou com o Scoth hoje pela manhã e nos contou tudo.

— Me sinto confusa, parece que estou vivendo um sonho. — Sorrio

de forma triste.

Ela me puxa para um abraço e acaricia meus cabelos.

— Tenha fé em Deus que tudo irá se encaixar. Vocês não estão sozinhas — diz com um sorriso.

— Esse é o meu maior medo, eu não estou sozinha nessa. Vocês estão próximos a mim e tenho medo por todos — confesso.

As palavras de Jack martelam minha cabeça, não só Rule corre perigo, mas todos que estão próximos a mim, todas essas pessoas que estão me ajudando sem pedir nada em troca, essas mesmas pessoas que aprendi a ter um carinho especial. E o que eu estou dando em troca: as deixando em perigo. Não sei do que esse tal de Sylvester é capaz.

— Lori, não pense dessa forma. Estamos cientes do que está acontecendo e do que pode acontecer. Mas ninguém está fazendo isso obrigado, principalmente Rule, ele gosta de vocês, muito, e nada vai impedi-lo de cuidar e proteger as duas. Rule sempre cuidou de quem ele ama e não importa qual seja a situação isso não vai mudar.

Rule sempre cuidou de quem ele ama..., suas palavras ecoam nos meus pensamentos. Rule não me ama, ele não pode me amar.

— Eu não tenho como agradecer por tudo o que estão fazendo por nós.

Não consigo evitar que duas lágrimas caiam molhando meu rosto. Nancy as limpa com as pontas dos dedos.

— Não precisa agradecer, só nos deixe te ajudar.

— Você tá chorando, mamãe? — questiona Mel que parecia inerte a nossa conversa.

— Não, meu anjo, caiu um cisco no olho da mamãe — respondo com um sorriso forçado.

Ela me olha por alguns segundos como que para confirmar e parece de

alguma forma ter acreditado.

— A gente pode ir agora? — pergunta para Nancy.

— Vamos buscar o tio Scoth.

Pegamos a mão da Mel e descemos as escadas. Rule e Scoth estão na sala, Rule parece assustado e fico nervosa.

— Tudo bem rapazes? — Nancy pergunta olhando de um para outro.

— Sim, sim — Scoth responde rápido demais. — Prontas?

— Simmmmm — Mel grita e rimos do seu entusiasmo.

Nancy se aproxima de mim para se despedir e sussurra em meu ouvido:

— Pense no que eu disse. Vocês não estão sozinhas.

Ela deposita um beijo no meu rosto e sorrio.

Os três saem, deixando Rule e eu sozinhos.

— Vai me dizer o que realmente Jack falou? — questiona se virando para mim.

RULE

— Pela sua cara você não está nada bem com essa história — diz Scoth assim que ficamos a sós.

Sento-me no sofá e passo as mãos pelos cabelos.

— Como você quer que eu fique bem depois de saber de tudo isso.

— Rule, você se apegou demais a Mel. — Não tenho coragem de encarar seus olhos e ele percebe. — As duas, você se apegou demais as duas, não é?

— Eu não sei o que fazer. Mas não consigo tirá-la da cabeça — confesso derrotado. Tenho certeza que Scoth vai me dar um sermão. Porém ele se aproxima, uma de suas mãos encosta em meu ombro e levanto meu rosto para encará-lo.

— Eu fico tão feliz por você, filho — diz de forma emocionada. — Sei que a situação não é das melhores, mas o fato de você sentir, de você estar vivendo de novo me deixa meio alheio a todo o resto.

Vejo que suas palavras são sinceras, Scoth sabe por tudo o que passei e o que sentir isso por alguém significa na minha vida.

— Eu não vou aguentar ficar sozinho de novo, não vou aguentar vê-las partir ou que algo aconteça com as duas.

— Elas não precisam partir. Elas não querem e não precisam — fala como se soubesse de algo que não sei.

— Queria que as coisas fossem simples assim. — Sorrio nervoso.

— Elas não são porque temos a maldita mania de complicar tudo. Meu filho, a Lori não tem nada que a prenda a sua vida antes do acidente, ela é livre e sua única família é a nossa Mel que também não quer partir. Por que elas têm que ir embora? Por que vocês não podem tentar, se gostam um do outro.

Saindo da sua boca tudo parece tão simples, tão perto de ser a realidade.

— Porque eu não sei se é isso que a Lori quer. Ela está confusa e não vou me aproveitar da situação para forçá-la a nada.

— Rule, meu filho, deixe de ser cabeça dura. Ela gosta de você.

— Ela sente gratidão por mim, é diferente.

Scoth me olha cansado e parece querer me bater. Ele solta um suspiro pesado e quando vai falar algo, Nancy, Lori e Mel aparecem.

Encaro os olhos de Lori que estão vermelhos e com lágrimas contidas, mesmo quando ela sorri pelo entusiasmo de Mel, sei que algo está errado e assim que ficamos a sós decido tirar essa situação a limpo.



LORI

Sinto o escrutínio dos seus olhos ao encará-lo, Rule parece me conhecer mais do que eu imagino e percebeu que algo não está bem.

— Vamos nos sentar — peço.

— É tão grave assim? — questiona.

Balanço a cabeça em negativo e vamos até a sala. Sentamo-nos um do lado do outro, e Rule se vira para me encarar.

— Você está pensativa e preocupada. Eu posso sentir — diz de forma branda.

— Jack quer que Mel e eu nos mudemos para sua casa — solto de uma vez só, antes que perca a coragem.

Os olhos de Rule se arregalam e ele solta uma respiração profunda. Sinto seu corpo tenso ao meu lado. Ele se levanta abruptamente e começa a andar de um lado para o outro.

— Rule — o chamo.

— E o que você respondeu? — questiona agora me encarando.

— Eu... Eu... — as palavras parecem presas. Meu coração bate acelerado. Como dizer pra ele que não quero ir? Que não posso me imaginar em outro lugar que não seja perto dele.

— Lori... — Rule se senta novamente e pega minhas mãos. — Por favor, não vá. Não posso suportar que vocês partam, não posso imaginar essa casa sem a Mel, sem seu sorriso, sem sua alegria. Eu não posso imaginar minha vida sem a Mel...

Suas palavras desesperadas, a forma como ele segura minhas mãos como se me implorasse, é como se ele estivesse sentindo a mesma dor que eu ao imaginar que pudéssemos ir embora, mas com a diferença que ele sente por Mel e eu sinto por ele.

— Rule... — Lágrimas inundam minha face e não consigo terminar. Não aguento mais chorar, desde aquela cena no mercado que tudo parece estar de cabeça para baixo. Tudo parece um labirinto ao qual eu não consigo sair.

Rule me puxa para seus braços e sussurra em meu ouvido:

— Não vá, por favor. Eu não posso imaginar minha vida sem você...

Eu não posso imaginar minha vida sem você... Eu não posso imaginar minha vida sem você... Eu não posso imaginar minha vida sem você... repito mil vezes essa frase em minha mente. Meu coração parece que vai saltar do peito e cair aos meus pés.

Sinto as pontas dos dedos de Rule em meu queixo, e ele delicadamente levanta meu rosto para que olhe em seus olhos.

— Eu sei que é errado, mas eu não pude evitar, eu não consegui não me apaixonar por você. Eu ao menos tive uma chance de evitar, na verdade. Foi como respirar, quando eu vi já tinha acontecido e eu não poderia mais mudar.

Seus olhos estão sobre os meus e é como se eu pudesse sentir suas emoções, minhas palavras estão presas e tudo parece um sonho, mas dessa vez um sonho bom.

— Eu não sabia o que era estar vivo desde que as perdi naquele

acidente — diz e sei que se refere a sua mulher e sua filha. — Até vocês entrarem na minha vida, primeiro a Mel me ensinando como sorrir novamente, e depois você me lembrando como é amar. Eu sei que é uma loucura e que você não deve sentir o mesmo, mas eu precisava falar isso. Porque eu não posso imaginar vocês indo embora, eu não posso suportar a ideia de ver vocês partindo, mesmo que isso vá acontecer eu ainda não posso lidar com isso.

RULE

Lori apenas me encara, seus olhos transmitem tantos sentimentos que não sei chegar a uma conclusão do que ela realmente está sentindo. Medo toma conta de mim, eu não deveria ter despejado tudo em cima dela nesse momento, não deveria ter me aberto da forma que me abri. Mas só em imaginá-la indo embora com a Mel, eu não ia aguentar, não posso suportar. Me mata a ideia de que depois de tantos anos sem sentir nada, quando eu finalmente volto para a vida tudo tenha que acabar.

Ela ainda me encara e perco qualquer razão que deveria ter nesse momento. Seus lábios estão meio abertos e sinto a necessidade de senti-los em contato com os meus. Seguro os dois lados do seu rosto e aproximo meus lábios dos seus, apenas encosto nossa pele uma na outra. Um calor me invade, e tudo parece girar um pouco. Quando vejo que Lori não se afasta, acaricio seus lábios com os meus de forma suave, ela fecha os olhos e suspira e então eu me perco de vez. Puxo seu corpo para junto do meu e minha língua pede passagem para explorá-la, sinto-me embriagado com seu sabor. Lori poussa suas mãos em meus ombros e puxa-me mais apertado ao seu corpo. Minhas

mãos saem do seu rosto, descem pelo seu pescoço e depois mais abaixo explorando seu corpo.

— Oh Rule... — ela geme e acordo para a realidade.

Afasto-me de forma brusca e Lori me olha confusa.

— Eu... Eu... Me desculpe... Eu não deveria me aproveitar dessa situação, eu só... Só...

Lori então se aproxima e deposita um dedo em meus lábios para me calar.

— Rule... — Sua mão acaricia minha face de forma carinhosa e ela sorri timidamente. — Eu sei exatamente o que você está sentindo, porque eu sinto o mesmo. Eu não sei em que momento aconteceu, mas quando eu vi já estava apaixonada por você. Eu sei que é errado, mas não posso não sentir — fala.

— Então não vai embora, eu não posso te prometer nada referente a nós dois por enquanto, mas posso te garantir que vou cuidar de vocês duas — peço.

— Eu não quero ir embora — diz e lágrimas voltam aos seus olhos. — Mas tenho medo de que possam fazer algo contra você, eu não posso permitir que te aconteça algo por minha causa.

Puxo novamente sua cintura e encosto minha testa na sua.

— A única coisa que me importa é manter vocês seguras. Eu não me importo de me ferir para isso, desde que eu possa proteger vocês.

— Mas eu me importo...

— Acho que você sente o mesmo que eu em relação a isso — a corto.
— Lori, você quer me proteger e eu quero proteger vocês, acho que podemos simplesmente fazer isso juntos.

Ela sorri timidamente e concorda:

— Acho que sim, mas eu ainda...

— Não tem mais... Vai dar tudo certo. — Ela assente, mesmo com dúvidas em seus olhos. — Isso parece um sonho, você e eu...

— Eu não posso acreditar. Eu tive tanto medo do que você pensaria se soubesse o que eu estava sentindo — diz envergonhada.

— E eu fiquei com medo que você saísse correndo com a Mel. Eu estou tão acostumado a ver o lado negativo de tudo que sinto que a qualquer momento tudo vai acabar. Vocês foram as melhores coisas que me aconteceram em muito tempo e mal posso acreditar que isso é real.

Lori então pega minha mão e leva até o seu coração.

— Está sentindo? — Assinto. — Isso é real, Rule, louco, mas real. Em meio a toda essa bagunça, meu sentimento por você é a única certeza que tenho nesse momento.



RULE

Os dias passam tão rápido quando somos felizes que não percebemos o tempo passar. Ficamos tão cheios de sentimentos bons que os problemas parecem não ter tanta importância. Tudo parece tão perfeito que tenho medo de simplesmente desaparecer das minhas mãos. Lori e eu estamos cada vez mais próximos e esconder isso da Mel não está sendo fácil, ela é muito perspicaz e já notou que tem algo diferente entre nós. Mesmo assim achamos melhor manter nossos sentimentos apenas para nós mesmos, pelo menos até que tudo seja resolvido.

Jack não gostou nada da decisão da Lori em continuar na minha casa, esse cara não me inspira confiança, e agora tenho que aguentá-lo quase todos os dias passando por aqui para “*saber como estão as coisas.*”

— Ei, Jackson, incêndio a duas quadras daqui — Roger, meu companheiro de trabalho, grita e já me joga as chaves do caminhão.

Sáímos em disparada para chegar o quanto antes no local e diminuir o risco de vítimas gravemente feridas ou até mesmo mortas.

Cinco minutos depois e estacionamos na frente de uma pequena casa. Da janela da cozinha vemos fumaça saindo e algumas pessoas estão ao redor tentando ajudar jogando baldes de água.

Desço do caminho e enquanto Roger e Scoth preparam a mangueira vou avaliar o estrago e o tamanho.

— Por gentileza, peço que se afastem do local. Nós assumimos daqui, muito obrigado pela ajuda — digo aos moradores.

Eles por sorte me ouvem e se afastam, mas ainda continuam à espreita observando tudo.

— Pelo amor de Deus, é minha casa. Vou perder tudo — uma senhora grita desesperada.

— Fique calma, seu nome é? — questiono.

— Rosalinda, por favor moço me ajude.

— Iremos ajudá-la Rosalinda, mas preciso saber como começou o fogo?

— Eu não sei — diz desesperada.

— Tudo bem, fique aqui fora. Eu vou entrar para verificar.

— Rule, estamos prontos — Roger avisa já se aproximando.

Aceno com a cabeça e entro na casa pela porta da frente. A casa está tomada pela fumaça, mas o incêndio é menor do que parece. Chego a cozinha e vejo que as cortinas e uma parte do balcão estão queimando. A fumaça escura e um pouco mais densa que o normal é causada pela quantidade de plástico que está sendo consumido.

— Pequeno porte, controle rápido — aviso meus companheiros pelo rádio.

Menos de uma hora depois e tudo está controlado. Ninguém se feriu e fora o estrago de parte da cozinha, tudo está em perfeita ordem. Rosalinda nos agradece mil vezes e deixamos a casa quando ela está mais calma. O incêndio foi causado por uma vela que ela deixou acesa próximo a materiais inflamáveis, que como ela não estava perto para conter acabou se alastrando de forma rápida. É incrível como a taxa de incêndios por acidentes domésticos é alta.

Subimos no caminhão e como não há nenhuma ocorrência nosso

destino será de volta para a base.

Dirijo apenas um quarteirão quando uma placa me chama atenção. Trata-se de um pet shop e alguns gatinhos estão disponíveis para doação. Gravo bem o local e no fim do expediente retorno ao endereço.

Entro na loja e está um pouco cheio, mas logo um jovem vem me atender.

— Boa tarde, eu gostaria de saber mais sobre os gatinhos que estão para adoção.

O rapaz sorri e me leva até onde estão os filhotes.

— Sobraram apenas esses dois. Eles têm apenas 03 semanas — explica.

Observo os bichanos brincando ainda meio lentos devido ao seu pequeno porte. Passo a mãos em suas cabeças e eles se aninham em meu braço querendo brincar. Um é amarelado e o outro acinzentado. São muito lindinhos e tenho certeza que Mel irá amar os dois.

— Os dois são machos — diz o jovem atendente.

— Irei levá-los. Pode preparar tudo o que preciso para cuidar deles?

— Claro, senhor. Só um momento.

Meia hora depois e estou saindo com uma cesta na mão, carregando dois filhotes que dormem tranquilos a caminho do seu novo lar.

Chego em casa e tudo está quieto. Ouço um barulho na cozinha e sigo para lá. Lori está no fogão cozinhando algo, observo ao redor e vejo que Mel não está aqui. Lori se vira um momento e ao me ver chegar sorri.

— Onde está a Mel? — pergunto deixando a cesta na entrada da cozinha e me aproximando de Lori.

— No quarto assistindo — responde e se volta para a panela.

Mal suas palavras saem da sua boca e minhas mãos estão em sua

cintura. Inalo o cheiro dos seus cabelos e deposito um beijo em seu pescoço. Ela larga o que está fazendo, vira-se de frente para mim e me beija.

— Senti sua falta — sussurro em sua boca.

— Eu também — diz.

Volto a beijá-la, até que um miado chama nossa atenção. Lori se afasta e me olha confusa.

— Tenho uma surpresa — digo com um sorriso amarelo.

— Surpresa?

Assinto.

— Essa surpresa, por um acaso tem quatro patas? — questiona com uma sobrancelha arqueada.

— Somando, na verdade, tem oito — brinco e seus olhos se arregalam.

— Rule!

— Lori! — digo e a puxo para mais um beijo. Estou completamente perdido por essa mulher. — A Mel vai adorar.

— Você não tem jeito — diz, mas um sorriso brinca em sua face.

— Vou mostrar pra ela, quer ir comigo? — pergunto.

— Agora não posso sair daqui. Vá você.

— Ok!

Dou-lhe mais um beijo rápido e subo com a cesta para o quarto da Mel.

A porta está aberta e ela brinca com algumas bonecas.

— Princesa — chamo e quando me vê, ela corre para me abraçar.

— Tio Rule!

Abaixo-me a tempo de receber seu abraço e um enorme beijo no rosto.

— Quer brincar comigo?

— Claro, mas antes olha a surpresa que trouxe para você.

— Surpresa? — Seus olhos brilham.

— Sim.

Pego a caixa que está atrás de mim, a trazendo para os meus pés. Mel olha encantada para os pequenos bichanos que começam a miar. Ela se abaixa e começa a acariciá-los.

— Eles são pra mim, tio Rule? — pergunta.

— São seus, princesa. São dois machos.

— Machos? Pensei que era gatinhos — pergunta intrigada.

Rio do seu comentário.

— São gatinhos, dois gatinhos meninos.

— Ahhhhh! Então macho é menino?

— Isso mesmo princesa, machos são meninos e fêmeas são meninas — explico.

— Então você é macho e mamãe e eu fêmeas?

— Mais ou menos isso, princesa — respondo sorrindo.

Os gatinhos miam cada vez mais alto e desconfio que estejam com fome.

— Acho que eles estão com fome, vamos alimentá-los?

— Sim — grita animada, tomando um dos gatinhos em seu colo. Ela o levanta e o observa alguns instantes antes de dizer: — Seu nome será Tom e o seu Jerry — completa olhando para o outro gatinho na caixa.

— Coloque Tom aqui e vamos pegar as coisas deles lá embaixo — peço.

Mel coloca o gatinho na cesta e descemos. Quando chegamos no piso

inferior ela corre em disparada para a cozinha e posso ouvir sua voz contando sobre os gatinhos para Lori.

— Eles são muito lindos, mamãe — diz toda sorridente. — Olha só! — Aponta quando entro na cozinha com a cesta nas mãos.

Coloco a cesta no chão e ela corre para brincar com eles. Vou até o material que o rapaz da loja preparou e com a ajuda das duas alimentamos os gatinhos. Mel não se cabe em si de tanta felicidade.

— Agora, acho que nós podemos comer. O jantar está pronto — Lori avisa.

— Oba! Eu estou faminta. — Mel pula e corre para lavar as mãos no banheiro.

Quando ela sai Lori toca em meu braço.

— Obrigada por nos fazer feliz apesar de toda essa confusão — diz e me lança um olhar carinhoso.

Antes que eu possa responder Mel volta correndo para a cozinha. Mal sabe Lori que elas quem me fazem um homem feliz e realizado.

EM ALGUM LUGAR DE SEATTLE...

— Tem certeza que ela perdeu a memória? — questiono o imbecil que está na minha frente.

— Sim senhor, não houve nenhum tipo de reconhecimento quando Denver se aproximou e o tempo que estou vigiando a casa não houve nenhum indício. Mas o policial está de volta.

— Que policial? — Viro-me para encarar o homem à minha frente. O medo evidente em seus olhos.

— Jack Neith. Ele vai lá todos os dias e a casa está sendo protegida.

Droga! Eu já tinha dado um jeito de me livrar desse desgraçado, porque ele tinha que voltar. Terei que matá-lo igual fiz com seu parceiro. Se aquele do imbecil do Dimmy não tivesse me pedido para deixá-lo vivo nada disso estaria acontecendo.

— Maldito! — Soco o tampo da mesa de madeira. Sinto a queimação nos nós dos meus dedos e tento raciocinar. — Chame London, já sei o que fazer.

— Sim... Sim senhor — assente antes de sair correndo.

Essa putinha e esse desgraçado vão apender a nunca mais cruzarem meu caminho.



LORI

Depois do jantar, assistimos um filme na sala até Mel pegar no sono. Rule a levou para o quarto e depois se juntou novamente a mim no sofá.

— Enfim sós — diz me puxando para acomodar meu corpo ao seu lado. — Eu amo a Mel, mas é uma situação incomoda ter que ficar escondendo o que temos dela.

— Eu também sinto o mesmo, mas temos que aguentar só mais um pouco.

Ele assente e sinto que algo o incomoda.

— O que está passando nessa cabecinha? — questiono.

Ele sorri e me beija de forma carinhosa.

— Nada, só estou cansado.

Suas palavras não me convencem, mas vou dar seu tempo e esperar que Rule queira falar. As coisas nessa última semana têm sido muito calmas, muito boas para ser verdade. Minha ficha sobre o que temos ainda não caiu, me sinto insegura em relação a tudo e hoje mais ainda. Acordei inquieta e com um sentimento de que algo ruim está por vir. Como quando temos uma calmaria antes da tempestade. É assim que estou me sentindo.

Rule e eu ficamos no sofá curtindo um ao outro até que o telefone toca.

— Quem será a essa hora? — pergunto.

Rule atende o telefone e pela sua expressão imagino que seja Jack.

— Ok. Estamos te esperando — responde antes de desligar e uma careta se plantar eu seu rosto. — Neith, está indo pra cá. Disse que precisa falar com você urgente.

— Ele disse sobre o quê?

— Não, apenas perguntou se poderia vir até aqui.

Assinto e um sorriso se forma em meu rosto. Rule parece um menino emburrado quando se trata de Jack.

— Não estou entendendo a graça — resmungo.

— Essa cara feia que faz cada vez que Jack vem aqui é por ciúme ou tem algo a mais? — pergunto e ele me encara.

— Eu não vou mentir e dizer que não morro de ciúme dele — assume.
— Sei que é bobagem, mas não consigo não me sentir ameaçado em relação a você quando ele está por perto.

Não posso deixar de sorrir, pois suas palavras me dão um certo conforto de que ele realmente sente algo por mim.

— Eu te entendo, se fosse o contrário eu me sentiria da mesma forma.

Seguro seu rosto com as minhas mãos e encosto meus lábios nos seus.

— Lori. — Ele me afasta e continua: — Eu sem querer ouvi sua conversa com a Nancy.

Minha respiração para. Abaixo meus olhos envergonhada, mas Rule levanta meu rosto para que olhe em seus olhos.

— Não precisa sentir vergonha. Eu só quero saiba que pode ter certeza que não estou querendo substituir, a filha que perdi naquele acidente, pela Mel, assim como não quero substituir Camila por você. A Camila foi o meu primeiro amor e isso nunca vai mudar, dele nasceu minha filha e o tempo que

passei com elas foi um dos mais felizes da minha vida. Eu nunca vou esquecê-las ou deixar de amá-las. Infelizmente elas se foram e eu fiquei, sofri como o diabo, mas Deus me deu uma nova chance para amar colocando você e a Mel no meu caminho. E com vocês, eu aprendi que a gente não se vive apenas uma vez, eu aprendi que gente não ama apenas uma vez. — Meus olhos estão marejados e ele acaricia meu rosto de forma terna. — Nunca pense que o que sinto por vocês é por causa delas. Camila foi o furacão que agitou minha vida fora de mim, você e a Mel foram a brisa que me trouxe de volta à vida.

Eu quero lhe dizer várias coisas, quero dizer tudo o que estou sentindo, mas o toque da campainha nos interrompe.

— Deve ser o Neith, vou abrir a porta.

— Rule — chamo quando ele ameaça se levantar. — Eu...

Ele não deixa que eu termine. Seus lábios encostam nos meus de forma casta e ele sussurra:

— Essa conversa ainda não acabou, mas vamos ver o que o detetive quer. — Rule faz uma careta ao falar sobre Jack e depois pisca para mim antes de se levantar.

Rule abre a porta e minutos depois ele e Jack adentram a sala.

— Boa noite Lori, me desculpem a hora. Mas o que tenho para falar é urgente. — Jack diz assim que me vê.

— Só para variar não é, Neith?! — resmunga Rule.

— O que houve? — pergunto receosa, ignorando o comentário de Rule.

— Antes de mais nada, não importa o que te falem ou peçam, preciso que confie em mim quando eu disser o que fazer — diz apreensivo. Ele anda de um lado para o outro.

— O que quer dizer com isso? Não estou entendendo.

— Estamos armando uma emboscada para pegar Sylvester e seu bando, já estamos com quase tudo certo.

— Isso é uma ótima notícia — digo animada.

Jack se vira para mim e seus olhos estão preocupados.

— Sim, mas tem um problema.

Minha animação murcha na hora.

— Qual problema? — Rule tira as palavras da minha boca.

— Eles acham que uma confissão do Sylvester seria a nossa melhor prova. Algo irrefutável para sua condenação. Por isso eles pensaram.... Que... Eles pensaram em...

— Fala logo Jack, o que eles pensaram?

Seu nervosismo está me contagiando e minhas mãos começam a tremer.

— Eles... Eles acharam que seria uma boa ideia se você conseguisse isso — diz finalmente. Meu cérebro ainda está processando suas palavras quando ele acrescenta: — Meu superior acha que se armassemos uma emboscada fingindo que um dos nossos agentes entregaria você para Sylvester, talvez você conseguisse uma confissão e conseguiríamos prendê-lo. Mas eu já deixei claro que isso está fora de questão

Ainda estou tentando entender quando Rule se mete na conversa. E ele parece muito aborrecido.

RULE

— Claro que ela não vai — as palavras saem da minha boca, sem que

eu ao menos pense.

Esse cara só pode estar louco, não posso acreditar na loucura que está sugerindo. Ele não pode estar falando sério se acha que vai usar Lori como isca para pegar um bandido que está louco para pôr as mãos nela.

— Rule, se acalme — Lori pede.

— Como quer que eu fique calmo? Você ouviu o que ele disse? — berro.

— Por favor, fala baixo ou vai acordar a Mel — fala de forma incisiva.

Estou agindo feito um imbecil, mas só de pensar que Jack está sugerindo que Lori coloque a vida em risco, meu sangue ferve.

— Acredite Jackson, eu também não quero que Lori faça isso, mas meus superiores me mandaram vir aqui e falar com ela, estou apenas cumprindo ordens. Porém meu relatório será negativo, irei dizer que ela não aceita e eles não poderão obrigá-la a nada — Jack diz e consigo respirar.

— Mas eu não disse que não aceitaria — Lori fala frustrada.

Jack e eu olhamos para ela perplexos.

— Não, não... Lori você ouviu o que ele acabou de sugerir? — questiono tentando fazê-la entender a gravidade da situação.

— Eu ouvi perfeitamente, Rule — responde de forma nervosa.

Passo as mãos na cabeça e tento me acalmar antes de conversar com ela novamente, afinal brigar não vai adiantar nada.

— Lori, você não precisa e não vai fazer isso — Jack diz olhando em seus olhos. — Eu já coloquei a vida de vocês em risco uma vez, não vou fazer de novo.

Lori solta um suspiro, ela parece cansada.

— Jack, acho que essa decisão só cabe a mim. Se tem algo que eu

possa fazer para acabar essa loucura da minha vida, eu vou fazer e não há nada ou ninguém. — Lori me encara. — Que irá me impedir, fui clara?

Saio da sala irritado e me recuso a ouvir o resto da conversa.



LORI

Rule sai da sala deixando Jack e eu a sós, quero ir atrás dele, mas preciso resolver um problema de cada vez e esse no momento é o mais importante.

— Basicamente o que eu terei que fazer? — questiono.

— Lori... — ele começa a falar e sei que vai tentar me convencer.

— Jack, poupe nosso tempo tentando me convencer do contrário e vai direto ao ponto. Eu já não aguento mais essa situação e como eu disse se tiver algo que eu possa fazer, eu vou e ponto.

Jack suspira, põe as mãos na cabeça e a joga para trás. Alguns segundos se passam e ele me encara. Arqueio minhas sobrancelhas para que ele entenda que não tem opção.

— Como eu te falei, temos agentes infiltrados no pessoal de Sylvester. Um deles ficaria responsável por te levar até ele, como Sylvester pediu. Temos várias provas contra ele, mas uma confissão seria nossa principal prova para trancafiá-lo até a morte dentro de uma cadeia. — Jack faz uma pausa, se levanta e começa a andar de um lado para o outro. — A questão é que não temos essa confissão, por isso...

Alguns segundos se passam e nada.

— Por isso... — instigo.

— Eles acham que você poderia instigá-lo a falar algo quando fosse supostamente entregue a ele. Lori, tem noção do quanto isso é arriscado?

Ignoro suas últimas palavras e foco no principal.

— Mas por que acham que ele faria isso? Você acha que eu conseguiria?

— Deus, você não está em seu juízo perfeito.

— Só responda minha pergunta — insisto.

— Sylvester gosta de se vangloriar dos seus “feitos”, um dos seus hobbies favoritos é a tortura psicológica. Ele gosta de contar como foram seus crimes, como matou... Ou feriu pessoas...

Um nó se forma em minha garganta, mas não posso sentir medo ou pensar em desistir.

— Eu posso fazer isso — digo, mais para mim mesmo do que para Jack.

Ele se senta novamente e toma minhas mãos nas suas.

— Lori, isso é muito perigoso. Eu não posso permitir que você se arrisque dessa forma — diz de forma desesperada.

— Essa escolha não é sua — repito. — Você disse que serei levada por um policial, ele pode me proteger e tenho certeza que o local terá outros policiais.

— Outros policiais e outros homens do Sylvester. Se algo acontecer com você nunca irei me perdoar — diz com pesar na voz.

— Eu preciso fazer isso, Jack.

Ele me encara por um bom tempo antes de acenar de forma triste.

— Eu irei falar com meus superiores amanhã, quem sabe até lá você coloque a cabeça no lugar.

— Eu já tomei minha decisão. Ligue para eles agora — peço, pois sei que Jack pode muito bem dizer que eu não aceitei.

— Lori, pense melhor. Amanhã eu falo com eles, caso não tenha mudado de ideia — insiste.

— Eu não vou mudar de ideia! Ligue para eles agora.

— Minha esperança é que Rule te faça enxergar o quanto isso é perigoso.

— Jack! — Seguro firme em seu pulso para que me ouça. — Ligue!

Ele balança a cabeça e finalmente pega o telefone em seu bolso. Disca um número e põe no ouvido.

— Coloque no viva-voz — peço.

Ele me olha surpreso e com uma carranca ativa o viva-voz. Ouço o bipe de mais um toque e uma voz grossa preenche o silêncio.

— Alguma novidade, Neith?

— Ela.... — O encaro e ameaço falar eu mesma, mas ele se adianta. — Ela aceitou senhor.

— Ótima notícia. O voo de vocês está reservado para amanhã à noite. Estejam prontos, passarei mais instruções quando chegarem em Seattle.

— Entendido, senhor. Até breve. — Jack desliga o telefone e me encara. — Satisfeita?

Apenas assinto com a cabeça.

Jack vai embora e quando vou atrás de Rule ele não está em casa. Sinto-me triste e sozinha, mas deixo que ele se acalme antes de conversarmos. Lágrimas ameaçam cair, mas as seguro. A verdade é que estou com muito

medo, mas essa é a melhor decisão.

Sento-me no sofá e começo a ter um flash dos últimos dias. Os momentos entre Rule, Mel e eu, é por esses momentos que preciso fazer isso. É por eles que preciso ser forte e ajudar a colocar Sylvester na cadeia, para que enfim possamos seguir em frente sem medo.

Acabo pegando no sono, sou despertada por Rule. Abro meus olhos ainda meio sonolenta e encontro os seus, eles estão vermelhos e tristes.

— Me desculpa, mas foi demais pra mim e precisei sair para pôr a cabeça no lugar.

Me ajeito no sofá e Rule se senta ao meu lado, puxando meu corpo para montar em seu colo. Ele encosta nossas testas e inala uma respiração profunda.

— Não precisa se desculpar, eu acho que teria a mesma reação. Mas você precisa entender que estou fazendo isso por nós — digo.

— Então você vai mesmo! — afirma com um suspiro pesado.

— Vou. Viajo amanhã à noite.

Seus olhos me suplicam e meu peito dói.

— O que eu posso fazer pra você mudar de ideia? — pergunta.

— Nada. Mas eu preciso que você cuide da Mel.

Rule aperta meu corpo contra o seu e enfia a cabeça em meu ombro. Sinto sua respiração pesada e sei que ele está chorando.

— Eu não posso perder você, Lori.

Meus próprios olhos se enchem de lágrimas e não consigo me controlar.

— Você não vai me perder. Eu vou voltar, pela Mel e por você — digo na tentativa de nos acalmar, pois eu mesma já não tenho certeza de nada.

Encosto meus lábios nos seus e o beijo, tento demonstrar nesse beijo

tudo o que sinto por esse homem.

— Ah Lori... — ele geme em meus lábios.

Me afasto dos seus lábios e pego seu rosto em minhas mãos para que ele olhe em meus olhos.

— Rule... — as palavras parecem presas. Não quero parecer pessimista, mas preciso perguntar. — Eu farei de tudo para voltar para vocês, mas...

— Não... — Toco seu lábio para silenciá-lo.

— Mas... Mas caso algo aconteça, promete que vai cuidar da Mel?

Não imagino ninguém melhor do que ele para cuidar da minha vida.

— Você não deveria nem me pedir isso. Sabe que amo a Mel como uma filha e jamais a deixaria sozinha — diz.

Suas mãos alisam meu corpo como se eu fosse escapar a qualquer momento.

— Eu sei! — Dou um selinho em seus lábios. — Eu quero te pedir mais uma coisa.

— Todas — responde.

— Eu quero ser sua — De repente seus olhos que estavam fechados se abrem. Então acrescento: — Eu quero ser completamente sua, preciso sentir você. Se por algum motivo essa seja nossa última noite juntos, eu quero que ela seja especial.

Ele fica em silêncio e quase me arrependo das minhas palavras.

— Você tem certeza? — questiona e apenas assinto de forma positiva. — Essa não é a nossa última noite, e todas as noites que estamos juntos são especiais. Mas nesse momento também preciso te sentir, por inteira — afirma e me pegando no colo segue em direção as escadas.

RULE

Subo as escadas com Lori em meu colo. Meu coração parece que vai saltar pela boca e minha respiração está irregular. Eu sei que ela está com tanto medo quanto eu, por isso preciso colocar meu desespero de lado e tentar que ela se sinta confiante. Sei que sua decisão é pensando no que pode ser nossa família, mas isso não torna mais fácil o fato de que ela corre um grande perigo. Não muda o fato de que estou completamente desesperado por medo de que algo aconteça a ela, e que estou quase a ponto de prendê-la para que não vá.

Chegamos ao meu quarto e delicadamente deito seu corpo sobre a cama. Ela se apoia nos cotovelos e seus olhos brilham por uma mistura de excitação e medo.

— Você não precisa fazer isso se não tiver certeza — me obrigo a dizer.

Apesar de todos os outros sentimentos que nos envolvem agora meu desejo por essa mulher a minha frente é inigualável. Saber que em algum tempo estarei dentro dela, me deixa como um adolescente prestes a perder a virgindade.

— Eu tenho certeza, mais do que qualquer coisa — diz.

Aproximo-me da cama e cubro seu corpo com o meu. Inalo o cheiro dos seus cabelos e fico perdido.

— Eu desejei tanto isso que não sei como começar, não sei como agir com você — confesso.

— Eu me sinto da mesma forma.

Rimos os dois nervosos. Algo que parece tão simples de repente se tornando complexo. Talvez seja pela imensidão do que isso representa, ou porque... Porque não sei.

— Acho que podemos começar nos beijando — Lori diz com um sorriso tímido.

— Acho que nos beijarmos é um ótimo começo — digo antes de encostar meus lábios nos seus.

Começamos com um beijo lento, explorador, até que encontramos um ritmo e tudo o que parecia confuso se torna claro. De repente todo o resto ao nosso redor parece desaparecer e só o nosso desejo um pelo outro é o que importa.



RULE

Acordo com olhos curiosos me encarando e quase pulo da cama ao perceber que é Mel quem nos observa. Um sorriso brinca em seu rostinho.

— Bom dia — ela diz quando percebe que acordei.

Por sorte Lori e eu estamos cobertos, ou a cena seria muito pior.

— Bom dia, princesa — sussurro ainda me situando.

— Você e a mamãe dormiram juntos de novo? — questiona antes que eu tenha colocado meus pensamentos em ordem.

Obrigo minha mente a funcionar e penso em algo rápido.

— Sim — respondo, afinal não tenho como mentir. — Princesa, por favor, me espera no seu quarto que o titio já vai até lá.

Ela me olha desconfiada e sai correndo para o seu quarto.

Lori dorme tranquila, alheia a tudo. Não me lembro o exato momento em que caímos no sono, mas sei que já era muito tarde, quando nossos corpos já estavam satisfeitos e exaustos. Seus cabelos estão esparramados pelo meu peito e com cuidado beijo seus lábios antes de tentar sair da cama sem acordá-la.

Levanto na ponta dos pés e vou atrás de uma roupa. Minutos depois encontro Mel em seu quarto.

— Pronto, princesa. Que tal me ajudar a preparar um café especial para a mamãe? — pergunto e ela assente.

Pego em sua mão e descemos em silêncio.

Na cozinha sento Mel no balcão da cozinha e ela me encara séria.

— Tio Rule — chama.

— Oi — respondo enquanto estou pegando algumas coisas na geladeira.

— Aquele dia você dormiu no quarto da mamãe e hoje ela dormiu no seu quarto, não é?! — Quando olho em sua direção e a encaro, ela pergunta: — Você e a mamãe estão namorando?

Sua cabecinha se vira de lado e seu rostinho se torna questionador e esperançoso ao mesmo tempo.

Fico sem reação com sua pergunta. *Onde Mel aprendeu o que é namorar?*

— Princesa... — Suspiro tentando achar as palavras certas. — A sua mamãe... E eu... — gaguejo e então Mel continua:

— Eu sei que você gosta da mamãe e ela gosta de você — deduz. — Você gosta da mamãe, não é?

— Muito, Mel. Eu amo sua mamãe — digo as palavras que estavam presas.

A verdade é que depois dessa noite, se eu tivesse alguma dúvida do que sentia por Lori, foi sanada. Eu a amo, a amo de uma forma diferente de tudo o que senti na vida.

Mel bate palmas feliz e conclui:

— Então vocês são namorados.

Sua felicidade é tanta que não consigo contrariá-la, então acabo fazendo uma loucura.

— Sim, princesa. Mas não pode falar isso para ninguém, é nosso segredo — digo.

Ela cruza os dedos em frente aos lábios e diz com um sorriso:

— Juro, juradinho.

Terminamos o café e depois de alimentar Tom e Jerry subimos com uma enorme bandeja para o quarto para acordar nossa princesa adormecida.

LORI

Abro meus olhos e ainda não posso acreditar nos últimos acontecimentos. É como se tudo o que aconteceu na noite anterior fosse um sonho, um sonho bom, pelo menos.

Olho ao redor e constato que estou no quarto do Rule, mais especificamente na sua cama. Um sorriso molda meu rosto ao me lembrar de tudo o que fizemos essa noite e em como me senti bem ao seu lado.

— Bom dia.

Sou tirada do meu mundinho pela voz de Rule. Ele se aproxima e toma meu rosto em suas mãos.

— Bom dia — respondo com um sorriso bobo.

— Tudo bem? Você dormiu bem?

Assinto com a cabeça, ele se afasta e pega uma camisa sua no guarda-roupas.

— Levanta os braços — pede.

Faço o que ele pediu e Rule passa o tecido por meus braços.

— Melhor assim? — pergunto.

— Na verdade preferia você sem nada, mas considerando que temos uma filha bem curiosa e esperta, assim está melhor.

Suas palavras me fazem sentir algo se revirando dentro de mim, mas não tenho tempo de falar nada, pois Mel entra no quarto.

— Bom dia, mamãe — cumprimenta sorridente. — Tio Rule e eu fizemos o café da manhã.

Rule pega uma bandeja com algumas coisas e coloca em meu colo.

— Nossa, quanta coisa!

Tomamos nosso café na cama, os três como se fossemos uma família. Um sorriso pela sensação de me sentir amada e segura não saía do meu rosto. E por esse sentimento que tive mais certeza que estou fazendo a coisa certa, por mais estranho que pareça confio em Jack e sei que ele vai me proteger. Tenho fé que conseguiremos prender esse bandido e eu vou voltar e ser feliz com Rule e Mel, com a minha família.

Depois do café saímos para um passeio no parque. Jack me avisou que passaria as 20h00 para me buscar e então decidi aproveitar o dia. O assunto não foi tocado durante o dia e só perto da hora que Jack viria decidi conversar com a Mel.

Subi para o seu quarto e a sentei em meu colo.

— Meu anjo, a mamãe vai precisar fazer uma viagem e precisa que você fique com o tio Rule.

Ela me encara com os olhinhos curiosos.

— Viagem pra onde, mamãe?

— Para Seattle.

— É longe? Por que eu e o tio Rule não podemos ir também? — questiona.

Acaricio seus cabelos e tento explicar da melhor forma possível.

— Porque a mamãe precisa ir sozinha e vocês dois precisam cuidar do Tom e do Jerry.

— Mas eu vou sentir sua falta — diz manhosa e faz um biquinho. Seguro minhas lágrimas e a abraço forte contra meu peito.

— Eu também, meu anjo, mas a mamãe vai voltar rapidinho.

Ela assente com a cabeça e me aperta nos seus bracinhos.

— Obedeça o tio Rule e nunca se esqueça que a mamãe te ama.

— Eu também te amo, mamãe.

A deixo vendo desenho, passo no meu quarto, pego a pequena mochila que preparei e desço as escadas. Jack já está a minha espera.

Deixar Rule e Mel foi mais difícil do que eu imaginei, mas é para o nosso bem. Só podemos ser felizes depois que Sylvester estiver atrás das grades. Não posso viver com medo de que ele vá mandar um de seus homens para fazer algo contra mim ou contra Mel.

— Você está bem? Ainda pode desistir, você não precisa fazer isso, Lori — Jack diz me tirando dos meus devaneios.

— Não preciso, mas eu quero. Quero viver em paz com a minha filha — digo virando-me na poltrona do avião para encarar seus olhos.

Já faz mais de uma hora que decolamos e estou uma pilha de nervos.

— Eu sei — responde. — Mas isso não me deixa mais tranquilo, é muito arriscado.

— Arriscado é esperar que esse bandido mande um dos seus homens atrás de mim e da minha filha.

— Eu jamais deixaria que ele chegasse perto de vocês novamente —

diz de forma triste.

Posso ver em seus olhos que Jack se sente culpado por tudo o que Mel e eu passamos.

— Por que quer tanto nos proteger? — questiono.

Ele abaixa a cabeça e suspira pesado.

— Porque eu devo isso ao Johnson, ele era como um irmão para mim e eu não pude protegê-lo, não pude evitar que ele morresse — diz com pesar na voz.

— Você não tem culpa, Jack.

Pouso uma mão em seu ombro para confortá-lo.

— Talvez não, mas sei que se fosse o contrário ele faria o mesmo em relação a minha família.

— Você é casado?

— Não... Não mais.

— Você se separou?

— É... Complicada a minha situação. Mas não importa, tente dormir um pouco e descansar.

Assinto com um balançar de cabeça e volto a observar a janela do avião. Até que um pensamento me vem à mente.

— Jack — chamo.

— Oi.

— Você poderia me levar até a minha casa?

— Como assim? - ele me encara.

— Eu sinto que preciso ir até a minha casa.

— Você se lembrou de algo?

— Não... — Abaixo a cabeça envergonhada. — Mas quem sabe

voltar para o lugar onde vivi me traga lembranças.

— Assim que resolvermos essa confusão eu te levo até lá.

— Obrigada.

Chegamos a Seattle de madrugada, depois de pegarmos nossa bagagem Jack me leva até o estacionamento onde tem um carro preparado para nós dois.

— Vamos ficar no meu apartamento aqui em Seattle. O encontro com Sylvester está marcado para amanhã à tarde.

— Ok.

Jack dirige em silêncio e eu apenas observo a paisagem. Penso em Mel e Rule e sinto falta dos dois.

— Jack — chamo. — Como era a minha vida? Como eu era? — questiono, afinal ele é a única pessoa que pode me dizer sobre a minha vida antes do acidente.

— Bom, você era feliz. Johnson e você formavam um lindo casal e quando descobriram que estava grávida da Mel, a felicidade só aumentou. Você era alegre, extrovertida e não tinha medo de encarar a vida.

— Eu queria me lembrar de tudo — digo nostálgica.

— Um dia, tenha fé.

— Quem sabe quando eu for até a minha casa eu me lembre de algo.

— Pode ser que sim.

Jack para o carro em um prédio luxuoso, depois que sua entrada é liberada ele estaciona o carro e subimos por um elevador.

O apartamento é grande, com tons claros e muito bem decorado.

— Vem, vou te mostrar o quarto de hóspedes — diz e sai caminhando na minha frente.

Jack parece nervoso, talvez ansioso com algo.

Sigo pelo corredor, ele abre uma porta e abre espaço para que eu entre. O quarto, assim como as outras partes do apartamento que eu vi, tem uma decoração clara e simples.

— Sinta-se à vontade.

— Obrigada, é lindo.

Vou até a cama e deixo a pequena mala ao lado no chão. Quando me viro Jack está praticamente em cima de mim.

Seus olhos carregam culpa e antes que eu possa entender porque sinto uma picada no meu braço. Meu corpo começa a ficar pesado e tudo parece meio fora de foco, mas antes de cair na escuridão ainda posso ouvir sua voz:

— Me desculpa, mas é para o seu bem.



JACK

— Me desculpa, mas é para o seu bem — sussurro mesmo que ela não possa me ouvir.

Deito seu corpo na cama e a cubro com uma manta que tem ao lado.

Saio do quarto e London me espera na sala.

— Tudo bem? — questiona ao me ver.

— Tudo. Está pronto?

— Há muito tempo.

Seus olhos estão alertas e sei que ódio corre junto com sangue nas suas veias. Não imagino como London aguentou todo esse tempo, sem meter uma bala no meio da testa do Sylvester. Tenho que parabenizar meu companheiro, não sei se seria profissional a esse ponto.

Tranco tudo e ligo o alarme antes de sair. Espero que depois que toda essa confusão passar Lori entenda o que eu estou fazendo.

— O carro é grampeado — London avisa.

— Que comece o show! — Sorrio frio.

Entramos no carro e assim que ele tranca as portas, começamos.

— Para onde estamos indo? — pergunto.

— Apenas dar uma volta.

— Uma volta para onde? — tento colocar um tom de preocupação na minha voz.

— Logo você vai saber.

O caminho é feito em silêncio e uma hora depois estamos em uma casa de luxo. Os portões negros se abrem depois que London é reconhecido.

Há dois quilômetros dali policiais estão apenas esperando nossa ordem para entrar em ação. Mas antes tenho um acerto de contas a fazer com Sylvester.

— Onde estamos? — questiono ficando alerta. — De quem é essa casa?

— Fica calmo, é de um amigo. Vamos apenas conversar um pouco.

Quando London estaciona na frente da casa dois homens abrem a porta antes que eu possa ao menos respirar.

— Essa não é encomenda que esperávamos. O senhor não vai ficar nada feliz com isso — diz o homem ao me ver.

London sai do carro e o encara.

— Isso não é da sua conta, deixa que com ele eu me resolvo — diz e vem para o meu lado do carro. — Me acompanhe, por favor.

Subimos uma pequena escadaria e quando estramos na casa London me guia até um quarto vazio, estamos sozinhos, mas sei que tem escutas para todo o lado. Ele pega uma corda e se aproxima. De repente tira sua arma da cintura e aponta diretamente para a minha cabeça.

— Senta aí ou eu estouro seus miolos antes que tenha a chance de piscar. Nada de gracinhas.

— London, o que está fazendo? — sussurro.

Por uma arma na minha cabeça não fazia parte do nosso combinado.

— Cala a boca e faz logo o que mandei.

O encaro em busca de uma resposta, mas seus olhos não trazem nenhuma expressão. Então apenas obedeço e confio que meu amigo sabe o que está fazendo.

Sento-me na cadeira e coloco as mãos para trás. London dá a volta ainda com a arma apontada para a minha cabeça.

— Eu vou te amarrar, se tentar uma gracinha tenho dois homens na porta que vão adorar acabar com a sua vida. Estamos entendidos?

— Sim — sussurro.

Ele se abaixa e ouço o barulho da arma sendo colocada ao seu lado. Ele junta minhas mãos e sinto algo gelado sendo colocado rente a minha blusa. Um canivete. London aperta as cordas e depois se levanta.

— Melhor assim.

— Onde está o covarde do seu chefe? Não tem coragem de fazer o serviço sujo então manda seus capachos — digo.

— Ah, não se preocupe que logo vai encontrá-lo e ai vai implorar para que o capacho aqui cuide de você.

A porta é aberta e um homem de meia idade entra.

— Senhor! — O corpo de London se retesa e ele abaixa a cabeça.

— Veja o que temos aqui — Sylvester diz me analisando. — Será que aquela vadia virou um homem ou você não teve capacidade de cumprir minhas ordens, London?

London me olha de lado antes de dizer.

— Esse é o policial.

— Policial? — repete e sua mão vai ao queixo, ele me analisa novamente tentando puxar na memória quem sou.

— Aquele policial — diz London e com suas palavras os olhos de

Sylvester brilham maliciosos.

— Senhor Neith — diz com um sorriso sádico. — É um prazer finalmente te conhecer, ouvi falar muito no seu nome, principalmente enquanto se intrometia nos meus negócios.

— Não posso dizer o mesmo sobre conhece-lo — respondo.

— Posso entender levando em conta as circunstâncias, mas logo vamos resolver isso, não se preocupe. — Dá com a mão no ar e se vira para London.— Fez um bom trabalho, rapaz, mas ainda quero a vadia.

— Eu irei achá-la.

— Claro que vai — Sylvester volta a me encarar e se aproxima. — Sabe que escondê-la não vai adiantar nada não é mesmo? Aquela vadia vai me dizer onde está aquele pen drive e depois vou matá-la igual fiz com o maridinho frouxo dela — sussurra próximo ao meu ouvido. — Ah, que indelicadeza a minha, ele também era seu parceiro.

Quero socar a cara desse maldito, quero meter uma bala nos seus miolos, quero fazer picadinho dele, mas não vou fazer nada disso porque a sua recepção na cadeia será muito mais calorosa. Irei me certificar pessoalmente disso.

— Você que colocou aquela bomba? Você matou o Johnson — acuso.

— Nada contra, mas seu amigo estava se metendo onde não devia. Foi como num jogo de xadrez, onde se eliminam as peças que ameaçam seu jogo, simples.

— Seu desgraçado, eu vou te matar — grito.

— Pode gritar a vontade, cão que ladra não morde. Você não tem chances, está amarrado, na minha casa, rodeado dos meus homens. A única coisa que vai fazer é me falar onde está aquela vadia.

— Eu não vou falar nada.

Sylvester tira seu paletó e sobe as mangas da blusa até o cotovelo.

Então desfere um soco no meu rosto, sinto a ardência e meu ódio só aumenta.

— As coisas serão assim, você me diz onde está a vadia e em troca eu te dou uma morte rápida — avisa apertando o lugar onde seu soco me atingiu.

— Vá se foder! Já disse que não vou.... — Outro soco.

— Você é um assassino.

— Nunca neguei — diz com um sorriso debochado. — Sabe quantas pessoas eu tive o prazer de matar? Sabe quantos homens, e mulheres, já passaram por essa mesma cadeira? Mais do que eu posso contar. Você é só mais um.

— Eu sou o último — digo, Sylvester gargalha e nesse momento joga as cordas no chão e pulo em seu pescoço. Ele se desequilibra com o susto e dá um passo para trás, mas logo se põe firme novamente.

— Acho que teremos um pouco mais de diversão essa noite — diz achando tudo divertido.

Desfiro um soco em seu rosto e ele vai para trás novamente, então desfiro outro e outro, sem dar chance que ele possa se defender, quando seu corpo cai no chão eu monto nele e continuo a socar sua cara com todo o ódio que guardei durante anos e só paro porque London segura meu braço.

— Você vai matá-lo — sussurra.

Sylvester está praticamente inconsciente embaixo de mim.

— Por que eu não deveria matá-lo?

— Porque nós não somos iguais a ele.

Olho para a poça de sangue que está o rosto desse maldito e me afasto.

London tira um distintivo e dá voz de prisão.

— Sylvester Malaking, você está preso por homicídio, tráfico de drogas, e outros crimes que ferem a lei dos EUA. Tudo o que disser será

usado contra você no tribunal.

London levanta o corpo de Sylvester do chão e posso ouvi-lo sussurrar.

— Você, seu idiota?

— Eu mesmo, e agora cala a boca que seu reinado acabou, idiota.

A sala é aberta e vários policiais invadem o local.

— Todos da casa já estão sendo levados. Parabéns, vocês fizeram um ótimo trabalho — diz Maik, o chefe do nosso departamento. — Esse desgraçado e a corja dele vão apodrecer na cadeia.



LORI

Acordo desorientada sem me lembrar muito bem o que aconteceu. Sento-me no quarto iluminado por uma fresta de luz que entra pela janela.

— Jack — chamo, mas o silêncio predomina o lugar.

Levanto-me ainda meio zozna e demoro alguns instantes para me equilibrar em pé. Vou em direção a porta, não está trancada. No corredor a luminosidade é maior e conluo que já é dia.

— Jack — chamo novamente enquanto caminho pela casa.

Abro as outras duas portas do corredor, outro quarto e um escritório, mas ambas também estão vazias. A sala e a cozinha também não tem ninguém e começo a ficar preocupada.

Volto para a sala a procura de um telefone. Acho um aparelho fixo, mas para quem vou ligar? Não sei nenhum número de cor.

— O que aconteceu? Por que Jack fez isso? — pergunto para mim mesma, frustrada.

Lembro-me de uma pequena agenda na minha bolsa e quando vou me virar para voltar para o quarto a porta se abre e Jack entra no meu campo de visão, ele parece acabado, seu cabelo e roupas estão uma zona e seu queixo tem um corte vermelho com um pouco de sangue seco.

— O que aconteceu? — questiono num misto de preocupação e raiva.

— É uma longa história, prometo que vou te explicar tudo.

— Você me dopou! — grito deixando que a raiva seja maior.

— Lori, foi necessário.

Ele joga as chaves na mesinha de centro e cai sentado no sofá. As mãos vão para os cabelos e ele parece meio aereo.

— Necessário? Você ficou louco?

— Eu não ia deixar que você chegasse perto daquele bandido.

— Essa escolha era minha, não sua. Eu não quero viver com medo, Jack — digo e mordo o lábio para segurar as lágrimas que ameaçam cair.

— Você não vai, acabou tudo. Sylvester está preso.

Seus olhos encontram os meus e vejo um misto de satisfação e dor.

— Co... Como assim? — Aproximo-me do sofá e me sento ao lado de Jack. — É sério?

— Sim, acabou. Você e Mel podem viver em paz, sem se preocupar que ele vá fazer algo contra vocês.

— Mas como? — Não posso acreditar, quero chorar e gritar e então percebo o motivo de Jack estar assim. — Você esta machucado, o que aconteceu?

Minha mão vai até seu lábio e ele se retrai pela dor.

— Eu nunca ia deixar que você se aproximasse daquele desgraçado, mas ele precisava acreditar que você estava a um passo dele, por isso te trouxe. Desde o início esse sempre foi o plano, eu precisava de uma confissão e de uma oportunidade, e você era essa oportunidade. Porém a sua segurança estava em primeiro lugar, por isso armei a história de te usar como isca e te trouxe para Seattle. Enquanto fazíamos isso London fingia nos viajar e conseguiu que Sylvester fosse até uma das suas casas para supostamente te

pegar, mas na verdade ele encontrou a mim. Ele achou que ia me matar e por isso confessou a morte de Johson. Então ele foi preso.

— Mas por que você está assim? Ele te machucou — constato.

— Foi só um soco, garanto que ele ficou bem pior e se London não estivesse lá provavelmente eu teria matado aquele maldito.

— Oh Jack! — digo espantada pela raiva que suas palavras e seu olhar demonstram.

— Eu queria matá-lo, Lori. Por matar Johnson, por ter feito tanto mal a vocês. No final acho que não sou muito diferente dele.

Pego seu rosto para que me olhe.

— Não diga isso, Jack. Você não é um monstro como Sylvester, você está com raiva e isso é normal, ele nos fez muito mal.

— Os meios não justificam os fins.

— Não, mas isso não torna de você um monstro. Você não o matou e isso é o que importa.

Ele assente e se levanta.

— Vou tomar um banho — diz e sai em direção ao quarto.

Jack ainda está confuso e precisa de um tempo para se achar.

Levanto-me e vou para a cozinha ver se acho algo para comermos.

Sinto-me aliviada e feliz, finalmente poderei ser feliz sem me preocupar com um louco atrás de mim. No fim o que Jack fez foi melhor, por mais que eu estivesse decidida a fazer de tudo para ajudar a prender aquele bandido, no fundo eu estava morrendo de medo que algo desse errado. Então no fim das contas foi melhor assim.

Preparo um lanche e espero Jack para comer. Quase quarenta minutos depois ele aparece, com uma aparência física melhor, mas o mesmo olhar perdido.

— Eu fiz um lanche pra você — aviso.

— Obrigado, mas estou sem fome — diz indo até a geladeira e retirando uma garrafa de cerveja.

— Jack, não vá pra esse lado. Não pense besteiras, você fez o que era certo. Prendeu um bandido, salvou a minha vida e da Mel e de muitas pessoas que deveriam estar na mira de Sylvester — digo incisiva.

Será que ele não pode enxergar isso?

— Você tem razão, eu só... — para um instante pesando as palavras.
— Eu só me sinto fora da realidade. Eu queria que Johson estivesse aqui, queria que ele soubesse que tudo o que fizemos deu um resultado, que finalmente conseguimos.

Me aproximo e o puxo para um abraço.

— Ele sabe, de alguma forma ele sabe e está orgulhoso de você — digo em seu ouvido.

Sinto um soluço e seus ombros tremem nos meus braços. Não consigo segurar as minhas próprias lágrimas de alívio.

— Então essa é minha casa? — pergunto quando horas mais tarde Jack estaciona o carro em frente a uma casa com a faixa marrom e um jardim bem cuidado.

— Sim. Tudo está do jeito que você deixou. Consegui voltar antes que eles tirassem tudo e destruíssem. Desde então uma pessoa vem toda semana cuidar de tudo.

Ainda estou dentro do carro e depois de tudo o que aconteceu não tenho certeza se quero entrar. Jack espera pacientemente para ver o que vou fazer e depois de intermináveis minutos decido encarar meu passado.

Destravo a maçaneta.

— Estou pronta — digo e saio do carro.

Jack sai também e me entrega uma chave.

Olho para as chaves em minha mão, tomo um suspiro e sigo o caminho de pedras até a porta de entrada. Jack não me segue, olho para trás e ele me dá um aceno com a cabeça me dando coragem para seguir em frente.

Entro na casa e vejo o tapete com as palavras bem-vindo na porta.

Um pequeno corredor com alguns quadros dá acesso a uma escada de madeira falsa. Dou alguns passos e tenho a vista da sala ao meu lado direito e o lado esquerdo da acesso a cozinha. Um misto de sensações toma conta de mim. Não são exatamente lembranças, mas sim saudades de algo que não entendo.

Adentro a sala e vejo um quadro com três pessoas, uma delas sou eu.

— John pediu que pintassem esse quadro assim que Mel nasceu — Jack diz atrás de mim.

— É lindo — digo e lágrimas ameaçam cair do meu rosto.

Em outro canto da sala há uma estante com mais fotos. Vários quadros com fotografias que me mostram como era um pouco da minha vida, a maioria são do Johnson comigo, algumas dele fardado, outras da Mel, e uma até mesmo com Jack.

— É você! — Aponto para o porta-retrato.

Jack o pega na mão e observa a foto, seus olhos se tornam brilhantes.

— Foi a nossa última foto juntos, uma premiação da academia.

Pego em minhas mãos uma onde estou amamentando um bebê enquanto um homem nos observa, o mesmo homem de todas as fotos, o pai da Mel, o meu falecido marido, Johnson. Meus dedos tocam o contorno da imagem e tento me lembrar de algo, mas nada surge.

— Não consigo me lembrar de nada — digo exasperada.

Coloco o porta-retratos de volta no lugar e viro-me para observar o resto da casa. A decoração e tudo o que está nela me agrada, seria o tipo de coisa que eu escolheria, na verdade provavelmente foi o que eu escolhi.

— Por que quer tanto lembrar? — Jack questiona.

Paro, pois não sei a resposta.

— Porque faz parte de quem fui, de quem sou.

— Lori, ninguém vive de passado. Nossas lembranças são boas, nos fazem aprender e muitas vezes não repetir os mesmos erros, mas sabe como dizem “*Deus escreve certo, por linhas tortas.*”

— Você tem razão, eu só...

— Você só precisa lembrar que tem uma filha linda, que tem toda uma vida pela frente. Tem um homem que está apaixonado por você assim como você por ele. O que mais pode querer? Você tem tudo o que precisa para ser feliz, deixe o passado onde ele deve ficar, enterrado. E se um dia se lembrar bem, mas não deixe que isso te atrapalhe.

— Jack eu... O Rule...

— Você não deve explicações e só um cego para não perceber que tem algo entre vocês. E sinceramente acho que os dois já passaram por muita coisa e merecem uma chance para serem felizes. Então aproveita.

Sorrio por suas palavras, afinal ele tem razão.

— Obrigada, por tudo. Você é um excelente amigo...

— Eu não fiz nada demais — tenta dizer, mas o corto.

— Você fez muito, você foi nos salvar quando ninguém mais foi, você prendeu o bandido que queria nos fazer mal, arriscou a sua própria vida para isso. Você fez muito e serei eternamente grata por tudo.

Aproximo-me e o abraço. Ele primeiro parece assustado, mas logo

retribui meu gesto. Jack se afasta e me pergunta:

— Você quer pegar alguma coisa, ou ficar mais um pouco?

— Gostaria de pegar documentos e algumas fotos.

— Eu te ajudo, precisamos ser rápidos. Tomei a liberdade de reservar um voo para você, e ele sai daqui 4 horas.

— Obrigada, estou louca para voltar para casa.

— Quer ligar para o Rule para avisar? — pergunta.

Penso e prefiro fazer uma surpresa.

— Não! Quero chegar de surpresa.



RULE

Cada minuto sem notícias da Lori é uma tortura, não saber como ela está ou o que está acontecendo me deixa louco. Minha noite foi péssima e o dia não está diferente, para piorar, já tentei ligar para o número que Jack me passou e só dá caixa postal.

Sai de casa com a Mel para tentar distrair a mente, almoçamos no restaurante da Lucy e agora estamos no shopping dando algumas voltas.

— Tio Rule, eu posso comprar um presente pra mamãe?

— Claro, princesa. O que você quer comprar?

— Não sei — diz fazendo beicinho. — Tô sem ideias.

— Vamos dar algumas voltas para ver se achamos algo, tudo bem?

Ela assente e começamos a andar atrás de algo que Lori vá gostar. Passamos em uma joalheria e vejo um lindo colar com um pingente de coração.

— Olha esse Mel.

Aponto o pingente e a pego no colo para que veja melhor.

— É lindo, pode ser esse, tio Rule?

— Claro! Eu achei lindo.

Entramos na loja e enquanto esperamos a vendedora embalar vejo

algumas alianças, sei que ainda é cedo, mas não pude deixar de pensar na hipótese. Quero que Lori seja a minha mulher, quero que carregue uma aliança com o meu nome gravado.

Pegamos o presente e no caminho para casa Scoth me liga para avisar que vão jantar lá em casa hoje. Nancy trouxe o jantar pronto e depois de comer fomos assistir um filme. Minha cabeça claro estava em outro lugar, a aflição estava tomando conta de mim e não sabia mais como disfarçar.

A campainha toca e todos se entreolharam.

— Quem será a essa hora? — Scoth pergunta receoso.

— Não sei, mas já vamos descobrir.

Levanto-me e vou abrir a porta. Meu coração para quando vejo Lori parada com um lindo sorriso me encarando.

— Oi — diz.

— Lori!

Nesse momento esqueço tudo ao meu redor e só tê-la na minha frente é o importa. Puxo seu corpo para junto do meu e tomo seus lábios de forma desesperada, Lori corresponde e me aperta contra seu corpo até que ouvimos uma vozinha de fundo.

— Eu disse que eles eram namorados — diz Mel.

Lori se afasta rapidamente e cora ao ver que Scoth, Nancy e Mel nos observam.

— Você tinha razão, princesa — diz Scoth.

— Mel... — tento repreendê-la.

— Ah Rule, querido não brigue com ela, estava na cara que vocês dois estão apaixonados — Nancy diz de forma doce com um sorriso estampado no rosto.

— Eu... Eu... — Lori tenta falar, a puxo para os braços e ela me olha

assustada.

— Eles já sabem — digo dando de ombros.

— Não precisa sentir vergonha, querida. Ficamos muito felizes com a notícia — diz Nancy.

— Mas... Como a Mel sabia? Nós... Nós sempre fomos discretos.

— Sabe como... — tento me safar, mas Mel me entrega.

— O tio Rule me contou. — Sorri de forma doce e acrescenta: — Mas era segredo, *ops*. Desculpa tio Rule.

— Tudo bem, princesa! — No final ela acabou nos fazendo um favor.

— Que tal continuarmos essa conversa na sala? — sugere Scoth.

— Claro!

Scoth, Mel e Nancy se viram para sair e puxo Lori para mais perto. Encaro seus olhos e passo minhas mãos pelo seu corpo.

— Você está bem, voltou pra gente — sussurro em seu ouvido.

— Eu disse que voltaria.

— Eu sei, mas eu tive tanto medo.

— Eu também, mas no fim deu tudo certo.

Beijo seus lábios novamente e nos juntamos aos outros. Mel corre para o colo da mãe e só sai quando acaba pegando no sono. Lori explica tudo o que aconteceu e me sinto aliviado. No fim Jack é mesmo de confiança, preciso me lembrar de agradecê-lo por tudo o que fez.

— Lori querida, que bom que está bem — diz Nancy aliviada. Ela abraça Lori e acrescenta: — Agora precisamos ir, está tarde e você precisa descansar.

— Obrigada, Nancy. Estou muito feliz por ter voltado.

— Espero que tenha voltado para ficar — Scoth diz e Lori me encara

ao dizer:

— Se depender de mim não vou a lugar nenhum.

Puxo seu braço e passo a mão pela sua cintura trazendo seu corpo para perto do meu.

— Que bom, porque você, ou melhor, vocês, irem embora não está nos meus planos — digo.

Todos sorriem, com a felicidade finalmente em nossas vidas.

— Enfim sós — digo depois de levar Scoth e Nancy até a porta.

— Enfim sós, enfim sem medo, enfim livres — Lori acrescenta.

— Então quer dizer que agora não temos nada que nos impeça? — sussurro em seu ouvido.

— Nada!

— Que bom, porque eu te quero muito.

— Muito? Quanto?

— Vamos até o meu quarto que eu te mostro.

A pego em meus braços e ela solta um pequeno gritinho. Assim como na nossa primeira vez subo as escadas com ela no colo e mais uma vez nos perdemos um no outro. Mas dessa vez sem o peso de uma despedida, apenas eu, ela e o nosso amor.

Lori não conseguiu se lembrar de mais nada, e isso agora sinceramente não importa. Estamos vivendo dias felizes e o resto, como o próprio nome já diz é resto. Ela me contou que foi até sua antiga casa e conseguiu seus documentos e os da Mel, por isso já a matriculamos numa escola e suas aulas começam na semana que vem, ela está radiante porque vai

voltar a frequentar uma escola e ter vários amiguinhos. Lori colocou na cabeça que quer estudar e arrumar um emprego, está tentando vender a casa que morava já que elas voltarem a morar lá está fora dos nossos planos. Sylvester foi condenado e não nos representa perigo algum.

— Desculpa o atraso, mas estava arrumando minhas malas — Jack diz ao se sentar ao meu lado, levanta a mão pedindo uma cerveja para o garçom.

— Já está indo embora?

— Tenho uma nova missão em Washington e como Lori e Mel estão em boas mãos, estou indo.

— Entendo. Sabe, eu ainda não te pedi desculpa pelo jeito que te tratei.

— Não precisa. No seu lugar eu agiria da mesma forma — diz dando de ombros e tomando um gole da sua cerveja.

— Então aceite meu agradecimento. Você salvou a Mel e a Lori, ela me disse tudo o que aconteceu em Seattle, você foi demais.

— Fiz o que qualquer um faria — diz.

— Não, você fez o que poucos fariam e nunca vou conseguir te agradecer o suficiente.

— Só cuide daquelas duas e as faça muito felizes, é a única coisa que te peço.

— Isso não precisa nem pedir, elas são a minha vida. — Sorrio ao me lembrar dos seus rostos.

— Você é um bom homem, Jackson. Lori e Mel não poderiam ter sido encontradas por ninguém melhor.

— Agradeço a Deus todos os dias por tê-las encontrado.

— Bom... Acho que a melação durou tempo demais já — diz se levantando. Ele me estende a mão e acrescenta: — Adeus, Jackson.

— Adeus, detetive.

Depois que Jack sai pago a conta e pego o rumo de casa. Quando chego Lori e Mel estão brincando com os gatinhos na sala, passo alguns minutos as observando e pensando em como sou um cara de sorte. Há menos de um ano atrás eu estava no fundo do poço, sem esperanças para a vida e apenas esperando o dia em que tudo chegaria finalmente ao fim e agora sou um homem completo e realizado, e última coisa que quero é que tudo isso tenha fim. Porque ao lado de pessoas que me amam e que eu amo, eu finalmente reaprendi a amar.



LORI

COMO SE FAZ UM PEDIDO DE CASAMENTO...

— Assim que você queria tudo, Mel? — pergunto para a minha pequena que está andando de um lado para o outro ansiosa.

Desde que chegou da escola me pedindo para preparar um jantar especial que está inquieta esperando pela chegada de Rule. Ela vai até a mesa e inspeciona tudo, me arrancando risos.

— Bem assim, mamãe. Está tudo lindo e o cheiro tá uma delícia, deu até fome, mas temos que esperar o tio Rule, ele já vai chegar?

— Daqui a pouco. Não vai mesmo me dizer por que esse jantar é especial? — tento arrancar algo dela.

— Na hora certa, mãae — diz pensativa.

— Tudo bem, senhora segredos.

Mel corre para a sala e fica de prontidão na janela esperando Rule, alguns minutos depois ele chega e Mel corre para seus braços.

— Também senti sua falta, princesa — diz com um sorriso ao abraçá-la.

— Tio Rule, preparamos um jantar especial hoje. Vamos comer — conta animada o puxando pelas mãos.

Rule sorri e se aproxima.

— Oi, meu amor — diz ao me ver. Ele deposita um beijo em meus lábios e minhas pernas ficam fracas. Esse homem fritou meus neurônios cada vez que se aproxima. — Senti sua falta.

— Eu também.

— Eca, vocês dois. — diz Mel fazendo uma careta pelo nossos beijo. — Vamos logo jantar.

Mel corre e se senta a mesa.

— O que deu nela hoje? — Rule pergunta confuso.

— Vamos saber durante o jantar. Ei, mocinha, que tal ir lavar as mãos?!

— É mesmo — diz pulando da cadeira em direção ao banheiro. Rule a acompanha e eu sirvo nossos pratos.

Os dois voltam e se sentam em seus respectivos lugares.

— Então Mel, vai nos contar agora por que esse jantar é especial? — questiono.

— Aguenta só mais um pouquinho, mamãe. Eu to com muita fome.

Rio do seu comentário e espero até que o jantar termine. Depois que terminamos de comer, Mel finalmente começa a falar.

— Mamãe, tio Rule — diz de forma séria. Ela se levanta e sobe na cadeira ficando em pé.

— Finalmente vamos descobrir o segredo da Mel — brinca Rule.

— Estou curiosa! — Sorrio.

— Eu amo muito vocês dois, e sou muito feliz aqui nessa casa e não quero ir embora nunca — diz e não entendo suas palavras.

— Princesa, vocês nunca vão embora — diz Rule.

— Eu sei tio Rule, mas é pra dar mais drama.

Olho para ela curiosa, e tento conter minha gargalhada.

— Mais drama? — questiono.

— É mamãe. É assim que faz nos pedidos de casamentos — fala e joga os braços no ar.

— Mel, onde quer chegar com isso? — Rule pergunta confuso.

— Então, hoje na escola eu tive aula sobre as famílias. E pensei que minha mamãe é a minha família, mas eu também queria que você fosse minha família tio Rule, queria que você fosse o meu papai.

— Oh Mel — digo tentando conter as lágrimas.

Rule a olha com ternura e quando abre a boca para falar algo ela volta a falar.

— Então eu pensei, se você casar com a minha mamãe, vai ser meu papai e nós vamos ser uma família. Então eu queria saber se você aceita casar com a gente tio Rule?

Mel põe a mão no bolso e tira um pequeno anel de plástico. Ela enstende para Rule com os olhos brilhantes e esperançosos.

— Mel, meu anjo — Rule tenta falar, seus olhos estão cheios de lágrimas e ele olha para mim que também choro emocionada por esse ato da minha pequena. — Claro que eu aceito. Aceito me casar com a sua mãe e aceito ser o seu pai.

Mel pula de alegria na cadeira e se joga nos braços do Rule que a pega no colo e beija seu rosto. Ele sussurra algo em seu ouvido e sai correndo, ouço seus passos subindo as escadas e olho para Mel confusa. Menos de cinco minutos depois Rule está de volta, sua respiração ofegante pela corrida. Ele se ajoelha na minha frente e olha para Mel.

— Vem aqui, princesa. Me deixa fazer isso do jeito certo.

Eu fico estática sem saber o que fazer. Não posso acreditar.

Mel para ao meu lado e pega minha mão.

— Lori, meu amor, aceita ser a minha esposa? — Minha boca se abre em um o e ele acrescenta: — Mel, meu anjo, aceita ser minha filha?

— A gente aceita, não é mamãe?! — Mel diz animada apertando minha mão para que responda.

— Lori? — Rule me encara.

— É claro que sim — digo em meio as lágrimas. Um sorriso molda o rosto de Rule e ele abre uma pequena com caixinha de veludo com dois anéis idênticos.

— Se me dão essa honra — diz primeiro pegando minha mão e colocando o anel e depois a mão da Mel e fazendo o mesmo.

— Eba! Agora só falta uma coisa — Mel diz animada pegando a mão de Rule para colocar o anel que ela tirou do bolso minutos antes. — Agora sim! — grita e sai pulando para abraçar os gatinhos.

Rule me puxa para os seus braços e sussurro em seus lábios.

— Eu te amo!

— Eu amo vocês.

EPÍLOGO

MEL

ALGUNS ANOS DEPOIS...

Eu amo meu irmãozinho, mas quando ele chora a noite é muito chato. Da vontade de jogar um travesseiro nele. Tipo agora.

Me levanto da minha cama quentinha e vou para o seu quarto. Papai e mamãe ainda não ouviram, então quem sabe eu mesma faça John dormir de novo. Subo na poltrona perto do berço e me escoro na grade, seus grandes olhos me encaram brilhantes pelas lágrimas.

— Por que está chorando? — pergunto baixinho. Claro que ele não responde, ele só tem 9 meses e o máximo que consegue dizer é papa.

Mas pelo menos seu choro diminui, agora são apenas resmungos. Passo minha mão em sua barriga e ele balança os bracinhos, parece Tom e Jerry quando dou carinho.

— Você quer ouvir uma história? Posso te contar uma bem legal.

Papai sempre diz que quem cala concete, então como o John não fez nada, acho que ele quer.

— Era uma vez, uma linda rainha que fugia em sua carruagem do monstro mal que queria fazer mal a ela e a sua filha, a princesa Mel. Elas fugiam muito rápido em sua carruagem, mas não sabiam que o monstro havia lançado um feitiço sobre a rainha e ela iria cair em um sono profundo. Quando a rainha dormiu acabou batendo a carruagem, e tudo estaria perdido se um rei com um coração enorme e muito bondoso não tivesse encontrado as duas.

Ele ajudou a pequena princesa e levou a rainha para que fosse cuidada pelos melhores curandeiros. O rei era um homem infeliz, não sabia mais o que era viver rodeado de amor, mas mal sabia ele que achando a rainha e a princesa ele iria encontrar também o amor.

Jonh me encara atento com seus olhinhos vidrados. Parece que está gostando, então continuo:

Ele prometeu a princesa que nunca iria deixá-la, mas uma bruxa má queria leva-la para longe dele. Porém o nosso rei era destemido e lutou pela princesa destruindo a bruxa e com a ajuda da fada Nancy e seu fado Scoth eles cuidaram e deram muito amor para a princesinha. A rainha infelizmente continuava dormindo, e o rei não sabia o que fazer. Todos ficavam triste por isso, e estavam confiantes que o curandeiro iria conseguir. Os dias foram passando até que um belo dia conseguiram quebrar o feitiço, mas a rainha não se lembrava de nada nem de ninguém e todos ficaram muito tristes.

A princesa um dia ouviu que o amor cura tudo, então pensou com seus botões que se o amor cura tudo poderia curar também a sua mamãe. Por isso começou a dar muito amor a ela e ajudou para que o rei a amasse também. No final o amor não trouxe a memória toda da princesa de volta, mas eles viveram muito felizes rodeados de amor e tiveram no fim das contas o seu felizes para sempre, assim como em todo bom conto de fadas.

Quando terminei a história John já estava dormindo e o silêncio predominava o ambiente.

— Te amo, irmãozinho — disse e sai de volta para o meu quarto.

Ainda pude ouvir o barulho da porta do quarto da mamãe e do papai se fechando e sei que eles também ouviram a minha história.

FIM

OBRIGADO CARO LEITOR POR TER CHEGADO ATÉ AQUI. NÃO ESQUEÇA DE
DEIXAR SUA AVALIAÇÃO, SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE PARA MIM.

UM GRANDE BEIJO, CAROL CAPPIA.